



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ROSA MARIA TAVARES GOUVEIA MACHADO

**«Contributos da Pedagogia Salesiana e da Pedagogia do Serviço para a construção da fraternidade»
Análise da Unidade Letiva do 5º Ano EMRC: construir a fraternidade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Cristina Maria Ramos Carvalheiro de Sá Carvalho
Professora Doutora Cátia Sofia Jorge Tuna**

Lisboa
2022

*«Lembrai-vos de que a educação é questão de coração,
do qual somente Deus pode dar-vos as chaves».*

(S. João Bosco, Epistolário, 4, 209)

Índice

AGRADECIMENTO	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
SIGLAS E ABREVIATURAS	viii
INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 - Serviço e fraternidade: fundamentação bíblica	14
1. A diversidade semântica de «servir», «serviço» e «servo» no Antigo Testamento .	14
1.1. O significado de <i>'bd</i>	15
1.2. A raiz hebraica <i>šrt</i>	17
2. O serviço e a escravatura no corpo veterotestamentário.....	20
2.1. A importância do serviço ritual (na raiz <i>šrt</i>)	23
2.2. Os cânticos do Servo.....	26
3. O conceito de «serviço» no Novo Testamento	28
3.1. O significado neotestamentário do termo <i>diakoneô</i>	30
3.2. O Significado de <i>douleúo</i>	31
3.3. O Significado de <i>latreuô</i>	32
3.4. Significado do termo <i>diakonía</i>	33
3.5. O Significado de <i>diákonos</i>	34
4. A fraternidade como serviço nos textos do Novo Testamento	38
4.1. A experiência de servidão do Filho Pródigo.....	42
4.2. A narrativa do lava pés como disrupção da ideia de serviço	45
Capítulo 2 - Pedagogia Salesiana e Pedagogia do Serviço.....	48
1. Pedagogia Salesiana.....	50
1.1. A Relação educativa na perspectiva do serviço.....	52
1.2. A Relação educativa na perspectiva da fraternidade	53
2. Pedagogia do Serviço	55
2.1. Comunidade e serviço	56
2.2. Cidadania participativa e fraternidade	58
Capítulo 3- Análise da PES à luz do serviço e da fraternidade	61
1. Caracterização da Escola Damião de Gois	62
2. Caracterização da turma	65
3. Unidade Letiva de Referência	70

4. Prática letiva: os desafios do ensino à distância	76
4.1. Lição 1 da UL 4: “Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano”	78
4.2. Lição 2 da UL 4: “A fraternidade e o seu alcance social e religioso”	82
4.3. Lição 3 da UL 4: “Somos iguais em dignidade”	83
4.4. Lição 4 da UL 4: O amor universal de Deus.....	85
4.5. Lição 5 da UL 4: As primeiras comunidades cristãs	87
4.6. Lição 6 da UL 4: As fragilidades e ameaças à fraternidade.....	89
4.7. Lição 7 da UL 4: A importância do perdão na relação com os outros.....	92
4.8. Lição 8 da UL 4: Construir um mundo fraterno.	93
4.9. Lição 9 da UL 4: O bem comum e o cuidado do outro.....	95
4.10. Lição 10 da UL 4: Assumir o valor da fraternidade	97
5. Síntese sobre o percurso pedagógico da PES	98
CAPITULO 4- Reflexão para uma tipologia de intervenção pedagógica	103
1. Enquadramento Teórico.....	103
1.1. Proposta de intervenção pedagógica: os jogos.....	107
1.2. Materiais realizados para a atividade	109
Conclusão	114
Bibliografia	118

AGRADECIMENTO

Terminar um trabalho como este, é motivo de me sentir agradecida por esta oportunidade que me permitiu encontrar pessoas que, tal como eu, encetaram este desafio, apesar de tantas outras tarefas profissionais, responsabilidades pessoais e familiares. Obrigada por tanta vida partilhada!

Quero dirigir a minha gratidão à província portuguesa das Filhas de Maria Auxiliadora por me permitir viver esta experiência de formação para melhor desempenhar a missão educativa.

Agradeço à minha Comunidade Religiosa que sempre me encorajou e acompanhou ao longo deste trabalho.

Obrigada à escola Damião de Góis, aos seus docentes, não docentes e alunos, na pessoa do professor cooperante, o Professor José António Oliveira; à minha colega de estágio, a Professora Maria do Rosário Fortuna. Construámos um belo clima de grupo, pautado pelo respeito, colaboração, confiança, partilha, responsabilidade no trabalho e proximidade com os alunos.

A todos, bem hajam!

RESUMO

O presente trabalho decorre da Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e da reflexão realizada a partir da quarta unidade letiva do 5.º ano: «Construir a fraternidade».

Para o aprofundamento teológico e pedagógico do tema orientador do Relatório «O Contributo da Pedagogia Salesiana e da Pedagogia do Serviço na construção da fraternidade», seguindo o método filológico, procedemos à análise do significado e da etimologia nas línguas hebraica e grega do termo «serviço». O segundo aspeto da reflexão centra-se no tema da fraternidade como serviço nos textos do NT. Escolhemos dois textos evangélicos: a Parábola dos Dois Filhos (Lc 15, 11ss) e a narrativa do Lava-pés (Jo 13, 1-15).

Posteriormente, refletimos sobre o contributo da Pedagogia Salesiana e da Pedagogia do Serviço na construção da fraternidade. A Pedagogia Salesiana pressupõe uma visão antropológica cristã da educação, para humanizar a cultura, levar os jovens ao encontro com Cristo e criar uma sociedade humana mais fraterna. A Pedagogia do Serviço, enquanto proposta educativa, une os processos de aprendizagem e de serviço à comunidade num só projeto, proporciona condições educativas que favorecem o desenvolvimento das competências pessoais e a participação ativa na sociedade. Permite um serviço qualificado à comunidade, possibilita uma nova perspetiva da aprendizagem e dá novo sentido à educação para a cidadania.

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a Fraternidade e a Amizade Social, do Papa Francisco, nomeadamente, na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), encontramos o caminho para a reflexão teológica da temática da unidade letiva: «Construir a fraternidade». O comportamento do Bom Samaritano é um desafio a sair de si próprio e a prestar atenção ao outro; convida a gestos de abertura, acolhimento e a colocar-se de forma empática no lugar do outro.

Por último, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica baseada na períclope do Bom Samaritano, com a finalidade de ajudar à reflexão e aprofundamento dos conceitos de cuidado, serviço, proximidade e fraternidade.

Palavras-chave: Fraternidade; Serviço; Pedagogia Salesiana; Pedagogia do Serviço; Cidadania participativa; Cuidado; Proximidade; São João Bosco; EMRC.

ABSTRACT

This work results from the Supervised Teaching Practice in the subject of Religious Education and from the reflection carried out from the fourth teaching unit of the 5th grade: «Building fraternity».

For the theological and pedagogical deepening of the guiding theme of the Report "The Contribution of Salesian Pedagogy and Service Learning in the construction of fraternity", following the philological method, we made an analysis of the meaning and etymology in the Hebrew and Greek languages of the term "service". The second aspect of the reflection focuses on the theme of fraternity as service in the texts of the New Testament. We chose two evangelical texts: the Parable of the Two Sons (Lk 15, 11ff) and the Foot Washing narrative (Jn 13, 1-15).

Then we reflected on the contribution of Salesian Pedagogy and Service Learning in building fraternity. Salesian Pedagogy presupposes a Christian anthropological vision of education, in order to humanize culture, lead young people to meet Christ and create a more fraternal human society. The Service Learning, as an educational proposal, unites the learning processes and the community service in a single project, provides educational conditions that promote the development of personal skills and active participation in society. It allows a qualified community service, enables a new learning perspective and gives a new meaning to citizenship education.

In the Encyclical Letter *Fratelli Tutti*, on Fraternity and Social Friendship, by Pope Francis, in the parable of the Good Samaritan (Lk 10, 25-37), we find the way for a theological reflection on the theme of the teaching unity: "Building fraternity". The Good Samaritan's behaviour is a challenge to step outside of oneself and pay attention to the other; it invites to openness, acceptance and to put oneself in the other's shoes in an empathic way.

Finally, we present a planning proposal based on the Good Samaritan pericope, with the aim of helping to reflect and deepen the concepts of care, service, proximity and fraternity.

Keywords: Fraternity; Service; Salesian Pedagogy; Service Learning; Participatory Citizenship; Care; Proximity; Saint John Bosco; Religious Education.

SIGLAS E ABREVIATURAS

1. Fontes

1.1. Bíblicas

1 Jo = 1ª de João	AT= Antigo Testamento
1 Pe = 1ª de Pedro	Col = Colossenses
1 Rs = 1º dos Reis	Dt = Deuteronomio
1 Sm = 1º de Samuel	Ef = Efésios
1Tm = 1ª Timóteo	Ex = êxodo
2 Cor = 2ª Coríntios	Ez = Ezequiel
2 Rs = 2º dos Reis	Fl = Filipenses
2 Sm = 2º de Samuel	Flm = Filémon
Act = Actos dos Apóstolos	Gn = Génesis
Am = Amós	Is = Isaías
AT= Antigo Testamento	Jb = Job
Col = Colossenses	Jl = Joel
Dt = Deuteronomio	Jo = João
Ef = Efésios	Jr = Jeremias
Ex = êxodo	Js = Josué
1 Rs = 1º dos Reis	Lc = Lucas
1 Sm = 1º de Samuel	Lv = Levítico
1Tm = 1ª Timóteo	LXX = Tradução dos Setenta
2 Cor = 2ª Coríntios	Mc = Marcos
2 Rs = 2º dos Reis	Mt = Mateus
2 Sm = 2º de Samuel	Ne = Neemias
Act = Actos dos Apóstolos	Nm = Números
Am = Amós	NT = Novo Testamento
	Rm = Romanos

1.2. Magistério da Igreja Católica

CV = Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
FT= Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> .
LS = Carta Encíclica <i>Laudato SÌ</i>
CV = Exortação Apostólica <i>Christus Vivit</i>
EG= Exortação Apostólica, <i>Evangelii Gaudium</i>

1.3. Outras

AE = Aprendizagem Essencial
CEP = Conferência Episcopal Portuguesa
EMRC= Educação Moral e Religiosa Católica
PES = Prática de Ensino Supervisionada
UL= Unidade Letiva
UL4= Unidade Letiva 4

INTRODUÇÃO

A “Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade” do Programa de EMRC do 5.º ano é uma unidade que tem como finalidade ajudar os alunos a refletirem sobre o valor da fraternidade, da sua importância na qualidade das relações humanas e na vida da sociedade. Neste sentido, o professor tem como tarefa conseguir planificar aulas que sejam significativas para os alunos de modo que estes adquiram ferramentas para poderem ser construtores de fraternidade.

Na opção pelo tema da Unidade Letiva estiveram na base duas questões: podemos ver nesta dimensão da fraternidade uma possibilidade educativa? Interrogar o tema da fraternidade do ponto de vista antropológico, teológico e pedagógico pode conduzir a um modo novo de compreender a relação humana e, em particular, a relação educativa, o serviço como modo de ajudar e cuidar o outro?

Para a reflexão e aprofundamento do tema da fraternidade foi nossa opção estudar a Pedagogia Salesiana e a Pedagogia do Serviço. A Pedagogia Salesiana requer uma visão antropológica cristã da educação, para humanizar a cultura, levar os jovens ao encontro com Cristo, criar uma sociedade humana mais fraterna. Tem ainda como horizonte a mentalidade projetual capaz de ler as perguntas dos jovens em modo educativo e propor comunidades como “laboratórios” de relações humanizantes onde a convivência fraterna é expressão da reciprocidade interpessoal e do serviço.

A pedagogia salesiana pressupõe também, o compromisso para tornar a comunidade educativa num “espaço pedagógico e teológico”, qualificado pela confiança na educabilidade da pessoa humana criada à Imagem de Deus e orientada para a realização desse projeto.

A Pedagogia do Serviço, além de trabalhar os conteúdos curriculares permite o desenvolvimento de competências cívicas, morais, sociais e de pensamento crítico, tão desejáveis na construção da fraternidade. Este é um processo educativo que, por se centrar no aluno e na sua relação com os outros, está especialmente articulado com a natureza específica da disciplina de EMRC.¹

¹ Sobre o assunto consultar o estudo de Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço — uma perspetiva de planificação e de implementação». *Pastoral Catequética* 41 (2018): 49-130.

Desta forma, a Pedagogia do Serviço já foi abordada por outros trabalhos anteriores no âmbito da EMRC. A título de exemplo deixamos a referência consultada no portal «Veritati», Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa².

É uma pedagogia complexa, exige um desenvolvimento metódico a partir de projetos de intervenção em serviço à comunidade, no amplo leque de possibilidades que a comunidade oferece em colaboração com a escola. Para o tema da Fraternidade vamos privilegiar na pedagogia do serviço a dimensão da comunidade e da cidadania participativa.

São dois âmbitos que oferecem indicadores fundamentais para a construção de itinerários formativos ancorados na experiência concreta, que favorecem o pensamento crítico, a individualização das necessidades na comunidade e são facilitadores do desenvolvimento das próprias capacidades. Além disso, as experiências positivas a este nível ajudam os alunos a crescer no sentido de responsabilidade e do compromisso na construção da fraternidade e do bem comum.

A nossa investigação diferencia-se por explorar uma dimensão mais teórica e por procurar oferecer uma perspetiva mais sistemática que ainda não foi desbravada. Pretende-se estudar os fundamentos desta pedagogia do serviço na Bíblia. Por causa da profundidade que gostaríamos de alcançar neste exercício de clarificação e definição do conceito de «serviço», o nosso trabalho assumiu uma forte dimensão de análise linguística e, em alguns momentos, etimológica.

Deste modo, esta investigação pretendeu contribuir para os estudos e, sobretudo, para as experiências pedagógicas futuras que optem por adotar a Pedagogia do Serviço como método e horizonte. Apesar do caminho teórico ter sido preponderante na primeira etapa deste trabalho, foi uma condição que assumimos para que essa contribuição pudesse ser sólida.

Desenvolveremos o trabalho em quatro partes. Num primeiro momento faremos uma fundamentação bíblica do termo serviço e do termo fraternidade. De seguida apresentamos a Pedagogia Salesiana e a Pedagogia do Serviço individualizando em cada uma os elementos que contribuem para a construção da fraternidade. Outra parte do trabalho dedica-se à Prática de Ensino Supervisionada, incluindo as planificações das aulas relativas à Unidade de referência, a reflexão sobre a importância dos conteúdos para os alunos e os aspetos positivos que ajudam a

² Rui Tiago Ferreira Fernandes Moniz, A Pedagogia do Serviço: Uma proposta educativa a partir da reflexão sobre a Unidade Letiva 2 do 6.º ano, “Jesus, um Homem para os outros” [://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/25591/1/Relat%c3%b3rio%20Final%20da%20PES%20-%20Rui%20Moniz.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/25591/1/Relat%c3%b3rio%20Final%20da%20PES%20-%20Rui%20Moniz.pdf);

melhorar a prática letiva. Por último, ousamos propor uma reflexão para uma tipologia de intervenção pedagógica baseada no ícone do Bom Samaritano.

Ao longo do trabalho pretendemos focar a atenção no termo serviço e no termo fraternidade com uma única preocupação: o processo educativo, centrando-nos no aluno e na sua relação com os outros, articulando este processo com a natureza específica da disciplina de EMRC. Esforçamo-nos por elaborar uma dinâmica metodológica propositiva que permita a maturação do aluno e lhe forneça indicadores para crescer na responsabilidade, tornando-se um cidadão ativo na construção da fraternidade.

A origem etimológica da palavra «serviço» encontramos-la em Agostinho, na Cidade de Deus:

Realmente, a condição de servidão, compreende-se, foi justamente imposta ao pecador. Por isso em parte nenhuma das Escrituras se lê a palavra servo antes de o justo Noé castigar com este nome o pecado de seu filho. Foi, pois, a culpa e não a natureza que mereceu este nome. A origem da palavra latina *servus* crê-se que provém do facto de aqueles que, pelo direito da guerra, podiam ser entregues à morte, quando eram conservados tornavam-se servos (*servi*), eram assim chamados da palavra conservar (*servare*); e até mesmo isto se não verifica sem a culpa do pecado» (Livro XIX, capítulo 15).³

Servo é aquele que é conservado com vida após a guerra, dado que inicialmente, na História da Humanidade, quando um povo conquistava outro vencendo a guerra dizimava toda a população inimiga. A servidão ou escravatura origina-se quando não se tira a vida ao povo derrotado mas esta é preservada a fim de sujeitar as pessoas à servidão, tornando-os escravos. Para se entender o sentido bíblico do serviço que iremos analisar no primeiro capítulo, é fundamental compreender-se este contexto.

Nesta perspetiva, no primeiro capítulo procuramos responder às questões: o que se entende por «servir» na Bíblia? Que herança o cristianismo transporta do Judaísmo e como é que Jesus vai reformular ou, pelo contrário, confirmar as experiências veterotestamentárias do serviço? Que conceitos hebraicos e gregos exprimiam a ação do serviço, o estatuto de quem servia, o imaginário do «servir» e que perspetivas abrem sobre ele?

³ Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Volume 3, Tradução de J. Dias Ferreira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1923-1924.

Para responder de forma sucinta a estas questões optamos por ler bem as duas entradas do Dicionário Teológicos – Antigo Testamento⁴ e Novo Testamento⁵- e alguns textos Bíblicos relacionados com a temática, sendo elas uma base importante do trabalho.

No segundo capítulo temos à disposição valiosas reflexões de vários autores e também do próprio Papa Francisco, nomeadamente, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que ajudarão a ampliar o horizonte da fraternidade no campo educativo. Neste capítulo procuramos, ainda, fundamentar a Pedagogia Salesiana Educativa, que procura oferecer uma educação integral e preventiva, que nasce do Evangelho, da paixão educativa de São João Bosco e, enquanto proposta educativa, possibilita a lógica da Pedagogia do Serviço.

O terceiro Capítulo dedica-se, como já referido anteriormente, à prática de Ensino Supervisionado (PES), amplamente tratada no Portefólio que se anexa a este Relatório. Evidenciamos neste capítulo a reflexão sobre a “prática letiva”, apresentaremos as planificações e relatórios das aulas da UL4, que denotam o processo de ensino-aprendizagem em duas situações distintas: em regime presencial e à distância.

O ensino à distância precisou da nossa parte maior capacidade de adaptação e flexibilidade, exigiu uma mudança profunda na forma de lecionar, de apresentar os conteúdos, de comunicar e de se tornar próximo. Um tempo de grandes desafios, que exige educadores capazes de compreender o potencial de humanização que estes meios tecnológicos podem oferecer e, contemporaneamente, evidenciar os seus aspetos mais vulneráveis para ajudar as novas gerações a usá-los de modo crítico e criativo.

Na última parte do trabalho fazemos uma reflexão para uma tipologia de intervenção pedagógica partindo do ícone do Bom Samaritano. De forma lúdica procuramos elaborar um itinerário sobre esta perícopa bíblica, de modo a trabalhar e a consolidar alguns aspetos importantes na construção da fraternidade: o desafio a sair de si próprio e a prestar atenção ao outro; o convite a gestos de abertura, acolhimento e a colocar-se de forma empática no lugar do outro.

⁴ G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. X. Verlag W. Kohlhammer GmbH, 1999; Jenni Ernst, Claus Westermann. *Diccionario Teologico Manual del Antigo Testamento*. Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, SL, 1985.

⁵ Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard. «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.4: 212-216. Salamanca, 1984; «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.2: 270. Salamanca, 1990.

Capítulo 1

Serviço e fraternidade: fundamentação bíblica

Na primeira parte deste capítulo fazemos uma reflexão sobre o tema do serviço na Bíblia. Esta reflexão bíblica, seguindo o método filológico, leva a compreender que a designação de «servo» e os vocábulos «serviço» e «servir» pertencem ao património bíblico quer do AT quer do NT. Os termos habitualmente usados tanto em hebraico como em grego, para dizer «serviço» podem ter várias expressões, ocorrências e diferentes formas a nível semântico.

Após uma análise semântica geral realizada no ponto anterior, o segundo aspeto da reflexão centra-se no tema da fraternidade como serviço nos textos do NT. Escolhemos dois textos evangélicos: a parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11ss) e a narrativa do lava pés (Jo 13, 1-15). A primeira perícopes insere-se nas parábolas da misericórdia existentes no Evangelho de São Lucas. Com a sua riqueza e profundidade transporta-nos para o fundamento bíblico da fraternidade, da vivência do serviço na perspectiva da misericórdia. A segunda perícopes narrada no evangelho de S. João salienta a entrega de Jesus por amor, que resplandecerá de forma eminente na sua morte. Este amor incondicional é mostrado por Jesus no gesto do lavar os pés que, no seu simbolismo, mostra o amor contínuo que se exprime no serviço.

De acordo com o referido, nos dois pontos seguintes, sem termos a pretensão de fazer uma análise exaustiva do termo «serviço», faremos referência, particularmente, ao seu significado e etimologia nas línguas hebraica e grega por serem aquelas em que a Bíblia foi escrita (a juntar ao Aramaico).

1. A diversidade semântica de «servir», «serviço» e «servo» no Antigo Testamento

Há fundamentalmente dois verbos no hebraico que correspondem ao âmbito semântico do «serviço»: *'bd e šrt*. A raiz *'bd* ocorre a nível semântico de forma diferente na maioria das línguas semíticas. Os termos *'bd*ugarítico⁶, *'abad* em árabe e *'bd* em árabe antigo⁷ do sul significam todos «servir»⁸⁹. A raiz *šrt* refere-se, igualmente, ao termo «servir» mas expressa frequentemente o sentido mais específico de «fazer serviço religioso» ou «servir como sacerdote»,

⁶ Ugarítico é uma língua da Antiguidade Oriental que se falava na zona de Ugarit, cidade-estado portuária mediterrânea localizada à época em Canaã, da costa leste do Mediterrâneo, atual Ras Shamra (Síria).

⁷ Árabe antigo é a designação que costuma empregar-se para o conjunto de dialetos que se falavam na região da península arábica e em seu torno. Apesar do nome, não se trata da língua árabe que surgiu mais tardiamente.

⁹ G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. 10 (Verlag W. Kohlhammer GmbH, 1999), 377.

surgem muitas vezes em contextos rituais, de culto e adoração; em ‘*bd*’ em que este significado ocorre mas com menos intensidade.¹⁰

1.1. O significado de ‘*bd*’

No semítico ocidental¹¹ a raiz ‘*bd*’, verbo e substantivo de ‘*abad*’, significa «servo». Já no árabe antigo do sul ‘*bd*’ parece querer dizer «subjugar» ou «escravizar». Nas inscrições fenícias e aramaicas ‘*bd*’ refere-se ao «fazer»¹². Em acádio¹³ o termo (*w*)*ardu(m)* usa-se para «servo» e «escravo». O verbo ‘*bd*’ com as suas derivações possui uma diversidade de significados. Compreende o verbo «trabalhar» e «servir» no que se refere a toda a atividade humana. Quando direcionado para a relação com Deus, significa «servir a Deus» no culto e no santuário.

Nesta linha, W. Eugene March argumenta que o principal termo hebraico que traduzimos por «serviço» ou, na sua perspectiva, por «culto» radica no verbo ‘*abad*’ que, na sua primeira interpretação, significa «trabalhar para alguém». O substantivo ‘*abodah*’ derivado desse verbo indica «trabalho» executado livremente ou em consequência de escravização.¹⁴ Com base nas indicações facultadas pelo Êxodo, o significado do serviço estava profundamente moldado pela escravatura, nos procedimentos e regras estabelecidos em seu torno:

(...) quando adquirires um escravo hebreu, ele servirá seis anos; mas no sétimo, ele sairá em liberdade, sem nada pagar. Se veio sozinho, sairá sozinho; se tinha uma mulher, a sua mulher sairá com ele. Se o seu senhor lhe deu uma mulher, e se ela lhe gerou filhos ou filhas, a mulher e os seus filhos serão para o seu senhor, e ele sairá sozinho. Mas se o escravo declarar: “Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, não quero sair em liberdade”, o seu senhor fá-lo-á aproximar de Deus, fá-lo-á aproximar da porta ou do umbral, e perfurar-lhe-á a orelha com uma sovela, e ele servi-lo-á para sempre. (Ex 21, 2-6).

Eugene March afirma que Deus na Bíblia é visto metaforicamente como um grande rei e os seres humanos são vistos como escravos ou servos deste rei. Este é um conceito que radica numa forma básica de governo comum na maior parte dos povos antigos. Em hebraico o soberano era chamado *melek* (rei) e o súbdito era um ‘*ebed*’, isto é, um servo ou escravo. Desta forma, o vocábulo «serviço» tem, na Bíblia, uma ambivalência: por um lado, presta-se serviço por obrigação para com o seu soberano, por outro lado, o serviço pode ser prestado livremente

¹⁰ Cf. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 503.

¹¹ O semítico é um grupo de línguas antigas que partilha um conjunto semelhante de caracteres, situando-se na zona da mesopotâmia; o semítico ocidental era a parte dessas línguas faladas mais do lado mediterrânico.

¹² Os fenícios eram um povo do mar cujo império era constituído por cidades-estado portuárias nas margens do mediterrâneo que tinham o seu núcleo na costa da Síria. O aramaico era a língua de «Aram» falada pelos babilónicos e funcionava como uma espécie de língua franca na zona de todo o Oriente antigo até à implementação do Grego a partir da conquista de Alexandre, o Grande.

¹³ O Acádio é a língua mais antiga, em relação às várias línguas aqui mencionadas, desenvolvendo-se no império Acádio que dominou a zona da Mesopotâmia antes das potências assírias e babilónicas.

¹⁴ W. Eugene March, *Os grandes temas da Bíblia*, Vol. I (Apelação: Paulus Editora, 2010), 158.

e por amor ao soberano espelhando a interiorização de uma lógica de submissão. Na Bíblia muitas personagens de maior e menor importância são descritas como «servos» ou «escravos» de Deus, livres e felizes. Dois exemplos paradigmáticos são Moisés e David.

Moisés, em quem «Israel viu a mão poderosa com que o Senhor atuou contra o Egito - o povo temeu o Senhor e acreditou nele e em Moisés, seu servo» (Ex 14, 31). E David, a quem o povo reconhece o bem que o Senhor lhe fizera e, através dele, ao povo de Israel - «no oitavo dia, Salomão despediu o povo; então saudaram o rei e retiraram-se para as suas tendas, exultando de alegria em seus corações por todo o bem que o Senhor fizera a David, seu servo, e a Israel, seu povo» (1Rs 8, 66).¹⁵

No AT, as relações dentro do povo de Israel estão ancoradas na vivência do Êxodo. A passagem da opressão do Egito à libertação torna-se expressão da passagem da escravidão ao «serviço a Deus» com respeito e amor. Não constitui apenas uma experiência de libertação mas torna-se, sobretudo, encontro definitivo com Ele. De facto, no Êxodo e concretamente no monte Sinai, Deus revela-se como único, presente, próximo e que caminha com o seu povo, libertando-o e colaborando com ele: a promessa de Deus, no Êxodo, é uma «promessa de Si próprio», de uma história que nasce de Si próprio, imprimindo um sentido mais amplo que a expectativa de Israel.

Neste sentido, Israel aprende a servir a um só Deus na vida social e na vida cultural realizando serviços específicos dos quais há vários exemplos na Bíblia. Uma forma de serviço cultural está expressa na seguinte perícopa:

Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor vos dará, como Ele falou, observareis este serviço cultural. Quando os vossos filhos vos disserem: “O que é este serviço cultural para vós?”, vos direis: “É o sacrifício da Páscoa em honra do Senhor, que passou ao largo das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu o Egito e salvou as nossas casas.” O povo inclinou-se e prostrou-se. Os filhos de Israel foram e fizeram como o Senhor tinha ordenado a Moisés e a Aarão. Assim fizeram (Ex 12, 26-28).

No AT o verbo *'abad* encontra-se 271 vezes em quase todas as modalidades verbais do Hebraico Bíblico (ao contrário de *šrt*, verbo analisado de seguida, que apenas surge numa forma verbal, o *piel*).¹⁶

¹⁵ Cf. March, 160-161.

¹⁶ No Hebraico a forma *piel* exprime veemência ou intensidade na ação e é activa; o *qal* é a forma simples e activa. O *niphal* é a forma simples mas passiva ou reflexiva e o *pual* também é uma acção passiva mas intensiva (como o *piel*). O *hiphil* e o *hophal* exprimem ações causativas, sendo o primeiro activo e o segundo passivo.

Ocorrências de ‘abad (servir) - valores absolutos

Forma verbal	Tradução	Nº
<i>Qal</i>	Trabalhar [trabalho braçal, trabalho agrícola, trabalho duro, trabalho de escravos], servir, servir outro através do trabalho	271
<i>Niphal</i>	Ser trabalhado, ser servido, tornar-se servo	4
<i>Pual</i>	A ser trabalhado	2
<i>Hiphil</i>	Obrigar a trabalhar ou a servir	8
<i>Hophal</i>	Ser obrigado ou levado a trabalhar ou a servir	4

Riggren ao apresentar estes dados indica como dado curioso o facto de esta raiz existir relativamente poucas vezes nos livros proféticos. A seguinte tabela apresenta o número de ocorrências do nome «servo» nos três livros que contam com mais recorrências em absoluto:¹⁷ O nome ‘*ebed* surge 85 vezes em todo o Antigo Testamento mas também está mencionado poucas vezes nos Livros Proféticos, com exceção Isaías e Jeremias. No Livro dos Salmos o substantivo é muito frequente (ao passo que o verbo ‘*abad* perfaz apenas 8 ocorrências):

Livros bíblicos com mais ocorrências de ‘*ebed* (servo) - valores absolutos

Livro	Nº
Salmos	57
Isaías	40
Jeremias	32

1.2. A raiz hebraica *šrt*

Vários autores procuraram dar significado à base do termo «servir» em hebraico. Para Westermann a palavra denota principalmente o serviço a uma pessoa, já para Sedlmeier uma dimensão pública que está sempre presente no serviço prestado.¹⁸ Perles sugere que a raiz *šrt*

¹⁷ Cf. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 381.

¹⁸ G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 503-4.

pode ser um empréstimo da Língua Acádica, um denominativo de «realeza», com o significado básico de «servir ao rei» apontando para os «escravos reais».¹⁹

O verbo *šrt* «fazer um serviço», aproxima-se no significado à raiz *'bd*, «servir», porém, apresenta diferentes características e só se emprega como sinónimo em usos tardios. Enquanto *'bd* também significa «cultivar um campo» e, de forma geral, «trabalhar», o vocábulo *šrt* designa, particularmente, estar ao serviço de uma pessoa. Expressões das referidas diferenças podem ser constatadas quando no Génesis o serviço de Jacob a Labão é denominado *'bd*:

Labão disse a Jacob: “Acaso estás a servir-me sem qualquer recompensa, apenas por seres meu parente? Diz que salário deverá ser o teu.” Jacob amava Raquel e disse: “Servir-te-ei sete anos por Raquel, a tua filha mais nova.” E Jacob serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram apenas alguns dias, tanto era o amor que por ela sentia²⁰ (Gn 29, 15.18.20).

Por seu lado, o serviço prestado por José como alto funcionário no cárcere, é considerado *šrt* (serviço)²¹: «O Senhor estava com José, que veio a ser um homem afortunado, sendo admitido na casa do seu senhor egípcio. José obteve a sua benevolência, tornando-se seu servidor.» (Gn 39, 2-4). As ocorrências das palavras estão amplamente distribuídas nos Livros do AT. O verbo aparece sempre no *piel* e os substantivos quase não existem. Verificam-se 98 ocorrências no total, como a tabela seguinte o demonstra:²²

Ocorrências de *šrt* (valores absolutos)

Livro	N.º
Ezequiel	17
Números	11
2 Crónicas	
Êxodo	10
1 Crónicas	8
Deuterónimo	5
1 Reis	3
Isaías	
Salmos	
2 Reis	
Ester	
Joel	
Jeremias	
1 Samuel	2
Neemias	
Génesis	
2 Samuel	1
Provérbios	
Esdras	
Josué	

¹⁹ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 504.

²⁰ Cf. Jenni Ernst, Claus Westermann, 1277.

²¹ Cf. Jenni Ernst, Claus Westermann, 1277.

²² Cf. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 505

Em quase metade dos casos, o assunto é o serviço dos levitas.²³ Também são fontes deste tema Provérbios, Deutero-Isaías, os profetas menores (com exceção de Joel), ou poesia sapiencial e hínica.²⁴

Ainda a propósito da etimologia do verbo «servir» encontramos outras palavras ou outros significados nas línguas antigas. Vejamos: o termo *'bt* em árabe antigo do sul indica «exigência» ou «compulsão»; *'abad* em aramaico e sírio significam «fazer»; *'ebed* em ugarítico, *'abdā* em aramaico, *'abad* em árabe e *'bd* em árabe antigo do sul, significam «escravo» ou «servo». Em acádico surge a forma *abdu*, ou seja, um «empréstimo». Em ugarítico a expressão *'bd 'lm* significa «escravo da vida» ou por vezes surge a fazer referência a uma espécie de relação de vassalagem.²⁵

A mesma ideia está presente no Deuteronómio quando se refere à constituição de um escravo como escravo eterno (da vida ou para a vida) através de um ritual em que se imprime uma marca também eterna no seu próprio corpo: «Então, tomarás um furador, furar-lhe-ás a orelha contra a porta, e será teu servo para sempre. E procederás da mesma forma para com a vossa serva.» (Dt 15, 17). O mesmo ocorre com Job, perante a sua pequenez e grandeza de Deus: «(...) fará aliança contigo para fazeres teu escravo perpétuo?» (Job 40, 28).

Outras expressões surgem com regularidade em contextos relevantes no Deuteronómio, como as exortações ao amor de Deus e a não esquecer Deus, o libertador: «guarda-te, porém, de esquecer o Senhor que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão» (Dt 6, 12) e, posteriormente, encorajar a «servi-lo» e a «jurar» apenas em seu nome: «ao Senhor, teu Deus, adorarás, a Ele servirás, e pelo seu nome jurarás» (Dt 6, 13).

Estas citações bíblicas parecem sugerir que Deus, o Senhor, ao desfazer os laços que ligavam Israel ao Egito e, portanto, à escravidão, tinha adquirido o direito de os chamar seus súbditos, como homens livres, e já não como escravos. Porém, estas exortações expressam, sobretudo, um modo de vida fiel ao Senhor, como prescrito nas exigências da Aliança: «e agora, Israel, o que o Senhor, teu Deus, exige de ti é que temas o Senhor, teu Deus, para seguires

²³ Note-se que o termo *šrt* não surge em Juízes, o que é curioso porque, de acordo com Schulz os capítulos 7 a 20 do Livro dos Juízes é uma fonte particularmente valiosa de informação sobre os levitas em Israel, no tempo anterior à monarquia, mas onde não se usa o termo *šrt*.

²⁴ A utilização do termo como verbo: 3 ocorrências no pretérito perfeito, 43 no participio passado, 37 no infinitivo e 13 no pretérito imperfeito. As formas nominais são raras, em vez disso encontramos a nominalização dos termos *m^ešāret* e *šāret*. Só existe o feminino em duas formas referindo-se a Abishag, assistente do Rei David (1 Reis 1, 15 e 1 Reis 1, 4) Cf. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 505.

²⁵ G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, 379.

todos os seus caminhos, para o amares e servires, com todo o coração e com toda a tua alma.» (Dt 10, 12). Como argumenta Westermann, o serviço de homens livres é com frequência uma atividade que honra o servidor.²⁶

O mesmo autor, referindo-se à raiz *šrt* como serviço cultual é do parecer que este deve ser entendido como «estar ao serviço», é o caso de Samuel que estava ao serviço de Yahvé (1 Sm 2, 11), ou do rosto de Yahvé (2,18).²⁷ Trata-se, assim, revisitando uma ideia que verificamos anteriormente, de uma servidão que não corresponde a um trabalho braçal mas ritual, e que implica uma relação de vassalagem não com um humano mas com o próprio Deus.

2. O serviço e a escravatura no corpo veterotestamentário

As primeiras ocorrências da mesma raiz no AT, referem-se a discípulos de homens eleitos por Deus que estão destinados a suceder aos seus mestres, como é o caso de Josué que sucede a Moisés após a sua morte (Js 1, 1-9), dos filhos de Heli que eram, como o pai, sacerdotes do Senhor (1 Sm 1-3), de Eliseu, sucessor de Elias (1Rs 19, 19-21), todos eles servos dos homens de Deus.²⁸ Com efeito, nesta acepção, o serviço é entendido numa lógica de discipulado e de sucessão, algo que encontraremos no NT.

Contudo, no AT o significado mais estruturante associado às palavras que exprimem «serviço» é claramente o de «servo» e de «escravo». Sobre estas duas realidades, Simian-Yofre partindo do nome ou substantivo *'ebed* que pode significar várias formas de subordinação - «escravo», «servo», «sujeito», «oficial», «funcionário», «vassalo» ou «seguidor de um deus» - sugere que qualquer um destes nomes e substantivos se referem à pessoa que está subordinada a outra. Personifica esta realidade o que está descrito no Êxodo quando se refere às leis sobre os escravos hebreus (Ex 21,7) e no Levítico quando se refere aos escravos e à sua condição de pobreza.

Nestas diferenciações semânticas é necessário ter em conta que os termos «escravo» e «escrava» distinguem-se de «trabalho pago» ou «assalariado» (Lev 25, 38). Os escravos são «propriedade» do seu Senhor permutáveis em dinheiro (Ex 21, 21).²⁹

O Código da Aliança (Ex 21, 1-22 e Ex 20, 22-23) aborda a questão dos escravos hebreus. Já tivemos oportunidade de verificar que de acordo com estes textos bíblicos, os esca-

²⁶ Cf. Jenni Ernst, Claus Westermann, 1278.

²⁷ Cf. Jenni Ernst, Claus Westermann, 1278

²⁸ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 505.

²⁹ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 387-8.

vos serviam durante seis anos, no sétimo ano deviam ser libertados, porém se optassem por continuar na casa do senhor, «servi-lo-iam» por toda a vida. As escravas tornavam-se uma espécie de concubinas do seu senhor. Estas não usufruíam do direito de serem soltas no sétimo ano e apenas sobre certas circunstâncias podiam ser resgatadas e por um determinado preço.

Vimos também que no Deuteronómio quando se refere aos escravos hebreus providenciava-se a sua libertação no sétimo ano se eles assim o quiserem. Desta forma, o escravo é chamado de irmão e o senhor deve providenciar parte do seu rebanho e vinhas para ajudar o seu ex-escravo. O dono dos escravos devia lembrar-se de que o escravo «prestava serviços» que valiam o salário dos «trabalhadores contratados» (Dt 15, 12-18).³⁰

No entanto, o Livro de Jeremias mostra que estas regras prescritas no Deuteronómio nem sempre foram respeitadas e seguidas denunciando as injustiças para com os escravos.³¹ Refere que nenhum judeu devia ser escravo do seu irmão e o seu dono ao fim de sete anos devia libertar o seu irmão hebreu (Jr 34,14).

O Levítico reforça a ideia dizendo que «nenhum israelita pode ser escravo de outro israelita. Os filhos de Israel só a Deus pertencem (...) são os seus servos que fez sair da terra do Egipto» (Cf. Lv 25, 55). Isto demonstra que, à semelhança do que sucedia noutros reinos e impérios da Antiguidade, o escravo seria alguém capturado ao exército ou ao povo inimigo em contexto de guerra (como os babilónios fizeram com os judeus no famoso «exílio da Babilónia»), não deveria ser – nesta lógica do Levítico – alguém também judeu escravizado por motivos económicos, designadamente por usura. Exemplo evidente disto é o de Neemias que menciona um caso de escravidão por dívida (Ne 5, 5). Amós critica veementemente por duas vezes a compra e venda dos pobres (Am 2, 6; 8,6).³²

Os profetas como servos de Deus falam em Seu nome, assumindo a crise do momento, denunciando, em jeito de consciência crítica, as falsas seguranças procuradas fora de Deus, e apontando as mudanças necessárias. Os próprios profetas apresentam-se como servos; embora o título *'ebed* não fosse exclusivo dos profetas, estes apropriaram-se dele para definirem o seu próprio ministério.

³⁰ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 388.

³¹ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 388.

³² Alguns textos pressupõem que a dura existência e subjugação dos escravos é bastante «normal» (Job 7,2; 19, 16; Ecl 10,7; Pr 21,60), Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 388

De facto, os profetas, como os servos, estavam sempre diante de Deus seu soberano, receberam as ordens do seu rei supremo e foram por ele enviados ao seu povo, para comunicar os mistérios divinos.³³

Eugene March afirma que o Livro do Profeta Isaías faz uma bela descrição daquilo que o serviço de Deus implica: acabar com as injustiças, libertar os oprimidos, repartir o pão com quem passa fome, hospedar em casa os pobres sem abrigo, não desprezar o irmão e ainda deixar as maneiras falsas dos atos de culto (Is 58, 1-7).³⁴

Algumas declarações nos textos bíblicos do AT mostram que a existência de um escravo pode ser melhorada e reconhecida. No Livro de Job diz-se que o escravo também foi criado por *Yaweh* e que este intervém para preservar os seus direitos (Job 31, 13-15). No Livro do Genesis sobre o escravo mais antigo de Abraão, aquele que administrava os seus bens, numa situação em que atua, sob juramento, como seu representante totalmente autorizado do seu amo (Gn 24, 1ss).

Tal como existia um ritual que realizava a passagem de um escravo para um escravo eterno, existia também uma celebração quando ocorria a sua libertação. Os escravos podiam alcançar a liberdade por meio da redenção. «Redenção» significava objetivamente o pagamento da alforria do escravo. As libertações podiam assim ser resultantes deste pagamento ou podiam ser causadas pelo cumprimento da lei (como as que verificámos que constam no Código da Aliança). Simian-Yofre esclarece que aconteciam através de gestos simbólicos, «na margem do rio, no local do julgamento, em certos festivais»; e nesses momentos senhores e escravos festejavam juntos. Sucedia também que nos festivais do Ano Novo chegavam a trocar os papéis.³⁵

Quanto ao caso específico dos servos dos reis, o rei podia conceder-lhes benefícios como oferecer terras (1 Sm 8, 14; 1 Sm 27, 7) ou usufruírem de receitas fiscais (1 Sm 8,15). Assim se verifica a possibilidade de os servos reais poderem, progressivamente, alcançar um nível considerável de riqueza.³⁶ Por outro lado, são narrados casos em que o servo se revolta contra o

³³ Desta análise da terminologia profética da Bíblia, resulta claramente que o profeta, mais que um adivinho ou um descobridor do futuro, é aquele que fala em vez de Deus, anuncia e interpreta a sua vontade com autoridade divina e por divino mandato. Tal comunicação pode dizer respeito ao passado ou futuro e é recebida diretamente, sem intermediários, em qualquer tempo ou lugar da parte duma pessoa, serva, enviada e amiga de Deus, capaz de compreender a mensagem divina recebida e de a comunicar ao povo, de que se sente guardião, sentinela e pai.

³⁴ Cf. W. Eugene March, 164-5.

³⁵ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 389.

³⁶ Essa relação positiva de fidelidade e afeição está patente em várias situações: quando os servos estão envolvidos em assuntos familiares do seu senhor, quando participam na corte à noiva (1Sm 18, 20-26; 1Sm 25, 39), quando se preocupam com o rei nos momentos de luto (2 Sm 13, 31-36), quando o felicitam numa ocasião alegre (1 Rs 1, 47), quando enterram o seu rei (2 Rs 9, 28; 2 Rs 23, 30).

seu rei, conspira contra ele ou, inclusivamente, o mata (1 Rs 11, 26; 2 Rs 12, 21; 2 Rs 14,5; 2 Rs 21, 23).³⁷

Engelken, sobre os servos dos reis, afirma que alguns ocupavam uma posição excepcionalmente elevada no tribunal e tinham alguns privilégios como o facto de ter esposa e esta não ser serva (1 Rs 1, 4.15). Noutros locais, os funcionários pertencentes à corte real são sempre mencionados no plural e a palavra representa o título ou deveres de um corpo de funcionários. Na descrição de magnificência da corte de Salomão (1 Rs 10, 5) também são mencionados os servos que são descritos como os que se levantam enquanto as restantes pessoas permanecem sentadas.³⁸

A raiz «servo» difere por denotar uma forma de serviço altamente específica e, na sua maior parte, subordinada³⁹. De acordo com o mesmo autor, em geral, observamos uma tendência dos textos pré-exílio a usarem o termo «servo» com referência ao serviço individual, enquanto em contextos pós-exílio tendem a usá-lo para uma forma subordinada de serviço religioso/do culto, sendo esta última conotação a mais consistente. De seguida analisamos este segundo âmbito semântico.

2.1. A importância do serviço ritual (na raiz *šrt*)

Os servos de *Yahweh*, a quem Deus chama de «meus servos» (2Rs 21.10; 24.2; Jr 25.4; 26.5; Am 3.7), é o termo usado para designar os homens de Deus que proclamavam a Palavra do Senhor ao povo. Desta forma, no Livro dos Números, a designação «servos de *Yahweh*» refere-se aos profetas a quem *Yahweh* fala em visões e a Moisés, profeta que supera todos os outros pois fala «face a face». O verbo *šrt* não é usado, neste contexto, para o serviço de israelitas individualmente, exceto no Livro de Jeremias quando o profeta na sua oração reclama respeito pelo seu ofício (Jr 15, 11).

A teologia do Terceiro Livro de Isaías inclui a expectativa universal de que Deus irá integrar todas as pessoas da Terra no seu reino «e escolher sacerdotes e Levitas de entre eles» mas já sem terem de ser descendentes de sacerdotes. Nesta perspectiva já se incluem judeus e pagãos que se converteram ao Senhor para serem seus servos (Is 56, 6). Juntam-se a *Yahweh* para o amarem, para o servirem, para guardarem os sábados e para se apegarem ao pacto que

³⁷ Existem estatísticas que mostram que o *'ebed* do rei retrocede visivelmente nos relatos paralelos entre Crônicas e Deuterónimo. Dá-se como possível explicação a adoção, pelo cronista, da tese de que Salomão não transformou nenhum dos israelitas em servos, Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 392.

³⁸ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 508.

³⁹ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 513.

fizeram, tal como os eunucos (Is 56, 3-5). Podem tornar-se sacerdotes, membros plenamente reconhecidos. Esta última possibilidade é clara a partir da linguagem do versículo 6, que implica as marcas usuais do serviço sacerdotal.

No esplendor da nova Jerusalém apenas os animais são objeto de *šrt* (Is 60, 7), os sacerdotes irão oferecer serviços sacrificiais (matar os animais). Esta dimensão do serviço sacrificial surge também no Livro de Ezequiel, embora o profeta limite a palavra *šrt* ao serviço sacerdotal, mas aqui a palavra refere-se também ao culto pagão de «madeira e pedra» (Ez 20, 32).

Nesta linha, Engelken, argumentando sobre a questão dos servos do culto, diz que num período mais tardio, *šrt* («serviço») está sempre associado à esfera do culto, embora por vezes, possa ser relacionado a «serviço pessoal». Tanto sacerdotes como levitas são chamados de primeiros servos. Em cada caso, a posição dos servos (*šrt*) do culto depende da estrutura da comunidade pós exílio. No Deuteronomio alimentava-se a esperança que todos os sacerdotes se tornassem Levitas. Além disso, supunha-se a igualdade entre o funcionário do culto residente no santuário principal e aqueles que vinham até esse local como peregrinos (Dt 18, 1-8).

A lei previa que ambos os grupos estivessem autorizados a oferecer trabalho servil no santuário. Mesmo que a natureza deste serviço não seja imediatamente evidente neste texto, no versículo 5, o verbo «servir» é precedido de «ficar», que é interpretado como «permanecer em frente a *Yahweh*». Esta mesma ideia é reforçada no versículo 7. De acordo com o autor, devido às semelhanças entre os verbos «aproximar» e «servir» alguns vislumbram nesta referência as funções do culto. Retomando o versículo 5, verificamos que a admissão aos serviços como servo era resultado da escolha de *Yahweh*, pela tribo de Levi. Fica destacada, desta forma, a relação especial entre Deus e os sacerdotes levitas. (Dt 10, 8).

Neste capítulo destacam-se os versículos 8 e 9, onde algumas frases no infinitivo explicam a separação de Levi: os Levitas, sozinhos, devem carregar a arca da aliança, eles devem comparecer diante de *Yahweh*, oferecer-lhe um serviço sério e abençoar em seu nome para sempre. No Deuteronomio são atribuídas funções jurídicas aos levitas e surge ainda a questão sobre a possibilidade dos Levitas servirem como juízes Dt 17, 12 e Dt 21, 5). Conceder autoridade para aconselhar em casos difíceis, colocaria os Levitas em competição com os juízes (Dt 17, 12). A natureza subordinada do serviço/servo também é aparente no Livro dos Números. Dos 25 aos 50 anos de idade, os Levitas devem cumprir os seus deveres na tenda da reunião. A raiz aqui usada para o desempenho de deveres não denota uma atividade de culto, mas antes serviço «realizado não livremente, mas porque é imposto de cima» (Nm 8, 23-26). Depois dos 50 anos, os Levitas não desempenham mais essas funções, mas em vez disso prestam serviço

aos seus irmãos na tenda da reunião (Números 8, 25-26). O sinal da dependência e da subordinação é reforçado no capítulo 3, versículo 9, quando se refere aos Levitas como «escravos do templo, presos ao templo». O seu dever como servos não é concretizar tarefas do culto, mas cuidar da tenda da reunião e dos equipamentos (Nn 1, 50; Nm 3, 31; Nm 4, 9.12.14; Nm 8, 26; Nm 16,9 e Nm 18, 2).⁴⁰

Um outro ponto de vista é-nos oferecido por Ezequiel, através da visão do novo templo (Ez 40-48). Enquanto no Deuteronomio e no Livro dos Números são referenciadas duas categorias de sacerdotes, aparentemente sem qualquer diferença apreciável de estatuto, mas nas quais cada um tem a sua própria esfera de dever, em Ezequiel estão pressupostas duas classes de sacerdotes. Quando se refere aos aposentos destinados aos sacerdotes designa o aposento voltado para o sul, para os que estão encarregados dos recintos do templo, enquanto aqueles que estão incumbidos do altar moram na área norte do pátio de inverno (Ez 40, 45-46).

Como conclui Zimmerli, não há distinção identificável entre os dois grupos com respeito ao estatuto sagrado, embora ele encontre uma sugestão de hierarquia, baseando-se no versículo 46, onde se identificam os sacerdotes do altar com os Levitas zadoquitas, que são os únicos autorizados a aproximar-se de *Yahweh* e oferecer-lhe serviço religioso. Para Ezequiel, o «serviço» não significa apenas «subordinação simples», mas refere-se antes aos deveres dos sacerdotes levíticos de Zadokite (Ez 43, 19).⁴¹

Joel, um profeta do pós-exílio, anuncia que o povo pode transformar a experiência do exílio em bênção com um sincero retorno a Deus, com o trabalho e o jejum, como ações sagradas. Assim Israel torna-se disponível ao dom de Deus. Nas lamentações sobre o país devastado e no apelo à conversão, indicam-se os motivos pelos quais os sacerdotes, não mencionando outro grupo, e na sua qualidade de primeiros servos de *Yahweh* ou do altar, devem lamentar o facto de não se poderem realizar mais cultos porque o povo está ameaçado pela punição iminente de Deus (Jl 1, 9.13 e Jl 2, 17).⁴²

⁴⁰ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 509-11.

⁴¹ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 512.

⁴² Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 513.

2.2. Os cânticos do Servo

Léon-Dufour afirma que a palavra *'ebed* pode ser traduzida como «Servo» ou «escravo»:

“Escravo”, como aparece no mundo pagão, onde o homem em servidão é relegado ao nível dos animais e das coisas, e a do “Servo”, como é defendida pela lei do povo de Deus: nesse povo, o escravo continua a ser um homem e tem seu lugar na família, de sorte que, verdadeiro Servo, pode nela tornar-se o homem de confiança, o herdeiro (Gn 24,2; 15,3).

Nos «cânticos dos servos» de Isaías⁴³ em traços gerais, podemos dizer que o servo - *'ebed*⁴⁴ tanto poderia ser o próprio Israel, como o próprio profeta ou outros personagens como Moisés, Job, Ezequiel, Jeremias. Quer se interprete o servo como uma personagem coletiva quer se interprete como personagem individual, esta apresenta-se-nos como uma figura a quem é incumbida uma determinada missão. É ainda uma figura expiatória e de cariz místico; neste sentido pode personificar um novo entendimento sobre a ideia de eleição do povo de Israel, sendo esta eleição compreendida como expiatória dos erros não só dos judeus mas também dos outros povos. A missão do servo dos cânticos de Isaías está marcada pelo sofrimento: é um servo sofredor.⁴⁵

O servo sofre por causa da sua mensagem (Is 50, 4-9); a tarefa que *Yahweh* lhe confia é pesada, mas anunciará com fidelidade e audácia a justiça (Is 42, 1- 4). O servo tem de revestir-se de paciência: o seu sofrimento é um sofrimento mediador que vai até à morte. Esta não é atribuída apenas à culpa dos homens, embora seja consequência dos pecados alheios (Is 53 5, 6 e 8), mas em último termo, ao próprio Deus (Is 53, 7-10). Desta forma, o sofrimento faz parte, por desígnio de Deus, da missão salvífica do servo (Is 50, 4).

O servo sofre não só pelos pecados dos outros, mas também em lugar dos outros. Ele é inocente e o seu sofrimento é vicário. O sofrimento do servo (Is 52, 13) e a sua morte vicária cumularão de êxito a sua missão. Em Isaías (40-55) a imagem do servo coloca-se entre o servidor Israel e o servo do Senhor.⁴⁶ Ao servidor Israel servem de apoio e ajuda a promessa de aju-

⁴³ Apenas em traços gerais, podemos dizer que os chamados cânticos de Isaías estão assim distribuídos: primeiro cântico (Is 42-9) – o servo é um mensageiro, enviado a falar e a agir; segundo cântico (Is 49, 1-6) – o servo no meio dos obstáculos encontra o Senhor que o faz «luz das nações»; terceiro cântico (Is 50, 4-9) – o servo fala da sua relação com Deus e com o povo; quarto cântico (Is 52, 13 - 53, 12) – trata da humilhação e posterior exaltação do servo.

⁴⁴ Léon-Dufour, 2009, p. 966, *apud* Rosemary Neves Silva, «O servo de YHWH: uma análise de Isaías 42, 1-4», *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, 15, n.2 (2017): 273, <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/viewFile/6102/3393>.

⁴⁵ Cf, Carlos Mesters, «*El siervo de Yahvé. La sufrida resistencia de los pobres, espejo de la justicia de Dios*», *Concilium: Revista internacional de teologia*, nº 299 (2003): 76.

⁴⁶ Israel é claramente identificado como servidor de *Yahweh*, particularmente nos textos, Is 41, 8-13; 44, 1-2; 44, 21-22; 45, 4; 48, 20; 49, 1-6.

da por parte de *Yahweh*: «não temas» (Is 41, 10.13, 44, 2), de perdão pelas culpas, sobretudo a de ter esquecido o Senhor (Is 44, 21-22).

O Senhor convida Israel à conversão e a libertar-se dos ídolos (Is 49, 1-6) e torna-se «lugar» da manifestação da sua glória (Is 44, 23; 49, 3). Em Isaías, quando se fala do processo de Deus com o seu povo, surge a figura do Servo anónimo do Senhor que tem em comum com Israel apenas a eleição por parte de *Yahweh*, sendo sustentado e amparado por Ele. A relação matizada com o povo, identificado como Israel ou como as nações, não permite a identificação literária e pedagógica entre o Servo anónimo e o conjunto de Israel.⁴⁷ Como uma «aliança com o povo», o servo anónimo é parte do presente de *Yahweh* ao povo; como testemunha, ele é capaz de compreender. Ele é a luz que abre os olhos aos cegos e tira das trevas os que nela estão, pois ele mesmo tem uma parte na cegueira. A comissão do servo, de realizar o plano de *Yahweh* na terra (Is 42, 4), está sempre relacionada com um grupo que não é identificado como Israel, mas descrito como cego, surdo e aprisionado nas trevas.⁴⁸

A identificação com o grupo resulta na aceitação do sofrimento desejado por *Yahweh* (Is 42, 21; 53, 10), incluindo o sofrimento físico e a cegueira espiritual. Na aceitação silenciosa e representativa do sofrimento (Is 42,2; 53, 7), segundo Simian-Yofre, o servo anónimo, de uma forma fundamental, distingue-se da «pessoa justa perseguida» representada nos livros dos Salmos, de Job, de Jeremias, do servo de Israel do Deutero-Isaías. Estas características, juntamente com as múltiplas alusões litúrgicas e jurídicas no vocabulário, denotam que o autor pretende apresentar uma figura e uma «tarefa» excepcionais.⁴⁹

Retornando à identidade do Servo do Senhor, percebemos a forma como Isaías define a sua natureza profunda: «o meu Servo compreenderá», esta compreensão levará as nações e o rei a «compreender» (Is 52, 15) A frase lapidária de Is 53, 11 clarifica o sentido desta compreensão. O servo do Senhor foi preparado para ver, fazer ver e escutar. Todo o conjunto da vida do servo - trabalho e sofrimento - capacitam-no para levar com êxito a missão que lhe foi con-

⁴⁷ Cf. Penna, Romano, Giacomo Perego e Gianfranco Ravasi. *Temis teologici della Bibbia*. (San Paolo, 2010) 1298.

⁴⁸ Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 401.

⁴⁹ Nem Israel, nem qualquer outro profeta, nem outra figura do AT exibem as características do servo anónimo. Ele apresenta-se como imagem teológica aberta, não completamente coincidente com nenhuma figura histórica, nem com um indivíduo, nem com uma figura colectiva. Permite que qualquer um que assuma os seus traços actualize essa figura pelo menos parcialmente. Estes textos assumem uma mediação teológica e dramatizada sobre o destino de cada ser humano e sobre a capacidade da pessoa para enfrentar o sofrimento e a tentação inevitáveis, assumindo-os junto com os outros. Israel não parece ter nenhuma relação privilegiada com o servo anónimo. Em vez disso, o último aparece como o modelo para um círculo mais amplo que também inclui Israel. O uso de *'ebed* para Israel, também ressalta a sua diferença em relação ao servo anónimo, Cf. G. Johannes Botterweck e Heinz Josef Fabry, 401-2.

fiada (Is 53). Desta forma, o Servo abre ao homem o caminho da compreensão do próprio sofrimento, que experimentou nas trevas sem lhe compreender o sentido.⁵⁰

A missão do Servo, profeta repleto do Espírito de Deus, é a de trazer, com garbo e mansidão, uma nova lei, uma religião adaptada ao mundo inteiro (Is 42,1-4). Ele mesmo, com uma narração autobiográfica, se pode apresentar a todo o género humano como um «chamado» desde o seio materno, com uma natureza capaz de cumprir a sua missão universalista. Iniciando o apostolado entre os hebreus, sofreu oposição, mas não desanimou e levou a sua luz até aos confins da terra (Is 49,1-6). Para ter a capacidade de realizar esta sua missão universalista, o Servo fez-se discípulo da sabedoria. Superou a prova; foi protegido pelo seu mestre divino (Is 50,4-9). Deus exalta-o, dando-lhe sucesso e estima universal porque escolheu a via do sofrimento vicário. Em consequência, ele terá uma longa descendência, será glorificado. É o Justo Sofredor que nos salvará (Is 52,13 – 53,12).

Partindo da análise dos textos citados e da etimologia do vocábulo *serviço* em hebraico, podemos dizer que o «serviço», no AT, tem uma dinâmica pedagógica. Nesta história do Povo de Israel, Deus interveio de modo decisivo, atuando com o homem, fazendo uma história com Ele. Uma História de Salvação, porque Deus quando intervém é para salvar o homem, para o libertar de toda e qualquer escravidão. Neste percurso havia fundamentos importantes a serem transmitidos e assumidos pelo povo de Israel que estava a encetar uma experiência religiosa monoteísta, conduzido por um Deus vivo e presente, diferente de qualquer situação vivida até então. Deus, de forma estratégica, ensinava o povo a «servir».

No que até aqui foi referido, embora seja possível constatar o progressivo desenvolvimento do termo «servir» na cultura geral do povo de Israel, não foi no AT que o conceito atingiu o seu pleno sentido. Os seus atributos múltiplos serão atualizados na figura de Jesus de Nazaré, preparado por toda a história da salvação do AT. No próximo capítulo daremos continuidade à dimensão do serviço no NT.

3. O conceito de «serviço» no Novo Testamento

Os conceitos associados ao serviço no NT, escrito em Grego, assumiram maior complexidade comparativamente ao AT, escrito maioritariamente em Hebraico. A língua grega traz novas palavras que apresentam sentidos diferentes e mais profundos.⁵¹

⁵⁰ Cf. Penna, Romano, Giacomo Perego e Gianfranco Ravasi, 1299.

Nesta linha, Eugene March é do parecer que a terminologia grega correspondente ao substantivo hebraico *'ebed* (que é, como vimos, correspondente a «escravo» ou «servo»), relacionado com o verbo hebraico *'abad* (que significa «trabalhar» ou «servir») é, na maior parte das vezes, mais exata. Os termos gregos *latreuo* («adorar») e *latreia* («culto»; «adoração a Deus») são usados, quase de modo exclusivo, para falar de serviço divino ou culto oferecido a Deus, sendo um matiz de *šrt*, sobretudo e, em parte, de *'abad*. Expressão deste serviço divino ou culto é a profetiza Ana que não se afastava do templo, participando no culto noite e dia (Cf. Lc 2, 37); temos também o discurso de Paulo perante Agripa quando se refere à promessa de Deus que as doze tribos esperam ver realizadas, servindo a Deus noite e dia, continuamente (Cf. Act 26, 7).

March assinala mais dois termos que exprimem vários tipos de atividade de uma ou mais pessoas, diante de um compromisso com Deus, ou mesmo, como simples ato não religioso. O primeiro refere-se ao verbo *diakoneô* (servir) e ao correspondente substantivo *diakonía* («ato de servir»; «ministério»); o segundo termo é o verbo *douleúo* («servir como escravo») e o respetivo substantivo *doúlos* (que significa «servo» ou «escravo»).

Estes termos, de acordo com o autor, usavam-se em referência ao ato de servir alguém, como denotam as seguintes expressões: «estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia e o serviram» (Mt 27, 55); «enviou à Macedónia dois auxiliares seus, Timóteo e Erasto» (Act 19, 22); «desejava mantê-lo junto de mim, para se colocar ao meu serviço nas prisões que sofro por causa do evangelho» (Flm 13). Estes gestos de serviço, são geralmente traduzidos para português por «ministério» (Act 20, 24; 21, 19; 2 Cor 5, 18).⁵²

Atendendo ao termo «ministério», March diz que a designação da função bíblica de «diácono» está relacionada com o substantivo *diakonía* como está presente na carta aos Romanos quando se refere ao serviço da comunidade (Rm 12,7).⁵³

⁵¹ Cf. Lebedenco, Ricardo, «*O princípio do servir na perspectiva bíblica e histórica*», *Revista Batista Pioneira* 9, n.1 (2020): 153, <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/373>.

⁵² «Mas, a meus olhos, a vida não tem valor algum; basta-me poder concluir a minha carreira e cumprir a missão que recebi do Senhor Jesus, dando testemunho do Evangelho da graça de Deus.» (Act 20, 24); «Depois de os saudar, começou a expor, minuciosamente, tudo quanto Deus tinha feito entre os pagãos, pelo seu ministério.» (Act 21, 19); «Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação.» (2 Cor 5, 18); «Se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino» (Rm 12,7).

⁵³ Cf. March, 159.

3.1. O significado neotestamentário do termo *diakoneô*

O sentido neotestamentário do termo *diakoneô* encontra-se na pessoa de Jesus e do seu evangelho: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de todos» (Mc 10, 45). No NT o termo *diakoneô* designa, igualmente, o amor e o serviço ao próximo. O serviço de Jesus aos seus discípulos e aos homens é uma demonstração do amor de Deus para com toda a Humanidade: «quem é o maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27); «Na verdade, dei-vos o exemplo para que, assim como eu fiz, vós façais também» (Jo 13, 15).

O exemplo de Jesus torna-se exortação para os discípulos: «o que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve» (Lc 22, 26). O dom que cada um recebeu deve ser colocado ao serviço dos outros: «como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu» (1Pe 4, 10).⁵⁴

José Cordeiro referindo-se ao verbo *diakoeîn* explica que no NT o termo indica a missão própria de Cristo como servo, destacada em Mateus quando fala de Jesus, Servo de Javé (Mt 12, 18); nos Atos dos Apóstolos quando se fala das curas, milagres e prodígios, em nome do Santo Servo Jesus (Act 4, 30); na Carta aos Filipenses quando alude à necessidade de assumir os mesmos sentimentos de Cristo Jesus que sendo de condição divina, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo (Fl 2, 6-11).

O autor diz que esta palavra também indica o exercício do serviço pelos discípulos,⁵⁵ retratado sobretudo nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, assim como na Carta aos Romanos (Mc 10, 43ss; Mt 20, 26ss, 23, 11; Lc 8, 3; Rm 15, 25). Serviços de vários tipos na Igreja, nomeadamente o serviço apostólico de pregar o Evangelho e outros dons carismáticos.

José Cordeiro argumenta que os termos *diakoeîn* e *diákonos* são muito genéricos no NT. No que diz respeito aos *diákonos* pode, por exemplo, significar o criado de mesa (Jo 2, 5 e 9); o servo do Senhor (Mc 9, 35); o ministro de um poder espiritual (2 Cor 11, 14); o servo do Evan-

⁵⁴ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard. «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.4 (Salamanca, 1984), 214.

⁵⁵ Os apóstolos consideram o serviço da palavra como um seu dever específico (Act 6,4); o dever de testemunhar os fatos salvíficos de Cristo diz respeito antes de mais ao grupo apostólico (Act 1,15-26); também a outros é dado o encargo de pregar, mas sempre em dependência do grupo dos Doze, caso de Estêvão teve a imposição das mãos por parte do grupo apostólico (Act 6).

gelho, de Cristo, de Deus (2 Cor 11, 23); os diáconos são os servos da Igreja (Col 1, 25; 1 Cor 3, 5).⁵⁶

Jesus não se limitou apenas a servir o grupo dos seus discípulos, com quem andou por aldeia e cidades e a quem enviou a anunciar que o Reino de Deus está próximo (Lc 10, 1-9). Jesus serve o homem, sobretudo, quando o liberta do sofrimento e do pecado (Lc 15, 4-7; Mt 20, 1-15).

O ato de se colocar ao serviço assume no NT sentidos diversificados, tais como: servir à mesa (Mt 8,15); cuidar de alguém (Mt 27,55); o trabalho dos diáconos (1Tm 3,10); ou a própria entrega de Jesus a favor de todos (Mt 10, 28), como expressão feita pelo próprio Jesus por ocasião da sua entrega em favor de todos (Mt 20, 28).

3.2. O Significado de *douleúo*

Este verbo *douleúo* é uma ação-chave no hino da carta aos Filipenses, sendo o ponto nodal da compreensão da encarnação do verbo e da sua dramática. Jesus Cristo, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo.⁵⁷ Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Cf. Fl 2,6-8).

Voltando novamente ao pensamento de Eugene March sobre o termo *douleúo* e o respetivo substantivo *doúlos*, cujo sentido é de prestar serviço como alguém subordinado ou mesmo escravo (Mt 8, 9; 10, 24; Lc 7, 2, 8-10),⁵⁸ percebemos que o termo pode, igualmente, ser utilizado para falar do serviço de Deus, fazendo transparecer a ligação ao hebraico *'abad* (Mt 6, 24; Rm 14, 18).⁵⁹ Além disso, o autor afirma que as ações ligadas a cada um destes vocábulos gregos, assim como no hebraico, surgem das convicções interiores da pessoa e do seu amor por

⁵⁶ Cf. José Cordeiro, 34.

⁵⁷ H. Alves aponta algumas características do servo que permitem vê-lo por detrás de Jesus: amigo de Deus, não tolerado pelos seus contemporâneos, inocente, mediador entre Deus e os pecadores, vida ao “serviço” dos outros. ALVES, H. «Jesus Cristo à luz do “servo do Senhor”». *Communio*, XVIII (2001): 105-107.

⁵⁸ «Porque eu, que não passo de um subordinado, tenho soldados às minhas ordens e digo a um: 'Vai', e ele vai; a outro: 'Vem', e ele vem; e ao meu servo: 'Faz isto', e ele faz.» (Mt 8, 9); «O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor» (Mt 10, 24); «Ora um centurião tinha um servo a quem dedicava muita afeição e que estava doente, quase a morrer» (Lc 7, 2); «Porque também eu tenho os meus superiores a quem devo obediência e soldados sob as minhas ordens, e digo a um: 'Vai', e ele vai; e a outro: 'Vem', e ele vem; e ao meu servo: 'Faz isto', e ele faz» (Lc 7, 8-10).

⁵⁹ «Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um deles e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.» (Mt 6, 24); «E quem deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e estimado pelos homens» (Rm 14, 18).

Deus. Por isso, a resposta concreta ao amor gratuito de Deus é louvá-Lo com todo o coração e amar o próximo de forma compassiva e generosa.⁶⁰

3.3. O Significado de *latreuô*

Roselyne Dupont Roc recorre à família de palavras relacionadas com o vocábulo *diakonía* para distinguir os diversos aspetos do serviço no grego que encontramos na Tradução dos Setenta (LXX) e no NT. A autora indica a palavra *douleúo* («servir como escravo»), particularmente, aplicada ao serviço a Deus. Explicita a ideia fazendo referência ao profeta designado «servo» ou *doúlos* (Is 48,20; 49,3). O verbo *latreuô* que no grego clássico se aplicava a todo o tipo de serviços, nos LXX designa exclusivamente o serviço cultural, serviço a Deus (e a outros deuses).

Encontramos a aplicação do termo, especialmente, nos livros do Êxodo «servireis a Deus sobre esta montanha» (Ex 3, 12); no Deuteronomio «se lá adorardes deuses, obra das mãos dos homens, deuses de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, não comem, nem têm olfacto» (Dt 4, 28). Nos LXX, o termo encontra-se ainda no Livro de Josué (19 x), no Livro dos Juízes (9 x) e no Livro de Daniel (8 x).⁶¹

No NT, todas as vezes em que aparece o termo *latreuô* refere-se ao culto religioso. O seu uso está ligado ao AT, não só nos textos que contêm citações veterotestamentárias (Mt 4,10; Lc 4, 8; Lc 1, 74; 2, 37; Act 7, 7), como também em Paulo, nomeadamente, quando discursou, num dos seus julgamentos, ante o governador Félix e sua esposa judia Drusila, afirmando «sirvo o Deus dos nossos pais como ensina a “Via”, a que eles chamam seita. Acredito em tudo quanto há na Lei e em tudo o que está escrito nos Profetas» (Act 24, 14) e num outro discurso de defesa, desta vez ante o rei Agripa, referindo-se à «promessa feita por Deus a nossos pais, promessa que as nossas doze tribos esperam ver realizada, servindo a Deus noite e dia, continuamente» (Act 26, 6-7).

Neste sentido, percebemos que o termo *latreuô* afasta-se amplamente do seu significado cultural, passando a exprimir o culto espiritual: a fé (Act 24,14). Paulo utiliza a imagem do sacrifício no sentido veterotestamentário, para descrever o verdadeiro culto espiritual (Rm 12,1) e a vida cristã mediante a pregação do evangelho, incluindo-se a si próprio que serve a Deus e «a quem presta culto no seu espírito, anunciando o evangelho do seu Filho» (Rm 1,9). Do mesmo

⁶⁰ Cf. March, 159.

⁶¹ Cf. Roselyne Dupont-Roc, «Diakónia El servicio en la Biblia», *Cuadernos Bíblicos* 159 (2013): 15.

modo, Paulo refere-se aos que prestam culto a Deus em espírito e com o espírito de Deus: «nós, os que prestamos culto pelo espírito de Deus, nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne» (Fl 3,3).

O verdadeiro culto, de facto, há de realizar-se em espírito e verdade, liberto dos preceitos cultuais, da circuncisão. O homem novo e reconciliado realiza o culto a Deus em espírito através do oferecimento a Deus da sua vida e ao serviço do evangelho (Rm 1,9), a entrega total da vida é o «verdadeiro culto» (Rm 12, 1).⁶²

3.4. Significado do termo *diakonía*

Para a compreensão do termo *diakonía* no NT é fundamental colocar a questão da fraternidade e do serviço da mesa⁶³ como está expresso nos Actos do Apóstolos:

Como o número dos discípulos ia aumentando, houve queixas dos helenistas contra os hebreus, porque as suas viúvas eram esquecidas no serviço (*diakonía*) diário. Os doze convocaram, então a assembleia dos discípulos e disseram: “Não convém deixarmos a Palavra de Deus, para servirmos (*diakoneîn*) à mesa. Irmãos, é melhor procurardes entre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais confiaremos essa tarefa. Quanto a nós, entregar-nos-emos assiduamente à oração e ao serviço (*diakonía*) da Palavra (Act 6, 1-4).

Neste contexto dos Actos dos Apóstolos a fracção do pão, a comunhão fraterna, a partilha de bens, nas comunidades domésticas é expressão do serviço (*diakonía*), ideal na construção do reino de amor, cuja lei de vida é dar e servir. Na carta aos Romanos, Paulo apresenta uma família como exemplo de serviço: «Conheceis os da família de Estéfanos. Foram as primícias da Acaia e todos se consagraram ao serviço (*diakonía*) dos santos» (1 Cor 16, 15).

Colocar tudo à disposição dos outros torna-se a atitude fundamental da comunhão (*koinonia*) e da solidariedade: «Através da comprovada virtude deste serviço, eles glorificarão a Deus pela obediência que professais para com o Evangelho de Cristo, e pela generosidade da comunhão em benefício deles e de todos» (2 Cor 9,13).

Este serviço ultrapassa as fronteiras da própria comunidade, estende-se a outras necessitadas de ajuda: «Sou testemunha de que eles, segundo as suas posses e para além das suas posses, nos pediram espontaneamente e com muita insistência a graça de participarem neste serviço em favor dos cristãos» (2 Cor 8, 3-4).

A *diakonía* material e espiritual, em que todos dão e recebem ao mesmo tempo e reciprocamente, é sinal da «mesa e do sacrifício de Jesus» (2 Cor 9,12), não se limita apenas ao di-

⁶² Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 217.

⁶³ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 214.

nheiro e aos bens materiais, torna-se doação que contempla o corpo e a vida: «e ultrapassando as nossas esperanças, deram-se a si mesmos, primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus» (2 Cor 8, 3-5).

Por isso, Paulo denomina as funções carismáticas de serviço de (*diakonía*): «há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo» (1 Cor 12, 5). No entanto, o termo *diakonía* pode designar também um determinado carisma: «se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem de ensinar, que o use no ensino» (Rom 12, 7).⁶⁴ De acordo com o texto da comunidade primitiva, a partilha não se limita aos bens materiais, é expressão de uma partilha mais profunda, partilha-se o bem mais precioso: Jesus Cristo e a sua salvação.

Paulo alarga o conceito de *diakonía* no momento em que considera a obra da salvação como uma *diakonía* de Deus em Cristo, sendo os apóstolos, como enviados, os primeiros portadores deste serviço: «tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação» (2 Cor 5, 18-20). Nesta perspetiva o termo *diakonía* torna-se expressão do trabalho pelo Reino (Rom 11,13; 2 Cor 4,1; 6, 3; 2 Tm 4, 5), que se edifica através dos seus membros, que se orientam para o Senhor que há de vir.⁶⁵ Nesta linha, em Lucas a *diakonía* de Marta alude à missão evangélica, a escuta viva da palavra de Cristo, em vista dum anúncio eficaz. Palavra não apenas escutada, mas guardada, tomada, conservada, torna-se fundamento do serviço na construção do Reino (Lc 10, 38-42).

3.5. O Significado de *diákonos*

O termo *diákonos* é mencionado 29 vezes no NT. Designa em primeiro lugar, aquele que serve à mesa, como vem expresso na parábola do grande banquete em sentido escatológico: «o rei disse, então aos servos, amarraí-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque são muitos os chamados, mas poucos os escolhidos» (Mt 22, 13-14) e nas bodas de Caná: «fazei o que Ele vos disser...» (Jo 2, 1ss).

Com Paulo, o termo alcança um sentido cristão: servidor da nova aliança: «é Ele que nos torna aptos para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito» (2 Cor 3, 6); um servidor da justiça: «despojei outras igrejas, recebendo delas o sustento para vos servir» (2 Cor 3, 11), um servidor de Cristo: «assim o aprendestes de Epafras, servo como nós, ele que é um fiel servidor de Cristo ao vosso serviço» (Cl 1, 7), um servidor de Deus: «em tudo nos recomendamos como ministros de Deus, com muita firmeza» (2 Cor 6, 4), um servidor do

⁶⁴ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 214-15.

⁶⁵ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 215.

evangelho: «dele me tornei ministro, pelo dom da graça de Deus que me foi dada, pela eficácia do seu poder» (Ef 3, 7), um servidor da comunidade: «foi dela que eu me tornei servidor, segundo a missão que Deus me confiou para vosso benefício: levar à plena realização a Palavra de Deus» (Cl 1, 25).⁶⁶

No NT o termo *diákonos* indica a missão própria de Jesus como servo: «o discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor. Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo ser como o senhor» (Mt 10, 45).

K. Hess afirma que para compreender melhor o termo *diákonos* é importante distingui-lo do termo *douλος* (escravo). O escravo está vinculado ao senhor, o *diákonos* está ao serviço da comunidade, dos irmãos, através do serviço da mesa, da palavra ou da realização de outras funções. O *diákonos* apresenta-se como servidor de Cristo, continua a *diakonía* de Cristo dentro e fora da comunidade. No cuidado apostólico, Paulo apresenta-se como servidor do evangelho.⁶⁷ Também se apresenta como ministro (Cf. 2 Cor 3,5; 2Cor 3,6; 6,4; cf. Ef 3,7; Cl 1,23.25).

Nas Igrejas confiadas aos cuidados apostólicos de Paulo, os diáconos surgem ao lado dos bispos (*episkopoi*) como exercendo um ministério a eles subordinado ou por eles coordenados⁶⁸. Na comunidade de Filipos, Paulo dirige-se aos Filipenses deste modo: «Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com seus bispos e diáconos: a vós a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo» (Fl 1,1).

S. Paulo utiliza a palavra «servo» para descrever a sua relação com Cristo. Como servo de Jesus Cristo, como administrador dos mistérios de Deus, a sua vida está inteiramente penetrada pela vida de Deus. Não seria apóstolo, se não vivesse plenamente para Ele.⁶⁹

3.6. Ocorrências e significado dos termos *diakoneô*, *diakonía* e *diákonos*

Nos evangelhos, Jesus apresenta-se como alguém que concebe a sua vida como serviço a Deus e aos irmãos, ou mais exatamente, como serviço aos irmãos, por amor a Deus. Nesta linha, Roselyne⁷⁰ diz que nos evangelhos o verbo *diakoneô* «servir», predomina em Mateus (5x), em Marcos (4x) e em João (3x), por sua vez, o adjetivo substantivo *diákonos* e o substantivo *diakonía* são mais raros. Este último termo surge no evangelho de Lucas (1x): «Marta, porém, andava atarefada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não te preo-

⁶⁶ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 214.

⁶⁷ Cf. Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard, 215-16.

⁶⁸ Cf. José Cordeiro, 35.

⁶⁹ Cf. Marco Mariano Herranz, *San Pablo en sus cartas* (Encuentro, 2011), 31

⁷⁰ Cf. Roselyne Dupont-Roc, 16.

cupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar» (Lc 10,40), já o termo *diákonos* aparece em Mateus (3x), em Marcos (2x) e em João (3x). O verbo, frequentemente, designa um serviço. Nas parábolas de Lucas sobre o serviço, trata-se, sobretudo, de servir o próprio Jesus (Lc 12,37; 17,8).⁷¹ De acordo com Roselyne, no evangelho de Lucas é evidente a convergência no uso dos vocábulos *diakoneô*; *diákonos* e *doúlos*.

O termo *doúlos* etimologicamente refere-se a «escravo», no NT é usado para se referir a «servo», evidenciando atitude de submissão, porém, sem a conotação negativa de escravatura. Temos como exemplo a parábola do bom servidor que demonstra a relação de um escravo (*doúlos*) com o seu senhor:

Qual de vós, tendo um servo a lavar ou a apascentar gado, lhe dirá, quando ele regressar do campo: “Vem cá depressa e senta-te à mesa”? Não lhe dirá antes: “Prepara-me o jantar e cinge-te para me servires, enquanto eu como e bebo; depois, comerás e beberás tu”? Deve estar grato ao servo por ter feito o que lhe mandou? (Lc 17,7-9).

Como se trata de um serviço de mesa, torna-se natural que o senhor diga: «serve-me» (v. 8). Já no evangelho de Marcos parece haver uma inversão de lugares:

Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo (*diákonos*) e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se escravo (*doúlos*) de todos. Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos (Mc 10,43-45).⁷²

É neste enquadramento que podemos colocar em diálogo a parábola do bom servo com o texto em que Paulo convida os Filipenses a encarnar os valores de Cristo, Ele que era de condição divina, aceitou fazer-se homem, assumindo com humildade a condição humana, para servir, para dar a vida (Fl 2, 6-11). Como consequência da sua entrega, reconhecemos Jesus como o «senhor», que tomou a forma de «servo» (Fl 2, 7), que fez da sua vida um dom para todos. Nesta linha a fraternidade, o seguimento e o «serviço», fundamentam-se na dádiva de Jesus que se manifesta na cruz. Por isso, quem quiser conhecer Jesus deve aprender com Aquele que põe totalmente a sua vida ao serviço dos projetos de Deus e que morre na cruz para ensinar o amor sem limites (Jo 12, 20-33).

⁷¹ «Felizes aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Em verdade vos digo: Vai cingir-se, mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los» (Lc 12,37); «Não lhe dirá antes: 'Prepara-me o jantar e cinge-te para me servires, enquanto eu como e bebo; depois, comerás e beberás tu'?» (Lc 17,8).

⁷² Cf. Roselyne Dupont-Roc, 16-17.

Ocorrências de *diakoneô*, *diakonía* e *diákonos* nos evangelhos (valores absolutos)

Evangelho	<i>Diakoneô</i>	<i>Diakonía</i>	<i>Diákonos</i>
Mateus	5	-----	3
Marcos	4	-----	2
Lucas	-----	1	3
João	3	-----	-----

Charles Perrot, refletindo sobre o vocábulo «serviço» no NT, argumenta que o verbo *diakoneô* (servir), com o substantivo *diakonía* (serviço) e *diákonos* (servidor), libertos de uma conotação de inferioridade, indicam um serviço transmitido a outros, através da palavra ou de bens. O autor, referindo-se ao significado greco-romano de «escravo» (*doúlos*) e ao significado dentro do judaísmo da palavra hebraica «servo» (*'ebed*), diz que na primeira situação o «escravo» era considerado uma «não pessoa», destinada a executar um serviço gratuitamente; já na segunda situação, é possível encontrar conotações diversas, sobretudo, mais humanas, fazendo perceber que o estatuto/conceito bíblico do escravo era diferente do existente no mundo hele-nístico.

Já em relação ao termo *diákonos* no contexto grego antigo, Charles Perrot citando J. N. Collins, designa uma figura que assume ser porta-voz, isto é, aquele que serve uma palavra que não lhe pertence. Torna-se administrador e representante dessa palavra. Porém, os dois tipos de vocabulário que designam a atividade do «escravo» e do «servo» no NT, por vezes, misturam-se entre eles, ou mesmo, confundem-se (Mc 10, 43-44). Desta forma, é importante, que o servidor da palavra se coloque diante do Senhor numa atitude de humildade como diz S. Paulo aos Coríntios: «há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo»⁷³ (Cf. 1 Cor 12, 5).

Eugene March em relação à unidade «servo» e «escravo» em Jesus Cristo afirma ser notável que Ele tenha dito aos que o seguiam:

É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai (Jo 15, 12-15).

Na parábola do bom servidor Jesus usa os moldes tradicionais da relação servo – senhor. Uma relação, que de certa forma, se apresenta autoritária, não expressa uma vivência de amizade e ternura filial. Já no texto de Jo 15, 12-15 estes moldes relacionais são mais recípro-

⁷³ Cf. Penna, Romano, Giacomo Perego e Gianfranco Ravasi, 1291-2.

cos, denotam um amor de amizade (*philia*) entre amigos à mesma altura. A maior prova de amor encontra-se no dar a vida pelos amigos.

Retomando o pensamento de March, foi Jesus Cristo que se «esvaziou, tomando a forma de escravo» (Fl 2,7). Ao fazê-lo, criou a marca para o serviço entre os que O seguem e amam.⁷⁴ Por sua vez, Schürmann diz que os gestos de doação realizados por Jesus permitem aceder, com as suas indicações, à interpretação que Ele dava à sua morte, sofrida em serviço, e fazia-o de forma profundamente existencial e certamente originalíssima.⁷⁵

Jesus Cristo é servo e exemplo no servir: «felizes aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Em verdade vos digo: Vai cingir-se, mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los» (Lc 12, 37). Em Jesus Cristo o conceito de «serviço» adquiriu novo valor, ou seja, o valor do dom de si, do sacrifício e do amor sem limites.

A leitura da profecia de Isaías⁷⁶ que, segundo Lucas, Jesus leu e atribuiu a si mesmo logo no início do seu ministério público (Lc 4, 16-21), levou-o a continuar o Seu serviço, libertando os oprimidos, curando, dando comida aos famintos (Mc 1, 21-34; Mt 7, 28- 29; Lc 4, 40-41; Mc 5, 35-42; Lc 7, 11-17; Jo 11, 1- 44).⁷⁷

Parece ser um programa de vida. Jesus identifica-se com o texto do Profeta Isaías; sente-se O enviado do Pai para servir e não ser servido. A vida de Jesus foi toda ela, na sua totalidade, uma vida de serviço. A sua entrega foi até ao extremo, quer na vida quer na morte.

4. A fraternidade como serviço nos textos do Novo Testamento

Após o itinerário atrás construído, parece-nos que podemos abeirar-nos e analisar com algum detalhe textos específicos, nos quais, pelo estudo anteriormente empreendido, reconheceu uma particular incidência sobre o tema do serviço, no seu cruzamento com a fraternidade. Um dos textos em análise encontra-se no Evangelho segundo São Lucas, refere-se à parábola do «Pai Misericordioso» e o outro do Evangelho segundo São João, a perícopes do «Lava Pés». Antes de analisar os dois textos, faremos uma breve introdução para enquadrar no pensamento que os papas Bento XVI e Francisco realizarem neste âmbito.

⁷⁴ Cf. March, 161-2.

⁷⁵ Cf. Schürmann, H, «*El destino de Jesús: su vida e su muerte*» (Salamanca: Sígueme, 2003), 251-2.

⁷⁶ «O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano da graça do Senhor, o dia da vingança da parte do nosso Deus; para consolar os tristes» (Is 61, 1-2)

⁷⁷ Cf. March, 166.

Percorrendo a Bíblia, desde o AT até ao NT descobrimos traços da fraternidade que se faz serviço. Percebemos as marcas do amor solícito e fraterno de Deus assumidas pelo Filho «primogénito de muitos irmãos» (Rm 8, 29). Podemos, por isso, percorrer a história da Salvação e apercebermo-nos concretamente como Deus se faz próximo e que a fraternidade nasce do amor: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo» (Rm 13, 8-10).

Para Paulo toda a lei se resume no amor ao próximo (v.8). Jesus fala do amor a Deus e aos irmãos (Mt 18, 15-20).⁷⁸ Na Carta aos Romanos, Paulo mostra com clareza que a nova fraternidade se torna possível através do primogénito dos irmãos, Jesus Cristo, que morreu por todos e se tornou nosso irmão e, n'Ele todos são irmãos (Rm 8, 29ss).

O Papa Bento XVI na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (CV) afirma:

Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem. Jesus Cristo purifica e liberta das nossas carências humanas a busca do amor e da verdade e desvenda-nos, em plenitude, a iniciativa de amor e o projeto de vida verdadeira que Deus preparou para nós (CV 1).

Neste texto, Bento XVI indica o caminho que conduz à fonte original do amor humano e da fraternidade: Deus. Um Deus fiel, cuja fidelidade tem um rosto: Jesus crucificado e ressuscitado. O Papa Bento XVI, na mesma Encíclica, refere que à luz da razão e da fé, «a caridade reflecte a dimensão simultaneamente pessoal e pública no Deus bíblico, que é conjuntamente “*Agápe*” e “*Lógos*”: Caridade e Verdade, Amor e Palavra» (CV 3).

Neste sentido, Antonio Mastantuono⁷⁹ numa reflexão sobre a fraternidade diz:

Deus confia a fraternidade à responsabilidade humana: Caim deve reconhecer-se guarda de Abel; José deve refazer o vínculo da fraternidade destruída pelos irmãos desavindos. As Escrituras revelam uma fraternidade edificada no único Deus, Pai de todos, porém, não dispensa o empenho e a fadiga de a procurar em conjunto com os que se dispõem a partilhar através de gestos de justiça e responsabilidade.⁸⁰

A fraternidade no NT realiza-se, como citamos anteriormente, através de gestos de verdade, de caridade, de «*agápe*». Cortejando os textos do NT, com facilidade nos deparamos com

⁷⁸ «Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós. Se te der ouvidos, terás ganho o teu irmão. Se não te der ouvidos, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas. Se ele se recusar a ouvi-las, comunica-o à Igreja; e, se ele se recusar a atender à própria Igreja, seja para ti como um pagão ou um cobrador de impostos. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no Céu». «Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está no Céu. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles».

⁷⁹Cf. Antonio Mastantuono, «Una certa idea di fraternità», acedido a 19 de abril de 2022, http://www.impegnoeducativo.it/2014/wp-content/uploads/2016/09/Una-certa-idea-di-fraternit%C3%A0_2_2013.pdf

⁸⁰ Cf. Mastantuono, 10-11.

palavras ligadas à dimensão da fraternidade. Jesus realizou gestos proféticos, a sua palavra e a sua vida falam do projeto do Pai sobre a humanidade. Por isso, a fraternidade é um dom de Deus confiado a todos quantos se identificam com este projeto. A fraternidade de Jesus, segundo a visão de Antonio Mastantuono, centra-se no «anúncio de um Pai-Abbà misericordioso. É a compaixão, o perdão e a paternidade de Deus que tornam possível a fraternidade».⁸¹

No NT o termo «irmão» é usado frequentemente utilizado para indicar os discípulos de Cristo: (Mt 23,8; At 1,15; 1 Cor 15, 6; Fl 4,1; Hb 2,12). É ainda denominado «irmão» quem está unido a Cristo através da escuta da sua palavra e do cumprimento da vontade do Pai (Mt 12, 46-50; Lc 8,19-21). Irmão é o outro quando o reconhecemos com amor (1 Jo 2, 9-10), o consideramos merecedor de perdão e correção fraterna (Mt 18,15-22).

Uma condição importante a ter em conta nestes textos do NT é o sentido de pertença: pertencer a Cristo, mas também a uma família, a família dos filhos de Deus (Jo 1, 12). Jesus pensa nos discípulos como a sua família, os seus irmãos, sendo Ele o primogénito de muitos irmãos (Rm 8, 29).

A fraternidade fundamenta-se na presença de Cristo, na sua entrega por todos (2 Cor 5, 14ss). A entrega de Jesus torna-se serviço e constrói a fraternidade cristã. Do seu exemplo, Cristo fez um preceito para os seus Apóstolos e uma norma para os discípulos: «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos» (Mc 10, 45) e o «maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve» (Lc 22, 26).

As palavras e os gestos de Jesus são para ser continuados como Ele mesmo mandou. Antonella Anghinoni⁸² aprofundando alguns textos do NT alude a estes gestos e demonstra que o serviço de Cristo realiza-se por amor ao Homem. A autora referindo-se ao episódio que narra o acolhimento de Jesus em Betânia, na casa de Marta e Maria (Lc 10, 38-42), evidencia alguns traços de fraternidade e serviço: Maria sentada aos pés do Senhor escutava a sua palavra (v. 39), uma atitude que exprime acolhimento ao hóspede; a casa de Marta e Maria é lugar de verdadeira amizade e Jesus mostra-lhes o seu amor de maneira íntima e profunda; naquela casa vivia-se o amor a Deus e ao próximo, cada uma procurava oferecer ao Mestre o melhor de si mesma.⁸³

⁸¹ Cf. Mastantuono, 11.

⁸² Antonella Anghinoni, «Va' dai miei Fratelli: La fraternità nel Nuovo Testamento», acedido a 19 de abril de 2022, <https://docplayer.it/55765435-Va-dai-miei-fratelli.html>

⁸³ Cf. Anghinoni, 1-19.

Sobre o léxico do conceito «fraternidade», Antonella Anghinoni comentando a vocação dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20) e a instituição dos doze (Mc 3, 13-19), evidencia que Tiago e João, que eram irmãos, serão os únicos discípulos aos quais Jesus atribui o sobrenome de *Boanerges*, isto é, filhos do trovão, uma denominação que define a sua personalidade (Mc 3, 17). Os dois irmãos seguem Jesus esperando partilhar com Ele o triunfo glorioso em Jerusalém, sendo esta intenção reprovada por Jesus. De acordo com a autora, a perícopes é rica de significado, nomeadamente, no que respeita a uma das dimensões bíblicas da fraternidade: estar em comunhão de vida com Jesus e não procurar triunfalismo.⁸⁴

O apóstolo é um servidor do Senhor e do evangelho, o essencial, portanto, é «servir» Deus com fidelidade. Jesus manifestou esta posição, assumindo Ele mesmo a condição de servo. Antonella Anghinoni, falando sobre o pedido dos filhos de Zebedeu (Mc 10, 35-45), reforça a ideia que «servir» não é um prémio, uma segurança, um privilégio. O que se dispõe a «servir» como o Mestre, antes da comunhão com Ele na glória, é convidado a experienciar a comunhão com Jesus no Getsemani (Mt 26,39). O homem pode experimentar a glória através da sua capacidade de se fazer pequeno para servir os outros.⁸⁵

Neste sentido, o Papa Bento XVI diz que a fraternidade «tem origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna» (CV19). Na Carta aos Romanos, Paulo esclarece que a nova fraternidade ancorada em Cristo, primogénito de muitos irmãos, que morreu por todos conduz à comunhão, à comunidade espiritual que se enraíza no amor (Rm 8, 29ss).⁸⁶

O Papa Francisco na *Fratelli Tutti* oferece-nos, de imediato, uma síntese acerca da fraternidade e do amor ao próximo. S. Paulo exortava os seus discípulos a ter caridade uns para com os outros «e para com todos» (1Ts 3,12), e, na comunidade de João, pedia-se que fossem bem recebidos os irmãos, «mesmo sendo estrangeiros» (3 Jo, 5), um amor que sabe de compaixão e dignidade (FT 62).

Podemos concluir que no NT ressoa intensamente o apelo ao amor e à fraternidade que se pode sintetizar em 1Jo 3, 14: «Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem ama não permanece na morte» e em 1Jo 4: «aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê».

⁸⁴ Cf. Anghinoni, 32-35.

⁸⁵ Cf. Anghinoni, 40-42.

⁸⁶ Cf. Lothar Coenen, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard. «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.2: 270. Salamanca, 1990.

Trata-se, pois, de uma exigência de Cristo para a vida em comum dos discípulos e da Igreja. Jesus sabe que para o conseguir é necessária uma conversão radical. O exemplo do Senhor é exigência para o discípulo e para a Igreja. Nela quem aspira a ser mais faz-se mais pequeno e os mais pequenos são os que precisam de mais atenções (Mt 19, 13-15).

4.1. A experiência de servidão do Filho Pródigo

A parábola do Filho Pródigo ou do Pai Misericordioso é um ícone iluminador, capaz de revelar através do comportamento dos personagens, o comportamento e o agir de Deus. Aqui o serviço é afirmado com palavras do campo de *douleío*.

O Professor Armindo Vaz intitula esta narrativa como «Parábola do Pai Misericordioso». O autor fundamenta este atributo referindo-se à figura do pai dominante nesta narrativa de reconciliação que está no vértice do triângulo de personagens, dos quais se destacam os dois filhos:

É ele o magoado e ofendido com a ruptura do filho; é ele o protagonista da reconciliação (quem dá) e não o filho mais novo (quem recebe); é ele que deseja veementemente a reconciliação do filho mais velho com o mais novo, por meio do seu amor inclusivo, não exclusivo.⁸⁷

Todo o capítulo 15 do evangelho de Lucas é uma grande festa de misericórdia, onde Jesus se manifesta, com as suas palavras e ações, como rosto misericordioso de Deus Pai e como lugar da experiência de Deus enquanto Pai.

Analisando a perícopé apercebemo-nos das atitudes e dos gestos do Pai que ajudam o filho rebelde a sair da escravidão em que se encontrava devido ao abandono da casa paterna. A vida de servidão tornou-se insuportável, com o esbanjar do património⁸⁸, perdeu a sua dignidade de filho e todos os seus direitos. O Papa Bento XVI diz que «a palavra grega usada na parábola para indicar o património esbanjado tem, na linguagem dos filósofos gregos, o significado de “substância”, de natureza. O filho pródigo esbanja a sua natureza, esbanja-se a si mesmo».⁸⁹

Neste sentido, Flávio Martinez de Oliveira⁹⁰ argumenta:

⁸⁷ Armindo dos Santos Vaz, «Lectio divina da parábola do pai misericordioso», *Didaskalia* 35, n.1-2 (2005): 210. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2005.1691>

⁸⁸ «A Lei judaica previa que o primogénito recebesse dois terços da herança, enquanto o mais novo só tinha direito a um terço da mesma (Dt. 21, 17). Na realidade, a parábola transgride do princípio ao fim da lei da distribuição patrimonial, revelando o excessivo amor do pai» (Cf. Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização. *As Parábolas da Misericórdia. Jubileu da Misericórdia 2015-2016* (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 60.

⁸⁹ Cf. Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: Esfera dos Livros, 2007), 261.

⁹⁰ Flávio Martinez de Oliveira, «Lucas 15,11-32: o que é dissipado e o que nunca está perdido no jovem». Acedido a 24 de abril de 2022, <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/399>.

O requerimento da herança (v. 12) leva à posse da mesma, à partida, ao desperdício dos seus recursos de forma dissoluta, enquanto vivia como se fosse um gentio. Um “país distante” já sugere o afastamento do mundo judaico e a existência dos porcos, repugnantes à sensibilidade judaica, acentuam a identificação do filho com o mundo não judaico.⁹¹

De acordo com o relato da parábola, o filho pródigo, em tempo de carestia e de fome, só encontrou trabalho colocando-se ao serviço de um gentio, que o manda guardar porcos. Um trabalho humilhante para qualquer judeu e sem a possibilidade de comer as alfarrobas dadas aos porcos. Fazendo referência a esta situação, Flávio Oliveira, evidencia a vergonha do filho em ter perdido a posição na casa paterna (V. 17) e pertencer à categoria de mendigo.⁹²

Por sua vez o pai, ao partilhar os seus bens, corre o risco de perder a sua posição e o seu suporte. Samuel de Freitas Salgado,⁹³ considera que era impensável, para qualquer filho, realizar este pedido enquanto o pai estivesse vivo: «dividir a herança enquanto o pai estivesse vivo era um grande insulto e o irmão mais velho deveria recusar a petição do seu irmão e intervir como um conciliador. A ação do filho mais novo relata o seu distanciamento e alienação progressiva da sua família, má administração da sua herança e decadência em pobreza e privação».⁹⁴ A alienação da casa paterna levou à servidão, a fome levou à necessidade e ao desejo de ser um empregado do pai para poder comer.

Tiago Cosmo da Silva Dias⁹⁵ referindo-se à imagem da fome no contexto da Palestina no século I, assim se expressa:

Um judeu solitário num país estranho e distante, sem dinheiro e sem amigos, seria especialmente vulnerável durante uma grande fome. Se houve necessidade, ele mais do que os outros, começou a senti-las, daqui o realce do versículo 14: ele começou a passar privações.⁹⁶

Com a sua atitude de recusar ser filho, ele tinha também cortado a sua relação com a Aliança, não «honrou o pai» e, por isso, com Deus: «pequei contra o céu» (v. 21). Os autores, Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi⁹⁷ consideram que o jovem recorda com nostalgia a

⁹¹ Cf. Flávio Oliveira, 67-8.

⁹² Cf. Flávio Oliveira, 68.

⁹³ Samuel de Freitas Salgado, «Dois filhos, dois mundos, um pai e uma mesa. Exegese de Lucas 15, 11-32», acessado a 24 de abril de 2022.

http://www.revistaancora.com.br/revista_5/Filho%20pr%C3%83%C2%B3digo%205%20edi%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o.pdf

⁹⁴ Cf. Samuel de Freitas Salgado, 7.

⁹⁵ Tiago Cosmo da Silva Dias, «A parábola do pai misericordioso. Uma releitura de Lc 15, 11-32 à luz do contexto histórico – cultural da Palestina no tempo de Jesus», acessado a 24 de abril de 2022.

<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1417>

⁹⁶ Cf. Tiago Cosmo da Silva Dias, 320.

⁹⁷ Perondi Ildo, Fabrizio Zandonadi Catenassi. «A compaixão do pai no centro do enredo da parábola do filho perdido e reencontrado Lc 15, 11-32». *Teoliteraria-Revista de Literaturas e Teologias* 11, n.25 (2021): 106-131. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2021v25p106-131>

casa do seu pai, onde não há fome, por isso, toma uma decisão firme: «vou ter com meu pai» (v.18):

Cair em si leva à comparação com os empregados da casa do pai. O jovem não procura restaurar a sua condição filial anterior, mas deseja ser tratado como um jornaleiro, minimizando desta forma, a situação precária e frágil em que se encontrava, sem conseguir subsistência. O termo grego identifica o trabalhador do campo e não o servo; o primeiro recebia o salário ao terminar o dia, porém, em termos de status, estava muito menos seguro que um servo. Mesmo assim, tinham uma condição melhor na casa paterna do que o jovem que sofria nas mãos de um estrangeiro.⁹⁸

No momento em que o filho pródigo volta à casa paterna, a parábola reproduz a imagem do pai desta forma: «quando o filho ainda estava longe, o pai viu-o e comoveu-se. Correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos» (v. 20). Estes verbos descrevem as atitudes do pai que se enche de compaixão e faz tudo para resgatar o filho. Rompe com a ideia de um pai patrão, distante, frio, próprio dos observantes das leis judaicas para que o filho possa reconstruir os laços de fraternidade que tinha quebrado quando abandonou a casa paterna.

Neste sentido, esclarece Tiago Cosmo da Silva Dias:

Um nobre oriental nunca corre para alguma parte. Fazê-lo é humilhante. O pai também sabe do tratamento que o filho receberá. As suas atitudes são uma série de atos calculados para proteger o filho das hostilidades e para restaura-lo à comunhão da comunidade. Se o pai não tivesse corrido em direção ao filho, teria mais um servo; no entanto, ele queria algo mais. O amor do pai sempre fora profundo e duradouro.⁹⁹

Nesta perspectiva, José António Pagola comentando a perícopa afirma que o pai não atua como patrão nem como patriarca de uma família da Galileia: os seus abraços e beijos entranháveis diante de todo o povo são os gestos de uma mãe.¹⁰⁰ As ações do pai: correr, abraçar, beijar, a túnica, o anel, as sandálias, o vitelo gordo, o banquete, são expressões de reconciliação, gestos que estão na base do serviço ao outro, do reconhecimento da pessoa, da relação de amor reconstruído, do desejo de comunhão e fraternidade. É, ainda de salientar que o pai o restaura como filho e não como jornaleiro.

Em jeito de síntese, retomamos o pensamento de Flávio Martinez de Oliveira: «o filho pródigo é como o Adão que procura a autonomia. Sair de si, voltar ao outro e ao Pai sempre acolhedor, numa transformação de identidade é o caminho. Não se escolhem os companheiros de mesa; como Jesus, procura-se quem está perdido».¹⁰¹ Por meio de Jesus, o Pai dá-nos a dignidade de filho e de irmão, faz-nos reencontrar o caminho de casa. Podemos ainda dizer que a parábola é um novo marco nas relações de Deus com os homens e da nossa convivência com os outros.

⁹⁸ Cf. Perondi Ildo, Fabrizio Zandonadi Catenassi, 119.

⁹⁹ Cf. Tiago Cosmo da Silva Dias, 323-5.

¹⁰⁰ Cf. José António Pagola, *Grupos de Jesus* (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 111.

¹⁰¹ Cf. Flávio Martinez de Oliveira, 77.

4.2. A narrativa do lava pés como disrupção da ideia de serviço

No relato da última ceia, em João (13, 2-13), em vez de se narrar a instituição da Eucaristia, como acontece nos Sinóticos, narra-se o gesto do lava pés. Este gesto de Jesus para com os seus discípulos, gesto próprio para honrar um hóspede e normalmente realizado pelos escravos, é visto como inimaginável pelos discípulos. Tal como a parábola do Pai Misericordioso, é o termo *doúlos* («servo» ou «escravo») aquele que está aqui em questão. Em vez de se entender este gesto como uma humilhação, haverá que entendê-lo, como um sinal de acolhimento e serviço: «não há nada nesta atitude que deixe vislumbrar um desejo de se humilhar perante os discípulos. Jesus não se “abaixa”, mas assume uma função de hospitalidade: aquela ceia é a sua ceia, a última ceia com os seus».¹⁰²

Jesus ao realizar com os seus discípulos este gesto, põe-se ao seu nível. É o «Senhor» e faz-se seu servo, faz-se igual a eles, não os humilha, antes dá-lhes também a categoria de «Senhor». De acordo com Joel António Ferreira...¹⁰³

Lavar os pés era a expressão simbólica máxima do serviço. Além da partilha do amor, exprimia a solidariedade aos mais necessitados. Era a contraposição da postura opressora das autoridades (Jo 13, 4); lavar os pés uns aos outros era um contraste com qualquer liderança dominadora da comunidade (Jo 13, 14-15).

Com este gesto Jesus manifestou plenamente a grandeza do seu amor. Amou sempre intensamente os seus, mas agora apresenta-se diante d'Ele a oportunidade de dar a prova máxima, o dom da vida. Bernardo Corrêa d'Almeida argumenta que «o gesto de Jesus de lavar os pés aos discípulos tem como objetivo introduzi-los no domínio do encontro, ou seja, na sua vida no Pai¹⁰⁴». Jesus entrega-se para servir (Lc 22, 27; Jo 13, 1-20).

Joaquim Carreira das Neves fala do gesto «sacramental» de Jesus em lavar os pés aos discípulos e conseqüente doutrinação sobre o serviço e o amor.¹⁰⁵ Jesus sabia que o Pai lhe tinha dado toda a autoridade. Aquele que está para se baixar ao nível do escravo é o Senhor, o Filho igual ao Pai. O autor já citado, Joel António Ferreira, refere que o «gesto do lava pés tem um significado simbólico importantíssimo. No seguinte excerto, o autor, conecta este gesto de serviço com a identidade do Servo presente em Isaías, identificando o Servo Jesus com ele:

Vemos no sociodrama do lava pés dos discípulos, uma referência da entrega do Servo Sofredor. Quem cuida, desinteressadamente, dos desvalidos esvazia-se de qualquer atitude de pre-

¹⁰² Xavier Leon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan, III* (Salamanca: Sígueme, 1995), 27.

¹⁰³ Cf. Joel António Ferreira. «A Prática do Amor em João 13: a nova comunidade cristã», acedido a 25 de abril de 2022, <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4194>

¹⁰⁴ Bernardo Corrêa d'Almeida, *A vida numa palavra. Uma nova leitura do Evangelho de S. João* (Porto: Universidade Católica Editora, 2012), 193.

¹⁰⁵ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), 215.

potência e envolve-se no mundo dos ultrajados. Jesus manifestou-se: foi reconhecido como Senhor. A fraternidade ia-se construindo. Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei.¹⁰⁶

O serviço da vida de Jesus vai assim transformar-se em serviço até à morte. O amor só é verdadeiro na medida em que é traduzido com formas concretas de serviço¹⁰⁷. Jesus levou até ao extremo a sua entrega ao serviço do Pai e dos homens. Renato da Silva Machado,¹⁰⁸ afirma que:

Toda a vida de Jesus é realizada num serviço, numa entrega aos seus. Esta entrega teve o seu ponto culminante na cruz. Ela é a expressão do serviço de Cristo em favor dos seus. “Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai” (Jo 10, 18). No lava pés, não temos apenas um momento que se destaca na vida de Jesus, mas significa a vida toda de Jesus, vida vivida numa total entrega de si. É a explicitação do amor-serviço que Ele demonstrou ao longo da vida. Neste sentido o lava pés torna-se modelo de vida para os discípulos.¹⁰⁹

S. João dá a este episódio uma importância especial. Com ele, Jesus, destruiu para sempre a ideia de Deus que os homens tinham criado: o Deus grande e soberano, sentado no trono à espera de atos de submissão dos seus súbditos e que exige obediência. Há assim uma disrupção da ideia de serviço.

Renato Machado na sua reflexão indica-nos alguns aspetos da forma como Jesus torna presente um Deus com um novo rosto, um Deus que se põe de joelhos diante da criatura, que coloca a pessoa sobre um pedestal, e Ele prostra-se para servir:

Um primeiro destaque que podemos fazer em relação à narrativa do lava pés é o da ruptura com os judeus. Jesus não estava a ceiar com os seus a refeição ritual da Páscoa. Era a véspera, o dia da Preparação (Jo 19,31). A ceia cristã não possui mais referência da ceia judaica, mas é a entrega do próprio corpo e sangue de Cristo. Outro destaque é a postura de Jesus que deixa de lado a função de senhor e assume a identidade de Servo. Ele levanta-se da mesa que é o lugar dedicado ao dono e depõe o manto, sinal do poder e senhorio. Cinge-se com a toalha, despeja a água na bacia e começa a lavar os pés dos discípulos, atitude do empregado de uma casa. Depois ele senta-se novamente à mesa, recoloca o manto, mas não tira a toalha com que prestou o serviço de empregado. O deixar o manto e o retomar o manto faz alusão à morte de Jesus que dá a sua vida para depois retomá-la (Jo 10,17). Novamente à mesa, aquele que é senhor e mestre se apresenta como exemplo para os discípulos, uma vez que os capacitou para tal.¹¹⁰

¹⁰⁶ Cf. Joel António Ferreira, 358.

¹⁰⁷ «Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos. Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele? Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade» (1Jo 3, 16-18)

¹⁰⁸ Renato da Silva Machado, «O amor/ágape e o serviço/diaconia, nos escritos joaninos», *Revelatio-Revista Eletrônica Espaço Teológico* 5.8 (2011): 95-109, <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2011v5i8pp.%2095-109>

¹⁰⁹ Cf. Renato Machado, 105.

¹¹⁰ Renato Machado, 105.

De acordo com a reflexão do autor podemos dizer que Jesus tirou as vestes como fazem os escravos e não lava as mãos, mas os pés, um gesto tão humilhante que um judeu, reduzido à escravidão devia recusar-se a fazer para não desonrar o seu povo. E Jesus fê-lo: Ele que vinha de Deus. O avental é o símbolo do serviço ao irmão. É por este avental que se reconhecem os verdadeiros discípulos de Cristo. Renato Machado evidencia, ainda, que:

O gesto de lavar os pés, que não era comum durante as refeições, mas antes dela (Lc 7,44; Gn 18,4s; 24,32s), quer apontar algo fundamental na vida de Jesus: aquele que é o Senhor se faz servo, coloca-os na condição de senhor Agindo deste modo, o senhor quer comunicar aos discípulos aquilo que é próprio do senhor, a liberdade, e ao fazer isto cria a igualdade entre todos, eliminando qualquer forma de hierarquia.¹¹¹

Na narrativa do lava pés, Pedro compreende que o Mestre inverteu os papéis e não aceita o rebaixamento voluntário de Jesus. Esta compreensão de Pedro sobre o serviço é incompatível com o discipulado de Cristo: «se não te lavar os pés não terás parte comigo» (Jo 13, 8). Exige mudança de mentalidade: «Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 17). O verdadeiro sentido da vida e a felicidade encontram-se na experiência do amor-serviço que tem a sua origem no próprio Deus.¹¹² Contra a lógica humana, Jesus garante àqueles que confiam na sua proposta: «sereis felizes».

Na cena do lava-pés, a disrupção da ideia de serviço pressupõe que os discípulos se coloquem noutra horizonte: deixar que Deus os sirva. Segundo Renato Machado, é um situar-se na gratuidade divina que, por sua vez, possibilita a gratuidade do discípulo. Ser discípulo de Cristo e envolver-se na dinâmica do amor-serviço é colocar-se na lógica do lava pés, ou seja, na lógica do discipulado (Jo 13,1-7).¹¹³

Sintetizando, «ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (Jo 13, 14-15). Despir-se, tornar-se escravo, pôr o avental e servir, é inverter a lógica do poder e testemunhar a grandeza do amor.

¹¹¹ Renato Machado, 105.

¹¹² Cf. Renato Machado, 106.

¹¹³ Cf. Renato Machado, 106

Capítulo 2

Pedagogia Salesiana e Pedagogia do Serviço

Na segunda parte do trabalho, o nosso estudo centra-se na pedagogia salesiana e na pedagogia do serviço. No que respeita à pedagogia salesiana faremos uma reflexão sobre esta proposta educativa. A pedagogia salesiana mais do que uma teoria é uma pedagogia prática, ancorada na relação que se estabelece entre educadores e jovens. Está enraizada na história, nos escritos e na experiência educativa de S. João Bosco.¹¹⁴

A originalidade da pedagogia salesiana é o sistema preventivo. O sistema preventivo baseia-se em três dimensões: a razão, a religião e o amor.¹¹⁵ Este sistema não é fruto de uma vasta literatura pedagógica, nem surgiu na secretária de um escritório, mas tem a sua origem na paixão educativa de S. João Bosco que, aberto à cultura do seu tempo, soube colocar-se ao serviço da educação dos jovens, dando vida a um vasto movimento de pessoas que trabalham na formação de honestos cidadãos e bons cristãos. Evidenciaremos a dimensão da relação educativa na perspetiva do serviço e da fraternidade.

A pedagogia do serviço, enquanto proposta educativa que une os processos de aprendizagem e de serviço à comunidade num só projeto, proporciona condições educativas que favorecem o desenvolvimento das competências pessoais e, mais tarde, participação ativa na sociedade. A pedagogia do serviço é uma proposta inovadora. Trabalha os conteúdos curriculares, o desenvolvimento de competências cívicas, morais, sociais, de pensamento crítico, de participação, de responsabilidade. Além disso, é uma aprendizagem alicerçada, em circunstâncias reais, facilitadoras do amadurecimento cognitivo, social e moral efetivo, tão necessário na construção da fraternidade.

Abeirando-nos dos seus pressupostos, percebemos que dela fazem parte elementos já conhecidos: voluntariado na comunidade, transmissão de conhecimentos, habilidades e valores que acontecem na escola e nas instituições educativas não formais. Neste sentido, a pedagogia

¹¹⁴ João Bosco nasceu a 16 de agosto de 1815, num lugar chamado Becchi, Piemonte, perto da cidade de Turim, norte de Itália. Os seus pais Francisco Bosco e Margarida Occhiena viviam do trabalho quotidiano, como humildes camponeses. Muito novo ficou órfão de pai e a sua mãe, educou-o com sabedoria e com o exemplo. Aos nove anos teve um sonho que viria a marcar o rumo da sua vida. Percebeu que a sua vida seria dedicada toda aos jovens, como sacerdote. Para conseguir realizar o seu sonho, desde muito cedo, teve que trabalhar nos mais diversos ofícios, para pagar os estudos. Em 1841 foi ordenado sacerdote.

¹¹⁵ A razão ajuda o educando a compreender o fundamento e a motivação de quanto se lhe propõe; a religião para atender a uma educação da pessoa em todas as suas dimensões, neste caso, na educação à fé na Pessoa de Jesus Cristo, na Sua mensagem e na vida da Igreja; o amor em vista de estabelecer uma relação com o educando que tenha por base a confiança e o afeto, com dizia S. João Bosco: «que os jovens sintam que são amados».

do serviço como atividade educativa une a aquisição de conhecimentos e competências com a práxis. Desta forma, permite um serviço qualificado à comunidade, favorece uma nova perspectiva à aprendizagem e dá novo sentido à educação para a cidadania.¹¹⁶

Nesta perspetiva, faremos uma breve abordagem sobre dois elementos da pedagogia do serviço que nos parecem importantes na construção da fraternidade: a comunidade e a cidadania participativa. Desenvolveremos uma reflexão sucinta sobre o conceito de comunidade e da sua importância na educação para a cidadania, para o serviço e para a fraternidade.

A nossa opção em valorizar apenas estes dois elementos da pedagogia do serviço, prende-se com a amplitude e a complexidade desta pedagogia, que exigiria um desenvolvimento mais metódico, longo e profundo, de projetos de intervenção em serviço à comunidade, alicerçados em metodologias ativas, como: investigação em grupo, resolução de problemas, pedagogia cooperativa, a reflexão como forma constante e ampla de ir avaliando o trabalho e os seus resultados e a celebração dos resultados. Reflexão e celebração são duas importantes inovações na pedagogia do serviço.¹¹⁷

Abeirando-nos da vasta reflexão sobre os resultados da investigação já feita neste âmbito, apercebemo-nos dos cinco requisitos básicos, para que um projeto seja uma autêntica experiência de aprendizagem serviço: a aprendizagem, o serviço, a intencionalidade pedagógica, a participação e a reflexão.¹¹⁸ Estes elementos pela sua consistência tornam-se possibilidades transformadoras no mundo à nossa volta e conduzem à consolidação de outros valores como o diálogo, a fraternidade, a solidariedade, a intervenção, a cooperação, o altruísmo, a participa-

¹¹⁶ Cf. J. M. Puig, R. Battle, C. Bosch, J. Palos. *Aprendizaje servicio. Educar para la ciudadanía* (Madrid: Ediciones Octaedro, S.L, 2007), 60-1.

¹¹⁷ A reflexão permite a análise crítica da realidade, a individualização das necessidades, a intervenção adequada de acordo com as necessidades das pessoas, a definição de estratégias, a realização do serviço com responsabilidade e participação, de modo a melhorar a vida das pessoas. No processo aprendizagem-serviço não é suficiente uma execução eficiente do projeto, requer igualmente, a colaboração e a entrega em vista do bem comum. A celebração dos resultados quando se conclui um projeto, pressupõe dois valores: o empoderamento e a satisfação/prazer. O primeiro refere-se aos resultados das tarefas realizadas quando se conclui um projeto. O segundo é a expressão da alegria e da satisfação de acolher os elogios do trabalho realizado na comunidade, integrar o reconhecimento do outro como marca positiva na identidade pessoal (Cf. Martín-García, X., Bär-Kwast, B., Gijón-Casares, M., Puig-Rovira, J.M., & Rubio-Serrano, L. (2021). El mapa de los valores del aprendizaje-servicio. *Alteridad*, 16(1), 19-21. <https://doi.org/10.17163/alt.v16n1.2021.01>

¹¹⁸ Aprendizagem: pressupõe que os alunos possam aprender com o projeto, que os objetivos educativos sejam explícitos, mesmo que se refiram apenas a uma área da personalidade, por exemplo, os valores. Serviço: deve existir um projeto direcionado para o serviço ao outro, que tenha utilidade e impacto real no meio ambiente e proporcione uma experiência educativa interessante e adequada. Intencionalidade pedagógica: supõe a existência de um verdadeiro projeto educativo, formal (com planificação e avaliação), por parte do educador, de modo a ser uma experiência positiva. Participação ativa: requer implicação, participação e protagonismo dos alunos. Reflexão: é necessário o conhecimento do projeto, do que se pretende com o mesmo. Pretende-se que os alunos reflitam sobre as aprendizagens realizadas, sobre os processos delineados, sobre o impacto do serviço e as experiências pessoais (Cf. Puig, J.M, 135-6).

ção, a honestidade, a paz, contribuindo para a formação de pessoas livres, autónomas e responsáveis.

Atendendo ao desenvolvimento da pedagogia salesiana e da pedagogia do serviço nos seus pressupostos teóricos e respetivas metodologias pela importância que representam neste âmbito específico da educação, referimo-las pela ordem cronológica em que se desenvolveram. Como propostas metodológicas em contexto escolar, a Pedagogia Salesiana e a Pedagogia do Serviço, ambas são abrangentes, quer ao nível dos percursos pedagógicos, quer ao nível das aprendizagens.

1. Pedagogia Salesiana

O educador, Padre João Bosco assumiu que a escola tem um papel importante na educação. Para ele, os jovens, particularmente os que viviam situações de precariedade e sem perspectivas de futuro, teriam a possibilidade de se inserirem na sociedade como «honestos cidadãos» se tivessem a possibilidade de estudar e adquirir competências profissionais. A este respeito, o Papa João Paulo II, na Carta *Iuvenum Patris*, para o centenário da morte de S. João Bosco, afirma:

A sua preocupação em evangelizar os jovens não se reduz apenas à catequese, à liturgia, ou atos religiosos que requerem um exercício explícito de fé ou a ela conduzam, mas abraçam as várias dimensões da condição juvenil. Situa-se no interior do processo de formação e maturação humana, consciente das fragilidades, mas com a convicção que a palavra do evangelho deve ser semeada no quotidiano para levar os jovens a empenhar-se generosamente. O anúncio salvífico do evangelho deve fortalecer os jovens ao longo do processo educativo e a fé tornar-se o elemento unificador da sua personalidade.¹¹⁹

O mesmo educador, homem de ação, concreto e prático, intuiu que a educação é uma vocação que inspira e transforma toda a existência. Para entender a sua práxis, precisamos colocar em relação as suas atividades e os seus gestos educativos com a sua espiritualidade. Alguns traços da sua personalidade dão toque inconfundível ao sistema preventivo. Nele, Pe. João Bosco, o princípio metodológico que o torna «artista da educação», é o binómio amor-amabilidade, isto é, construir confiança, familiaridade e amizade, através da proximidade. Este binómio, aplicado às várias situações e necessidades que os jovens vivem, podem expressar atitudes paternas e maternas, fraternas e amigas que promovem a autenticida-

¹¹⁹ Giovanni Paolo II, *Iuvenum Patris. Lettera nel centenario della morte di san Giovanni Bosco*, in http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1988/documents/hf_jp-ii_let_19880131_iuvenum-patris_it.html n° 15.

de da relação educativa, ajuda os jovens nas aprendizagens e, contemporaneamente, transformam o coração e impulsionam as suas motivações profundas.

Neste sentido, Piera Ruffinatto, falando do sistema preventivo como princípio orientador da prática educativa de S. João Bosco, assim se exprime:

S. João Bosco tem consciência do valor pedagógico do princípio preventivo no âmago da sua prática educativa. Torna-se um critério que ilumina e orienta gradualmente todo o método educativo: a visão sobre o jovem, os fins e objetivos, os conteúdos e os meios, as relações educativas, o ambiente e as atividades propostas. Aplica-se ao “modo preventivo” de ser educador que pressupõe um modo particular de pensar a realidade juvenil, de estar no meio dos jovens, “amando o que eles amam”, fazendo propostas que envolvam de forma dinâmica todos os jovens.¹²⁰

As coordenadas do sistema preventivo: razão, religião, amor, convidam a considerar o todo da personalidade do jovem e da experiência humana. Para ele, o sistema preventivo tinha uma finalidade: ensinar com amor, tendo como modelo o coração de Cristo, Bom Pastor. No seu método educativo, a qualidade da relação é um tesouro.

Como Educador, nunca deixou de acompanhar os jovens, a «porção mais delicada e valiosa da sociedade». O interesse concreto que manifesta por cada um deles, transforma-se numa relação pessoal impregnada de afeto e de apoio ao seu crescimento e amadurecimento. A amabilidade, entendida como amor manifestado e percebido, revela a simpatia, o afeto, a compreensão e a participação na vida do jovem, tornando-se presente no seu quotidiano de forma significativa. Por isso, o educador salesiano cria espaços para que o jovem vivencie situações que o encaminhem para escolhas certas: escolhas racionais, norteadas por valores positivos, que permitem a construção de uma vida repleta de sonhos e realizações.

Neste sentido, tal relação educativa facilita a construção de um ambiente formativo global ao serviço da pessoa, estritamente ligado à ação educativa e aos ritmos da vida quotidiana:

A arte de educar de modo positivo, propondo o bem em experiências adequadas e empenhativas, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens “a partir de dentro”, fazendo apelo à liberdade interior, contrastando os condicionamentos e os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens, para os estimular, com alegria e satisfação, para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do caráter».¹²¹

No contexto salesiano, oferece-se uma abordagem pedagógico-metodológica de processos que devem favorecer nos jovens a descoberta do seu projeto de vida. Na

¹²⁰ Chinello, Maria Antónia et al., *Educare è prevenire. Proposte per educatori* (Roma: LAS, 2015), 26.

¹²¹ *Juvenum Patris*, n.8.

interpretação da sua vivência dos jovens enquanto pessoas, observamos a necessidade de serem amadas, o sentido da gratuidade, o sentimento de se sentirem valorizadas e importantes pelo que são e não em vista dos objetivos ou resultados alcançados: percebemos que a falsa orientação da vida quotidiana constitui uma questão de sentido, uma questão de projeto de vida.

Nos pontos seguintes fazemos uma breve reflexão sobre dois fundamentos da Pedagogia Salesiana: a relação educativa na perspectiva do serviço e da fraternidade, nomeadamente, o serviço educativo à pessoa do jovem.

1.1. A Relação educativa na perspectiva do serviço

A relação educativa, enquanto serviço à pessoa, pressupõe a existência de alguns elementos indispensáveis que a transformam verdadeiramente em algo valioso e educativo. Nesta linha, é pertinente, evidenciar a importância dos vínculos afetivos na relação educativa. S. João Bosco, «artista da relação e comunicação educativa», com a sua proximidade, permeada de cordialidade e amabilidade, confere ao seu método educativo, o impulso para a formação da personalidade do jovem. Um dos princípios da sua pedagogia é a relação pessoal:

Num mundo tão dividido e cheio de mensagens contrastantes, é um verdadeiro presente pedagógico oferecer ao jovem a possibilidade de conhecer e de elaborar o próprio projeto de vida, em busca do tesouro da própria vocação, da qual depende todo o posicionamento da vida. A orientação educativa ajuda na busca da identidade e facilita o processo de decisão num projeto de vida baseado e construído sobre os valores evangélicos com atividades e vivências de autoconhecimento e análise de contexto, a fim de que transformem os sonhos e desejos em planos estruturados, com clareza de intenções e procedimentos. O educador ama e educa verdadeiramente os jovens, quando lhes propõe ideais de vida que os transcendem e aceita caminhar com eles na fatigosa maturação quotidiana da sua opção.¹²²

No centro da Pedagogia Salesiana há uma convicção fundamental: o coração de cada jovem é bom. Tal confiança nasce da dimensão cristã: a pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, traz dentro de si a marca divina e, ainda que frágil e vulnerável, possui os recursos necessários para a desenvolver e levá-la à plenitude. Neste sentido, Piera Cavaglià referindo-se ao método educativo de S. João Bosco afirma: «a educação é a arte de formar a pessoa» como cristã e como cidadão.¹²³

Na perspectiva do serviço, o educador, considerando a educação como arte de formar a pessoa ajuda a desenvolver todas as suas potencialidades. Neste sentido, Piera Ruffinatto, refle-

¹²² *Juvenum Patris*, n. 19.

¹²³ Cf. Piera Cavaglià, «La relación educativa en don Bosco: Un tesoro. Educación y futuro», *Revista de investigación aplicada y experiencias educativas*, n. 28 (2013):90.

tindo sobre a relação educativa como experiência de comunhão-comunicação entre duas pessoas que se ajudam reciprocamente a corresponder ao dom de Deus, na escola do único Mestre, o Espírito Santo, afirma:

A presença educativa, ancorada na antropologia da reciprocidade, testemunha um modo novo de se colocar diante do outro. A transmissão de saberes e de valores, na relação educativa, torna-se espaço de humanização. O acompanhamento proporciona ao jovem o desenvolvimento das suas potencialidades, para que uma orientação positiva à sua vida.¹²⁴

Trilhar os «caminhos do coração dos educandos» é um serviço humanizador. Requer um educador especialista na arte da relação, treinado na escola do Mestre, Cristo Bom Pastor, que na sua missão educativa permanece em comunhão com Ele para aprender o caminho do diálogo educativo.

Em jeito de síntese: na perspetiva do serviço, a pedagogia salesiana é uma proposta aberta e dinâmica, valoriza a autonomia, tão necessária para assumir as próprias responsabilidades, através de um ambiente educativo propositivo, que faz do jovem um cidadão cooperativo, modelado pelo amor educativo dos seus mestres; tem como objetivo formar «honestos cidadãos e bons cristãos». Como proposta de formação global, pelos princípios da razão, religião e amor, adapta-se a todo o contexto social e diferentes confissões religiosas.

1.2. A Relação educativa na perspetiva da fraternidade

No coração da Pedagogia Salesiana, sobressai como elemento fundamental de referência, o ambiente educativo. É um ambiente caracterizado pelo «espírito de família»,¹²⁵ pela fraternidade, tornando-se a alma de todo o processo educativo.

São João Bosco compreendeu a importância dos «espaços educativos» e do «espírito de família» na educação. A sua experiência pessoal foi-lhe de grande ajuda na metodologia educativa que adotou com os jovens. Evidencia-se a sua extraordinária capacidade de relações interpessoais e a facilidade de dar confiança e suscitá-la nos outros. De facto, a relação fraterna suscita no outro a alegria de sentir-se amado e acolhido. Ser capaz de estabelecer relações fraternas é ser capaz de crescer na consciência de filhos e, por consequência, de irmãos.

¹²⁴ Cf. Piera Ruffinato, *La relazione educativa: orientamenti ed esperienze nell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice* (Roma: LAS, 2003), 514.

¹²⁵ O «espírito de família», como força criativa do coração de S. João Bosco, caracteriza-se pela qualidade das relações, pelo acolhimento, pelo respeito, pela estima e compreensão. Favorece o diálogo aberto e familiar, a verdadeira e fraterna amizade e a construção de um clima de confiança e de alegria. Cf. Piera Ruffinato, «Fidelidade ao “espírito de S. João Bosco”». Chave interpretativa da metodologia educativa das Filhas de Maria Auxiliadora», acessado a 5 de junho de 2022, https://centrostudifma.pfse-auxilium.org/it/pdf/csfgma/piera-ruffinato-la-fedelt%C3%A0-allo-spirito-di-don-bosco.pdf?GENEREDOCUMENTO_ID=18

Na construção da fraternidade é necessário educar à solidariedade, à reciprocidade, ao cuidado, ao respeito pelo outro. Se cada um agir pelo bem do outro é possível a edificação da fraternidade no ambiente educativo. Educar para a fraternidade é caminho para a felicidade e para o significado profundo da existência. A fraternidade manifesta-se através de atitudes de interesse, de proximidade e de gratuidade. Experimentada e interiorizada esta dimensão da fraternidade, torna a pessoa mais sensível e atenta ao ambiente que a rodeia, capacita-a para estabelecer relações humanas significativas. Cuidar do próximo pressupõe interessar-se pela realidade do outro e habilidade para se descentrar de si próprio para o fazer com gratuidade, tendo como finalidade o bem alheio.

A propósito do ambiente caracterizado pelo «espírito de família», Savagnone Giuseppe une a esta dimensão a esperança. De acordo com o seu pensamento, a esperança, é expressão da autenticidade da educação. Um educador sem esperança é como um navegador sem leme: «a educação requer confiança num mundo diferente do nosso, neste sentido, do educando. O educador deve trabalhar na “construção do outro” com determinação e sentido de responsabilidade». ¹²⁶

A intensa experiência de «espírito de família» permitiu ao Padre João Bosco elaborar progressivamente a sua identidade paterna, inspirada nas qualidades humanas da ternura, do amor, do acolhimento incondicionado, do respeito, da benevolência, do estímulo. Nesta perspectiva, Maria Spólnik fazendo uma leitura antropológica da experiência educativa de S. João Bosco, afirma:

Um dos segredos educativos de S. João Bosco consiste, sem dúvida, na sua excepcional capacidade de ser e agir como verdadeiro contemporâneo dos jovens, tornou-se um conhecedor profundo do seu mundo e atento observador das mudanças e das necessidades das novas gerações. Soube sintonizar-se com o mundo juvenil, mas também, dialogar com as tensões liberais emergentes da incipiente sociedade burguesa, sem renunciar aos valores inerentes à tradição, à cultura, ao diálogo inter-religioso e intercultural. A integridade da proposta educativa, o amor educativo, a familiaridade, a amabilidade, a firmeza e a confiança, fizeram dele um exemplo de pedagogia católica do seu tempo. ¹²⁷

Neste texto é possível encontrar uma apresentação sucinta do que significa a Pedagogia Salesiana: ela considera o jovem responsável pelo seu próprio crescimento, com a presença de um educador que, através do acompanhamento, se torna um facilitador do seu desenvolvimento global. Desta forma, o «espírito de família» e a amizade fraterna torna-se o desafio que interpela os educadores a tornarem-se capazes de fazer desabrochar os jovens, pelas suas qualidades

¹²⁶ Cf. Giuseppe Savagnone, Alfio Briguglia, *Il coraggio di educare* (Torino: Elledici, 2010), 13.

¹²⁷ Cf. Maria Spólnik, «La questione antropológica interpela il Sistema Preventivo oggi», *Rivista di Scienze dell'Educazione*, n. 1(2013): 92.

relacionais, mas sobretudo, pela riqueza dos seus valores humanos e espirituais de que são possuidores.

Sintetizando: a Pedagogia Salesiana mais do que um sistema normativo, é uma experiência espiritual e educativa. À luz da Encarnação, a pedagogia salesiana, permeada pelo clima de família e pela amizade fraterna faz da educação um lugar onde a pessoa não só evita situações negativas, mas é ajudada a crescer na disponibilidade e abertura a Deus e aos outros. Esta visão cristã da educação encontra no coração de Cristo, apóstolo do Pai, o seu modelo e fonte de amor. A atitude do Bom Pastor que conquista pela bondade e pelo dom de si, pelo desejo de reunir os discípulos na unidade da comunhão fraterna, são a tradução e a leitura salesiana do evangelho; são o poço de água viva onde o educador se «dessedenta» para tornar vivo o mistério da Encarnação na missão educativa.

2. Pedagogia do Serviço

Cristina Sá Carvalho refletindo sobre a Pedagogia do Serviço evidencia que, embora seja um tema ainda pouco explorado entre nós, nas escolas já se fazem muitas atividades que se aproximam deste poderoso instrumento pedagógico cuja finalidade é transformar e enriquecer a comunidade educativa, através do voluntariado na comunidade, ou dentro da escola, transmissão de conhecimentos, de valores e o treino de competências associado ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento moral e religioso. Além destes fatores, provocam experiências que motivam para a aprendizagem e aprendizagem de valores.¹²⁸

É, por isso, uma pedagogia que educa para o agir responsável, para o respeito, para o valor do serviço compreendido como dedicação ao outro. A educação para a responsabilidade implica o exercício da cidadania, ou seja, colocar o bem comum acima dos interesses pessoais e de grupo. Esta forma de agir está ancorada em duas dimensões axiológicas: os direitos humanos e o valor da responsabilidade. Pressupõe, além disso, o respeito por si próprio e pelo outro, reconhecido como alteridade.¹²⁹

Os autores, Puig, Batlle, Bosch e Palos, na sua obra «Aprendizagem do Serviço», destacam na sua reflexão a importância dos dinamismos psicopedagógicos através dos quais se edu-

¹²⁸ Cf. Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço-uma perspectiva de planificação e de implementação», *Pastoral Catequética* 41 (2018): 53.

¹²⁹ O reconhecimento da alteridade como serviço encontra a sua raiz no anúncio da mensagem cristã. Temos o exemplo de Jesus que na Última Ceia lava os pés aos discípulos e convida-os a fazer o mesmo uns aos outros.

cam os alunos para o reconhecimento da alteridade e para a responsabilidade. Apresentam, igualmente, a Aprendizagem do Serviço como pedagogia:

A Aprendizagem do Serviço é uma forma de educação baseada na experiência, onde os estudantes se comprometem em atividades que se relacionam com as necessidades pessoais e da comunidade, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a aprendizagem. A reflexão e a reciprocidade são conceitos chaves na aprendizagem do serviço.¹³⁰

De acordo com os autores, apesar da complexidade e da carência de elementos teóricos e filosóficos sobre a Aprendizagem do Serviço, é possível cortejar um grande número de estudos centrados na pluralidade de experiências, nos recursos metodológicos mais utilizados, no modo de sistematizar, de coordenar os programas de Aprendizagem do Serviço nos diversos níveis de ensino e na colaboração com entidades sociais. Esta pluralidade de experiências e recursos definem a Aprendizagem do Serviço como uma atividade complexa, embora, com grande potencial para integrar de forma global no processo educativo a aprendizagem de conteúdos, as competências e os valores.¹³¹

Na Aprendizagem do Serviço a intencionalidade pedagógica e a intencionalidade solidária fundem-se e complementam-se. Desta forma podemos dizer que é uma proposta inovadora fundamentada no serviço à comunidade, através do voluntariado e da aquisição de aprendizagens. J. M. Puig denomina a Aprendizagem do Serviço como meio que educa para a cidadania participativa e para os valores, em que se prioriza o conhecimento da pessoa e da sociedade.¹³²

Nos pontos seguintes fazemos uma breve reflexão sobre o conceito de comunidade e de serviço; sobre o conceito de serviço solidário e fraterno evidenciando as finalidades da Aprendizagem do Serviço: cidadania participativa; educação aos valores, conhecimento e responsabilidade na construção da fraternidade.

2.1. Comunidade e serviço

Como já foi exposto, a Aprendizagem do Serviço é uma proposta educativa que une os processos de aprendizagem e o serviço comunitário num projeto organizado e coordenado, em que os alunos são treinados para a aquisição de competências e conhecimentos em vista da construção da cidadania participativa.

¹³⁰ J. M. Puig, R. Battle, C. Bosch e J. Palos, *Aprendizaje servicio. Educar para la Ciudadanía* (Madrid: Ediciones Octaedro, S.L., 2007), 19.

¹³¹ Cf. J. M. Puig, *Aprendizaje servicio*, 33.

¹³² Cf. J. M. Puig, *Aprendizaje servicio*, 34.

No pensamento de J. M. Puig a Aprendizagem do Serviço é um projeto educativo para o serviço à comunidade e à sociedade:

É uma atividade de participação cooperativa e solidária, coerente com o conceito de cidadania participativa. A cidadania constrói-se participando e a Aprendizagem do Serviço é um método para aprender a participar na vida social. Um método educativo pensado para formar cidadãos capazes de participar na procura do bem comum». ¹³³

No texto está delineado um princípio pedagógico: «aprender fazendo» que permitirá uma formação diversificada, capaz de fornecer os instrumentos necessários que levem os alunos a continuar a sua formação; não descure o «aprender a ser» no que respeita à atenção aos valores, competências e atitudes que lhes irão permitir viver e construir uma sociedade mais solidária. Referindo-se a este princípio pedagógico, Cristina Sá Carvalho, afirma:

O princípio pedagógico da Pedagogia do Serviço é que os alunos aprendem melhor fazendo. Assim, como estratégia de ensino, baseia-se na teoria da aprendizagem pela experiência. Está formada pelos princípios pedagógicos que destacam a necessidade de encorajar os alunos a tomar a responsabilidade pela sua própria aprendizagem na linha da promoção de autónomos e autoregulados preparados para a aprendizagem ao longo da vida. Assume também que as escolas têm responsabilidades diretas e complexas na preparação dos alunos para vidas de cidadania ativa. ¹³⁴

Esta metodologia pressupõe atividades bem estruturadas e com a intenção pedagógica bem delineada. Desta forma, permite ao aluno implicar-se com os destinatários do serviço que realiza, descobrindo as suas necessidades e o contexto em que vivem. Nesta perspetiva, Puig e Palos, apresentam algumas características necessárias para o desenvolvimento cívico, a participação dos alunos na comunidade e o seu compromisso, assim como, o desenvolvimento ético e moral:

A intenção pedagógica e o serviço são os elementos fundamentais que possibilitam reconhecer a Pedagogia do Serviço como estratégia de aprendizagem. Existe Pedagogia do Serviço quando há um equilíbrio entre os objetivos da aprendizagem e os objetivos do serviço, o que implica que tanto os que realizam o serviço como os que dele beneficiam devam favorecer-se mutuamente, ou seja, deve existir uma aprendizagem recíproca. ¹³⁵

De acordo com os pressupostos enunciados no texto, a aprendizagem recíproca, a cidadania participativa, a responsabilidade, privilegiam a dimensão antropológica pois considera o aluno ou a pessoa o melhor «agente» para trabalhar de modo responsável na comunidade e na sociedade; além disso, requer uma educação que implique o aluno na construção de si próprio,

¹³³ Cf. J. M. Puig, *Aprendizaje servicio*, 37-8.

¹³⁴ Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 57.

¹³⁵ Cf. Ochoa Cervantes, A. Pérez Galván e L. M. «El aprendizaje servicio, una estrategia para impulsar la participación y mejorar la convivencia escolar», *Psicoperspectivas*, 18, n. 1 (2019): 4. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue1-fulltext-1478>

dos seus saberes, competências e valores; deseja uma escola que facilite o empenho em atividades e estratégias que conduzam à cidadania participativa.

Estando a aprendizagem do serviço alicerçada em metodologias ativas que contribuem para a motivação, para a aprendizagem, para a confiança em si, para a aquisição de competências, como referido anteriormente, os autores Puig, Batlle, Bosch, Palos, falam da aprendizagem do serviço vinculando-a aos quatro pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser; aprender a conviver. Nestes quatro pilares estão fundamentados os valores que contribuem para a formação de um cidadão autónomo, responsável e capaz de um agir ético: conhecimento dos problemas sociais concretos; visão realista do mundo que habitamos; capacidade para a realização de atividades direcionadas para o serviço aos outros; autonomia pessoal; interiorização dos valores humanos; consciência crítica e capacidade de compromisso; hábitos de convivência e de trabalho em grupo; capacidades comunicativas.¹³⁶

Andrew Furco é do parecer que o serviço comunitário tem contrapartidas para quem o exerce. Os alunos recebem alguns benefícios quando compreendem que o serviço ao outro, à semelhança do que acontece com outros valores, com os projetos de serviço comunitário implica generosidade e amor.¹³⁷

O empenho no serviço aos outros é uma resposta a uma vocação interior. É uma práxis que se confronta com escolhas, que necessita de conhecimentos e habilidades de modo a ajudar o sujeito a cimentar um agir responsável e a não abdicar das possibilidades de se realizar como pessoa no serviço solidário.

2.2. Cidadania participativa e fraternidade

A educação para a cidadania participativa, de acordo com a Pedagogia do Serviço, destina-se a ajudar o aluno na aquisição de aprendizagens, de modo a formar um cidadão autónomo, responsável e crítico, capaz de aprender a agir, a relacionar-se, a aperceber-se das diferenças, a sentir-se pertença de uma comunidade.

Sobre o sentido de pertença a uma comunidade, Puig evidencia que os alunos através da realização de projetos e ações sentem que deixam uma pegada para o bem comum: «através da

¹³⁶ Cf. J. M. Puig, *Aprendizaje servicio*, 176.

¹³⁷ Cf. Andrew Furco, «El aprendizaje-servicio: un enfoque equilibrado de la educación experiencial». *Revista Educación Global* (2011): 67.

sua intervenção, interação nasce o sentimento e a satisfação de pertença a esse território ou comunidade». ¹³⁸

Neste sentido, Ilda Figueiredo, referindo-se à educação, entendida como aprendizagem da cidadania afirma:

A cidadania define a qualidade do individuo livre, usufruindo dos seus direitos civis e políticos e assumindo as obrigações que esta mesma condição lhe acarreta. Educar é sempre uma atividade, realizada num certo contexto social, é sempre um processo renovado e adaptado às circunstâncias concretas. ¹³⁹

O empenho quotidiano de cuidar do outro, de dialogar para viver em harmonia com todos e com a casa comum só é possível se sustentado pela fraternidade, pela gratuidade e reciprocidade. Roser Batlle referindo-se ao empenho de construir laços de fraternidade e à necessidade de ultrapassar dicotomias, afirma:

É necessário colocar os talentos ao serviço dos valores como a justiça, a igualdade e a fraternidade. A finalidade da educação é a de formar cidadãos competentes e capazes de transformar o mundo. ¹⁴⁰

A importância de criar laços de fraternidade está ligada à reciprocidade. A relação, o encontro e o agir, são gestos de fraternidade, um processo que requer um dom mútuo seja da parte de quem dá, seja da parte de quem recebe. Quem se dispõe a receber favorece a capacidade de doação de quem serve com cuidado o outro. Ser capaz de dar e receber, numa atitude de abertura e proximidade, correspondendo de forma adequada é um gesto nobre de fraternidade. Nesta linha, Roser Batlle, referindo-se ao valor da fraternidade, diz:

O valor da fraternidade está na raiz da ética do cuidado. Porém, a fraternidade não é um valor que está muito na moda. A grande antinomia liberdade versus igualdade faz com que a fraternidade passe despercebida e não seja considerada um valor a ser defendido e a cultivar. ¹⁴¹

A fraternidade é um agir solidário, pode ser experienciado ao longo do arco da vida e, pode ser antecipado, nas opções de gestos solidários. A qualidade da relação acontece quando a dinâmica eu-tu se transforma em nós. A relação fraterna conduz à compreensão das necessidades e possibilita estratégias adequadas para responder de forma assertiva às situações e à coexistência pacífica.

¹³⁸ Cf. J. M. Puig, *Aprendizaje servicio*, 143.

¹³⁹ Ilda Figueiredo, *Educar para a cidadania* (Porto: Edições ASA, 2001), 7.

¹⁴⁰ Cf. Roser Batlle, «Aprendizaje-servicio. Compromiso social en acción», *Santillana Educación* (2020): 13.

¹⁴¹ Roser Batlle, «Aprendizaje-servicio», 21.

Na perspectiva do agir solidário, Roser Batlle refere-se à ética do cuidado e ao valor da fraternidade que «impulsiona a ser generosos, não só justos, a tomar consciência de que o outro é um irmão; por isso, interesse-me por ele, pelos seus problemas. Se os supera, ajuda-me a mim próprio».¹⁴²

No concreto, a fraternidade e a ética do cuidado leva a «perceber o mundo como uma rede de relações, de responsabilidade, de encontros interpessoais, onde se procura o maior bem comum, não descurando as diferenças».¹⁴³ A nossa apropriação de fraternidade implica também a cidadania participativa que tem origem na própria pessoa, no auto conhecimento, na consciencialização de valores para que a intervenção na sociedade seja um «agir ético» e, no nosso caso, «um agir» com os critérios do evangelho.

Cristina Sá Carvalho referindo-se à Pedagogia do Serviço, do ponto de vista do desenvolvimento moral, argumenta que «favorece a imersão na prática com valor, a aquisição de valores pela observação de modelos, a participação, a reflexão, e a responsabilidade, transmitindo virtudes que fomentam o desenvolvimento pessoal e social».¹⁴⁴

Elcio Cecchetti referindo-se à educação para a fraternidade a partir da educação integral afirma que esta educação está na base dos valores da fraternidade, da solidariedade, do respeito, do diálogo, tão essenciais para formar pessoas com sentido crítico e sensíveis aos problemas sociais. Uma educação que prioriza, o desenvolvimento das múltiplas potencialidades do ser humano, possibilitando a autonomia e a possibilidade de “ser mais”.¹⁴⁵

Concluindo, educar à fraternidade e à cidadania participativa é educar o aluno a ser responsável, a interiorizar os princípios do agir ético e cristão, a respeitar a dignidade humana.

¹⁴²Cf. Roser Batlle, «Aprendizaje-servicio», 21.

¹⁴³ Cf. Roser Batlle, «Aprendizaje-servicio», 19.

¹⁴⁴ Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 73.

¹⁴⁵ Cf. Elcio Cecchetti, Neuzair Peiter Cordeiro, «Educação para a fraternidade: contribuições do Ensino Religioso não confessional», *Revista Encontros Teológicos* 36, n.3 (2021): 568.

Capítulo 3

Análise da PES à luz do serviço e da fraternidade

No desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada (PES), assegurou-se uma articulação entre as orientações decorrentes da investigação nos domínios da aprendizagem cooperativa e da pedagogia da autonomia e as práticas implementadas nas aulas da turma, envolvida na Prática de Ensino supervisionada. Todas as atividades realizadas foram objeto de reflexão e avaliação com o professor cooperante e as duas professoras estagiárias, evitando-se diretrizes excessivas ou demasiado fechadas, respeitando o ritmo e autonomia dos alunos.

A metodologia seguida mostrou-se ajustada, na medida em que foi possível articular uma dimensão de prática letiva com as abordagens teóricas, facilitando a integração de orientações diversas e a reflexão crítica sobre as mesmas, adaptando a ação e os processos de ensino/aprendizagem.

Desde o início, os professores orientadores da Prática de Ensino Supervisionada, deixaram claras algumas condições essenciais no sentido de garantir a qualidade do percurso da PES: o reconhecimento da complexidade da ação educativa, a promoção da autonomia dos professores estagiários, como condição necessária e imprescindível da sua profissionalidade docente, a flexibilização das práticas a implementar.

Ao longo da PES, planificámos, lecionámos e avaliámos a prática docente de duas turmas, respetivamente, 5º e 6º ano. Todas as aulas foram observadas, analisadas e avaliadas pelo núcleo de estágio tem como prioridade aprender novas competências pedagógicas, conhecimentos e de metodologias com quem tem mais tempo de lecionação e experiência de lidar com as várias faixas etárias dos alunos que frequentam a disciplina de EMRC.

Nos pontos seguintes, analisaremos a turma no âmbito da PES, procurando referir os elementos fundamentais para o exercício da prática letiva, assim como, a reflexão sobre a Unidade Letiva de referência – Construir a Fraternidade- e, por último a avaliação global da PES.¹⁴⁶

¹⁴⁶Por Prática de Ensino Supervisionada (PES) entende-se o trabalho pedagógico desenvolvido na escola Damião de Góis. Teve uma periodicidade semanal, durante o ano letivo. Formaram a equipa duas professoras estagiárias: Maria do Rosário Fortuna, Rosa Maria Machado, orientada pelo Professor Cooperante José António Oliveira. Constituímos, deste modo, o núcleo da PES da escola Damião de Góis 2020/2021. Os professores Dr. Juan Ambrosio e Dra. Cristina Sá Carvalho acompanharam o nosso trabalho, tanto na Universidade Católica Portuguesa, como na própria escola embora com todos os constrangimentos provocados pela SARS-COVID 19.

1. Caraterização da Escola Damião de Gois

A Escola Básica Damião de Gois foi o estabelecimento de ensino onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES) numa turma do quinto ano, formada por alunos das turmas B e D que fizeram a opção pela disciplina de EMRC.

A Escola localiza-se na Rua Cassiano Branco, freguesia de Marvila, Lisboa. Desde 2013, integra o Agrupamento de Escolas Dom Dinis, situado na mesma freguesia. A escola funciona desde o ano letivo 1983-1984 e, no seu todo, é formada por cinco pavilhões: as salas de professores, de Diretores de Turma, de atendimento a Encarregados de Educação, de Assistentes Operacionais, Biblioteca, Sala de TIC, Direção, arquivo e reprografia situam-se no Pavilhão A.

As salas de aula ficam situadas nos pavilhões B e C. Cada pavilhão é constituído por doze salas de aula. Nestes pavilhões, encontram-se o laboratório de física e química, de biologia, a sala de educação visual e a sala de educação tecnológica, assim como a de música. O refeitório, a sala de alunos, a papelaria e sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família), situam-se no pavilhão D. A Escola tem um pavilhão gimnodesportivo e um campo exterior de jogos. Lidera o agrupamento de Escolas D. Dinis o professor José de Sousa.

Este estabelecimento de ensino usufrui do Programa TEIP3 (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, fase 3), uma iniciativa governamental implementada em escolas inseridas em territórios que, a nível económico e socialmente são desfavorecidos e, normalmente, marcados pela violência, indisciplina, abandono e insucesso escolar.¹⁴⁷

A disciplina de EMRC possui um espaço próprio para a leção. Os alunos inscritos na disciplina têm as aulas na sala de TIC, um espaço que se torna reduzido devido ao número de alunos inscritos, mas apetrechado com os instrumentos necessários: computador para o professor, projetor e quadro. Ao lado da sala de TIC está a sala de apoio onde, semanalmente, as professoras estagiárias se reúnem antes e depois das aulas com o professor cooperante.

É na escola que os alunos iniciam o seu processo de socialização e desenvolvem hábitos de convivência. De facto, a experiência de encontro semanal com os alunos, docentes e não docentes deste espaço educativo permite-nos verificar a preocupação de todos na promoção de

¹⁴⁷ <http://www.esecddinis.pt/> Acedido a 8 de janeiro 2021.

uma educação que tenha em conta questões não exclusivamente académicas e sujeitas a uma avaliação quantitativa mas outras situações e problemas sociais, locais e mundiais que despertem a mente para provocar e promover neles próprios atitudes e comportamentos de cidadãos responsáveis pelo bem comum. Neste sentido, é visível a dedicação da equipa docente que, capacitada do valor de uma formação integral, se empenha em desenvolver todas as capacidades dos alunos.

Para responder às várias necessidades destes, a escola tem o apoio do GAAF, gabinete de apoio ao aluno e suas famílias, composto por dois psicólogos, uma assistente social e professores que proporcionam neste serviço ajuda aos alunos sempre em ligação com os respetivos agregados familiares. No Projeto Educativo (2018-2022), encontramos alguns indicadores da abrangência deste serviço no contexto em que o Agrupamento se insere. A escola tem aproximadamente 60% dos alunos inseridos nos escalões A e B de apoio de ação social escolar, para além de outros, que não o sendo, manifestam iguais carências.

A escola conta com um centro de apoio à aprendizagem com a finalidade de ajudar os alunos a consolidar recursos para melhor rentabilizar toda a oferta educativa que a escola proporciona. Diante dos imensos défices afetivos dos alunos, de modo particular, dos que vivem em condições socioculturais precárias, agravadas pela atual pandemia COVID-19, dos que vivem situações de famílias desestruturadas, o Agrupamento de Escolas D. Dinis desenhou percursos escolares capazes de responder de forma adequada às suas necessidades reais.

Este contexto social reporta-nos ao que afirma Richard Arends em relação à pobreza. O autor constata que as classes sociais substituíram a ideia de raça. Se antes nos distinguíamos pela raça, atualmente, numa sociedade capitalizada, a distinção expressa-se no poder económico e nas oportunidades de emprego.¹⁴⁸

As professoras estagiárias foram bem acolhidas pela Direção da Escola, pelo professor cooperante, José António Oliveira e pelo pessoal não docente. O mesmo aconteceu com os alunos das turmas do 5º e 6º ano do Ensino Básico.

No ambiente da escola, apesar dos diferentes espaços divididos por pavilhões, percebe-se que os alunos respeitam e têm conhecimento de todas as áreas, das suas respetivas funções e regras. Visto que a escola é um todo, é natural que eles sejam parte integrante dessa realidade, conhecendo a totalidade dos espaços que a compõem. Neste sentido, percebemos que a Damião de Gois tem professores treinados em fazer este exercício com os alunos, ajudando-os a criar e

¹⁴⁸ Cf. Arends, *Aprender a ensinar*, 60-61.

a encontrar as condições para a aprendizagem, para a relação e para a mudança de comportamento.

A oferta educativa na escola Damião de Gois inclui turmas do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico, um curso de educação formação (CEF) de operador de jardinagem. Um indicador a evidenciar é a existência de um número significativo de alunos que ficam retidos. Expressão desta realidade, ainda que numa escala menor, encontra-se nas turmas onde se desenvolve a Prática de Ensino Supervisionada (PES).

O Patrono que dá nome a este estabelecimento de ensino é Damião de Góis. Visitando a página Web da escola, encontramos a seguinte descrição: Damião de Góis (Alenquer, 2 de fevereiro de 1502 - Alenquer, 30 de janeiro de 1574). De família nobre, Damião de Góis era filho do almoxarife Rui Dias de Góis, valido do Duque de Aveiro e da sua quarta esposa Isabel Gomes de Limi, descendente de Nicolau de Limi, fidalgo flamengo que se estabeleceu em Portugal.

Figura ímpar do Renascimento português, foi humanista, historiador e epistológrafo, viajante, diplomata e alto funcionário régio, relevante personalidade do Renascimento em Portugal. Foi um dos espíritos mais críticos da sua época, verdadeiro traço de união entre Portugal e a Europa culta do século XVI.

Distingue-se pela sua condição de humanista de grande audiência e de personalidade próxima da coroa; coube a Damião de Góis desempenhar o papel ativo de noticiar e legitimar, na Europa, as mudanças profundas e os novos equilíbrios que decorriam da expansão portuguesa, designadamente no Oriente. No dizer de António José Saraiva, Damião de Góis tem um percurso de vida em que reencontramos muitos dos desafios, encruzilhadas e contradições da vida portuguesa e europeia de Quinhentos. Ele é recordado como uma das grandes figuras do Renascimento português, na sua fase mais irradiante e cosmopolita.¹⁴⁹

No seu contexto social, Marvila é considerada uma das maiores freguesias lisboetas. Criada em 1959, a freguesia faz remontar o povoamento do seu território a tempos pré-históricos. Ocupa a segunda posição da lista das freguesias mais populosas de Lisboa.

O Bairro onde a escola está inserida foi planeado e construído para uma população, maioritariamente, ligada às forças de segurança. No final da década de sessenta e início da década de setenta, muitas famílias do Centro e Norte do país migraram até à Capital e, por isso, estes bairros foram surgindo. Terminada a guerra do ultramar, houve um surto de ocupação de

¹⁴⁹ Cf. <http://www.esecddinis.pt/> Acedido a 9 de janeiro 2021.

casas dos Bairros da Freguesia de Marvila o que alterou a caracterização de base da população - a grande maioria era migrante na cidade de Lisboa. A falta de condições de habitabilidade em diversos espaços levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila.

A população de Marvila apresenta um baixo nível de instrução formal, isto é, menos de 59% dos residentes apresenta graus de Ensino Básico e apenas 8% dos residentes da freguesia têm formação superior. Este é um indicador relevante no concelho de Lisboa. De acordo com um levantamento feito em janeiro de 2020, esta realidade é confirmada com outros indicadores de instrução: elevada taxa de analfabetismo e um número significativo de residentes sem qualquer grau de ensino completo.¹⁵⁰

Neste contexto social, vivem os alunos que frequentam a escola Damião de Góis cuja maioria reside no bairro; denotam dificuldades sociais e financeiras. Além destas dificuldades, o ambiente familiar não se apresenta facilitador de experiências positivas a nível psicológico. Muitos alunos evidenciam vulnerabilidades no domínio socioafetivo.

Na lógica do processo de crescimento integral do aluno, no ambiente escolar percebe-se a preocupação por um acompanhamento cuidadoso e respeitador dos alunos mais vulneráveis.

2. Caraterização da turma

A turma de estágio¹⁵¹ era composta por 2 turmas do quinto ano de escolaridade da Escola Damião de Góis (5.º B e D). A turma B integrava 10 meninas; a D, 7 meninas e 2 meninos: um total de 17 meninas e 2 meninos, constituindo um grupo de 19 alunos.

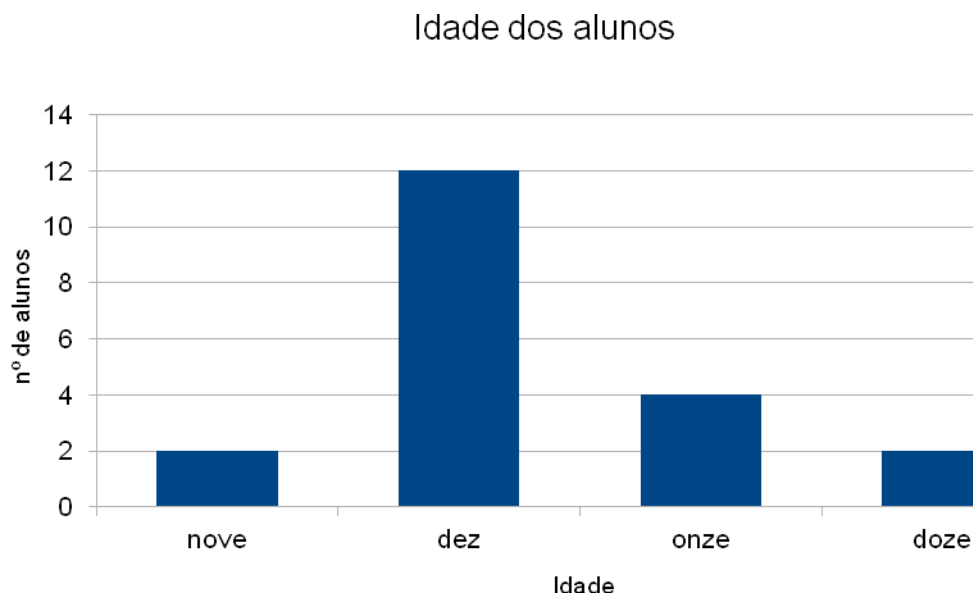
De uma forma geral, todos os alunos se apresentavam participativos e dialogantes. Podemos identificar diferenças entre as primeiras aulas e as últimas aulas lecionadas presencialmente. Evidenciamos que no decorrer do 3º período todos os alunos demonstraram atitudes mais atentas e assertivas. Logo de início percebemos que tínhamos uma turma motivada, mas ao mesmo tempo, necessitada de ser cada vez mais estimulada durante as aulas.

A idade dos que frequentavam a disciplina de EMRC situava-se entre os 9 e os onze anos. Com 12 anos, apenas uma aluna e um aluno do 5º D (Cf. Gráfico 1).

¹⁵⁰Para mais informações podemos consultar a página https://mais.scml.pt/lisboacidadetodasidades/wp-content/uploads/sites/18/2020/02/radar_rel-intercalar2-10_fev20.pdf Acedido a 9 de janeiro 2021.

¹⁵¹ Devido ao Regulamento Geral de Proteção de Dados da Lei n.º 58/2019 não foram facultadas informações sobre a turma. Apenas foi autorizada a realização de um questionário que forneceu alguns dados sobre cada aluno. Esta situação impossibilitou uma caraterização mais pormenorizada e objetiva sobre cada aluno e sobre a turma. Todos os dados apresentados resultam do questionário e da observação direta em sala de aula.

Gráfico 1



No que respeita ao agregado/núcleo familiar – constituído pelo pai, mãe e irmãos – no universo da turma, 5 alunos dizem viver com ambos os pais, sendo que os restantes vivem só com a mãe e os irmãos e, em alguns casos, com o padrasto e os avós. Quase todos os alunos têm em média 2 a 3 irmãos (Cf. Gráfico 2).

Gráfico 2



Na maioria dos agregados familiares, os pais trabalham e, no que respeita às habilitações académicas, predomina o Ensino Básico e, em alguns casos, o Secundário a nível profissional (Cf. Gráfico 3 e 4).

Gráfico 3

Atividade profissional dos encarregados de educação

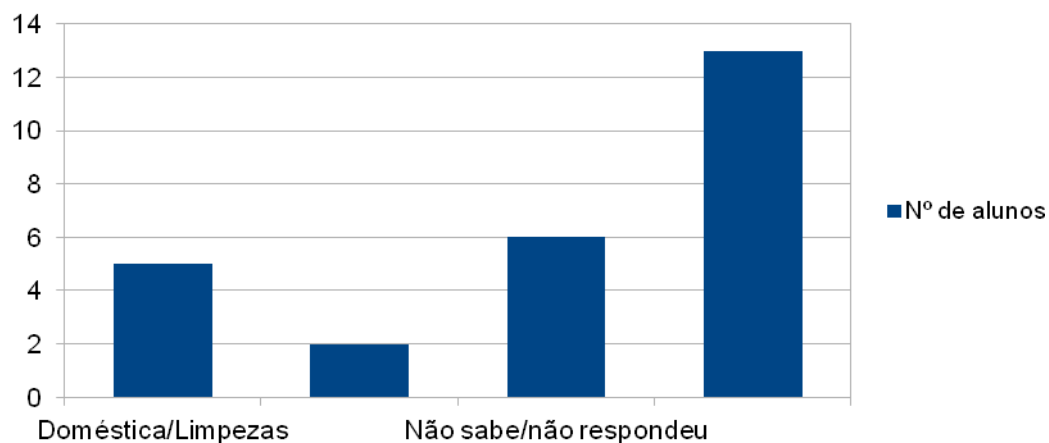
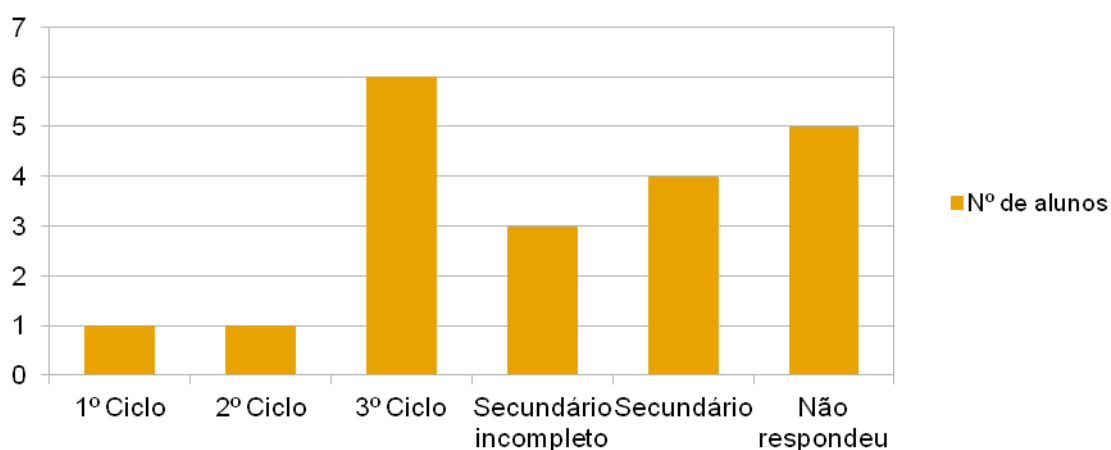


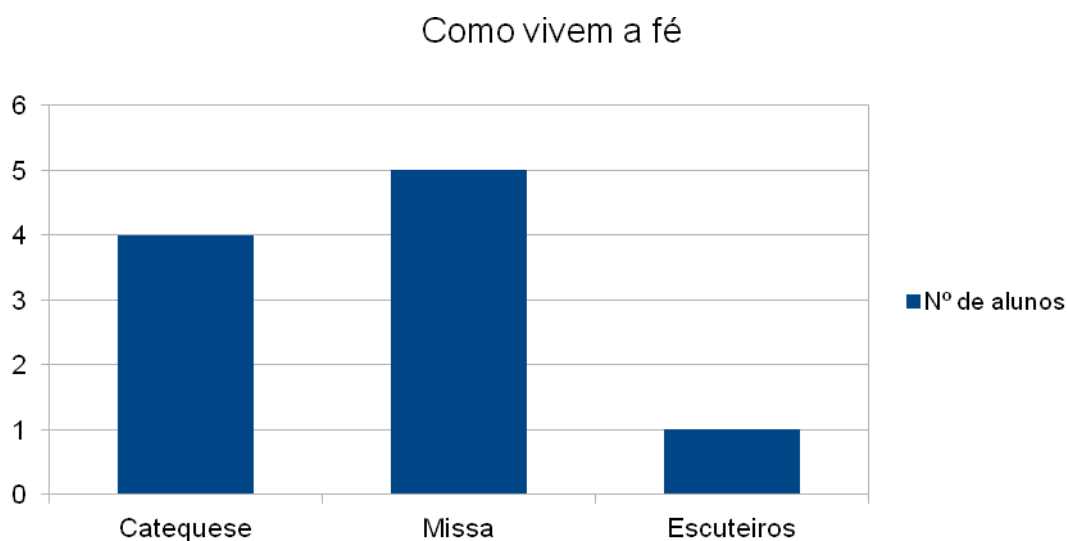
Gráfico 4

Habilitações dos Enc. de Educação



Em relação à vivência religiosa, apenas duas alunas vão à catequese, participam na Eucaristia e pertencem aos escuteiros. Os restantes alunos afirmam não ter vivência religiosa e outros não se pronunciaram (Cf. Gráfico 5).

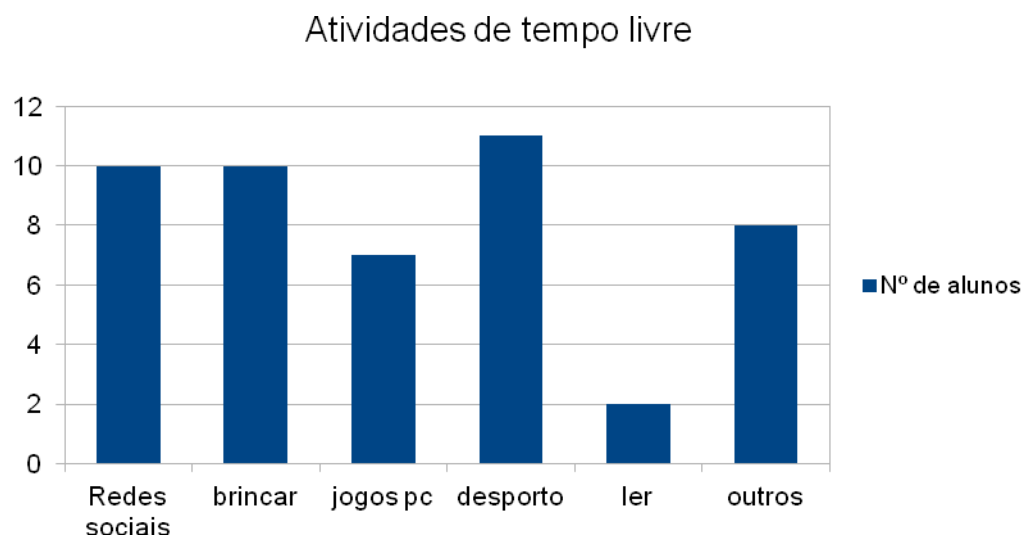
Gráfico 5



Face à motivação escolar, os alunos que integram a turma de EMRC na sua maioria têm uma prestação escolar satisfatória. Este indicador é mais visível nos alunos da turma B.

Os interesses dos alunos em relação aos tempos livres são restritos. Alguns praticam desporto (dança, patinagem, ginástica rítmica, basquetebol, Box, futebol, natação), outros gostam de estar no telemóvel e ver filmes no Netflix (Cf. Gráfico 6).

Gráfico 6



Evidencia-se que, no geral, durante as aulas de EMRC, os alunos apresentavam-se ativos, com um comportamento adequado, cumpriam facilmente as regras e denotavam um nível regular de concentração/atenção. No seu todo, a turma mostrava-se assídua, participativa, expressava verbalmente que gostava da disciplina e, algumas vezes, convidava outros colegas

para assistirem às aulas; executavam de bom grado as atividades propostas; demonstraram interesse e motivação em relação aos conteúdos. Apesar de ser uma turma composta por alunos provenientes de turmas diferentes, era notória a colaboração e amizade entre todos. Facilmente se criou um bom ambiente entre professores e alunos. Embora as condições da sala não fossem as melhores os alunos adequaram-se facilmente às circunstâncias provocadas pelo frio, pelo calor, pela disposição das mesas e pela luminosidade.

Os resultados relativos ao “como vivem a fé” permite dizer que a maioria dos alunos fez a opção pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica por gostarem das dinâmicas da disciplina; quanto aos restantes, certamente, foram os pais que optaram por eles. Independentemente das motivações, para a frequência da disciplina é importante que seja o grupo de alunos a motivar a fim de darem continuidade nos anos seguintes à mesma opção. Na sua maioria, os dados apresentados nos gráficos tiveram por base a ficha de caracterização do aluno.

Para além do que foi referido anteriormente, a partir da experiência semanal com a turma, é possível falar de outros aspetos que passamos a referir: sendo uma turma do 5º ano, na sua maioria meninas, os rapazes integraram-se muito bem; porém, são menos participativos, embora interessados e atentos. Todos os alunos se mantiveram constantes e conseguiram trazer mais duas alunas que, apesar de não estarem matriculadas na disciplina, estavam presentes todas as semanas, verificando-se a presença no ensino à distância.

Durante o período de estágio, registaram-se algumas ocorrências menos positivas, particularmente ligadas a comportamentos disruptivos de algumas alunas com outros colegas da escola. Entre outras atitudes, combinavam brigas depois da aula e dirigiam mutuamente palavras e mensagens ofensivas. Estas situações levaram à intervenção do Gabinete de Apoio ao aluno para minimizar os conflitos.

No geral, notou-se que a maioria dos alunos, nomeadamente, os da Turma A, eram curiosos, com capacidade para aprender, dar a sua opinião sobre os assuntos tratados nas aulas, realizar sínteses, entusiasmar-se pelas coisas boas e positivas, aderir facilmente às atividades, embora também frágeis e facilmente manipuláveis.

Durante o período de ensino à distância devido à Covid-19 os alunos mantiveram-se assíduos, no entanto, denotavam necessidade da proximidade e desejavam voltar à escola. O regresso devolveu aos alunos a possibilidade de se reapropriarem dos espaços, dos momentos de convívio entre eles e os professores.

Alguns alunos sentiram a necessidade de partilhar as vivências desses tempos em família. Muitos referiram as dificuldades no acesso à Internet. As interrupções contínuas prejudicavam o ritmo das aulas. Neste sentido, a desigualdade no acesso aos meios informáticos era explícita. Muitos dos alunos tinham de partilhar com os irmãos o computador ou o telemóvel. Nesta gestão dos equipamentos e de espaços as famílias tinham dificuldade em manter um ambiente facilitador para o ensino à distância.

O regresso à escola trouxe consigo os efeitos da pandemia. Quase todos os alunos se mostravam mais irrequietos, necessitados de afeto e de atenção. De facto, a situação pandémica deixou-nos algumas lições de vida, entre as quais, o convite a purificar e a converter o nosso olhar perante as fragilidades individuais e sociais. Como professores a pandemia desafiou a descobrir novas formas de presença, de acompanhamento e de transmissão dos conteúdos da disciplina de EMRC.

Parece-nos que, apesar de todas estas contingências derivadas da pandemia, o trabalho realizado com a turma foi positivo. Os alunos verbalizaram, muitas vezes, que gostavam da disciplina e, alguns deles entregaram por escrito o que neste ano experienciaram na disciplina de EMRC.

3.Unidade Letiva de Referência

A Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade - foi a opção para unidade de referência no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. O seu interesse teológico e pedagógico continua tão atual quanto necessário numa época em que se vivem divisões políticas, económicas e religiosas. Muitos Países estão divididos por conflitos e guerras, erguem-se “muros” para se defenderem uns dos outros e o individualismo insiste em sobrepor-se a qualquer relação significativa.

Quando se decidiu fazer a escolha por esta unidade, foi colocada uma questão de fundo: Por que é tão difícil, hoje, considerar a fraternidade como valor?

Sem pretensão de uma reflexão exaustiva sobre um tema tão “impopular” a nível cultural, num tempo de exaltação do indivíduo, em que escasseia a capacidade de reconhecer que as nossas raízes estão na filiação divina, no ser filhos, parece-nos urgente uma educação para o cuidado do outro, para a relação fraterna ancorada na relação com o Pai. Não somos nós que nos fazemos irmãos uns dos outros, movidos pelos desejos ou afetos, é Deus que nos faz irmãos

e nos sustenta na relação fraterna. Quando esta dimensão falha no ser e no agir da pessoa, torna-se difícil reconhecer o outro como irmão. Este há-de ser um desafio contínuo a acolher e a cultivar na vida de cada um. O professor de EMRC pode ser um facilitador neste caminho.

A Unidade Letiva é a mais extensa do programa para o 5º ano do Ensino Básico em conteúdos: tem previsto quatro metas e sete objetivos. Evidencia-se que a *meta G.: identificar os valores evangélicos*¹⁵² é comum a três objetivos. Permite delinear o percurso para chegar ao âmago da Unidade Letiva: a fraternidade é o laço de união entre os homens que se reconhecem como irmãos, com a mesma origem e dignidade, cabendo-lhe a tarefa de construir um mundo mais fraterno, desejando o bem comum.

As metas e os objetivos desta Unidade Letiva estão enquadrados nos três domínios da disciplina de EMRC. Para facilitar a visualização do seu enquadramento, apresentamos no seguinte quadro:

Domínio Religião e experiência religiosa	Domínio cultura cristã e visão cristã da vida	Domínio ético e moral
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana (4x)</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos. (4x)</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>2. Valorizar a comum filiação divina. (2x)</p> <p>3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre fé e cultura.</p>	<p>1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. (3x)</p> <p>4. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade.</p> <p>5. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão.</p> <p>6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.</p> <p>7. Comprometer-se com a construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>
3 Metas	1 Meta e 2 Objetivos	5 Objetivos

Quadro 1: Metas e objetivos

¹⁵² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 60.

São cinco as aprendizagens essenciais que, em conjunto com as metas, objetivos e os valores descritos no perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, como a responsabilidade, cidadania, participação, contribuem para o desenvolvimento pessoal, autonomia e saber científico.

Obtiveram-se do documento das *Aprendizagens Essenciais*¹⁵³ de 2018 do site do Ministério da Educação. Na Planificação de Nível IV, elaborada para a lecionação da Unidade de Referência, como se observa no quadro 2, foram utilizadas mais vezes as duas *aprendizagens* que situam o tema da Unidade nas dimensões social, religiosa, procura do bem comum e do cuidado do outro. São duas aprendizagens que traduzem a fraternidade como alicerce do diálogo que promove a construção de uma sociedade aberta, inclusiva, respeitadora dos direitos das pessoas, pacífica e, por consequência, promotora do empenho social e da construção do mundo fraterno.

Na planificação das aulas, de acordo com a “política da Escola Damião de Gois”, indicam-se as aprendizagens essenciais, porém, neste ano letivo não foram ainda adotadas como base para a planificação e avaliação das aulas de EMRC.

Aprendizagens Essenciais
Descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso (4x)
Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de fraternidade.
Identificar fragilidades e ameaças à fraternidade.
Promover o valor do perdão nas relações interpessoais.
Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro (2X)

Quadro 2: Aprendizagens Essenciais

¹⁵³ As Aprendizagens Essenciais da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) foram definidas tendo por base os documentos curriculares em vigor, nomeadamente o Programa, as Metas Curriculares, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, e ainda os Referenciais de Educação (...) No que respeita a esta faixa etária do 5.º ano de escolaridade, começa a desenvolver-se uma crescente consciência de si e a perceção que existe uma diferenciação entre capacidades e fragilidades. Assim propõe-se ajudar o aluno, numa pedagogia diferenciada, a ter uma maior sensibilidade para a vida social, ainda que existam dificuldades na aceitação de regras e das diferenças. Assim, o aluno tem que descobrir e reconhecer a importância de participar competentemente no mundo que o rodeia. As Aprendizagens Essenciais definidas incidem na abordagem sobre o Viver juntos; Advento e Natal; A Família, comunidade de Amor; Construir a Fraternidade. Cf. Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 5º Ano, 2º ciclo do Ensino Básico* (Lisboa: Ministério da Educação, 2018).

Após uma leitura aprofundada de toda a Unidade e tendo em conta as características da turma planificaram-se nove lições privilegiando a sequência do Manual. No, entanto, perante a complexidade da temática em questão, sobretudo, no que respeita aos valores da dignidade, do perdão, da construção de um mundo fraterno, da procura do bem comum, reforçamos o tema programando mais do que uma lição. Os alunos entraram bem nesta dinâmica e não denotaram cansaço ao longo do ano, mesmo na situação do ensino à distância.

No que se refere ao interesse pedagógico da Unidade, não há dúvida que é pertinente para educar a uma cidadania fraterna. Os conteúdos da Unidade sugerem-nos que os processos educativos favoráveis à construção da fraternidade podem ser: reconhecer o outro como irmão na sua dignidade; promover o diálogo e a cultura do cuidar, não ferir o outro com palavras, ações ou gestos agressivos que fragilizam a fraternidade nas relações e, no sentido ético e moral, compreender a fraternidade como categoria política e social.

Esta educação pressupõe novos percursos de paz para curar as feridas causadas pelas ameaças à fraternidade. Nesta linha, o Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, fala da necessidade em revitalizar a arquitetura da paz e recuperar o valor da liberdade. Nesta tarefa, as religiões estão ao serviço da fraternidade «em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a Terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz» (FT 285).

Nesta perspetiva, a *Fratelli Tutti*, coloca as bases para um novo modo de habitar o mundo, para crentes e não crentes. De facto, ser capazes de construir fraternidade, de criar laços com o próximo é um empenho de todos, mas é também fruto de um trabalho educativo.

Efetivamente educar crianças e jovens à responsabilidade e cuidado pelo outro, ao respeito pela casa comum, o Universo e o Planeta Terra, é educar ao respeito pela Criação e ao reconhecimento de Deus como Criador. A consciência de que habitamos uma terra comum facilita o uso responsável dos bens da terra reconhecendo-os como dom, disponíveis para todos. Por isso, a fraternidade deve estender-se também ao Planeta.

Neste sentido a Carta Encíclica *Caritas In Veritate* de Bento XVI, no terceiro capítulo, fala da fraternidade, desenvolvimento económico e sociedade civil. O Papa considera a fraternidade como dom e gratuidade, como elementos constitutivos para o desenvolvimento económico. A experiência do dom está presente de várias formas, sobretudo, nas que vão além da visão produtivista e constroem sistemas económicos, sociais e políticos que respeitam a dignidade da pessoa e a sua vocação ao amor (CV, 34-42).

Relacionando o conteúdo do Manual no que respeita à dimensão da responsabilidade do Universo e a Terra como casa comum¹⁵⁴ com o conceito de fraternidade na *Caritas In Veritate*, podemos dizer, que o novo humanismo se enraíza na fraternidade e solidariedade universais que brotam da caridade, do amor, expressão dos binómios que devem estar sempre presentes na ação e relação humana: amor e dom; gratuidade e reciprocidade; responsabilidade e fraternidade: «a caridade na verdade coloca o homem perante a admirável experiência do dom. A gratuidade está presente na sua vida sob múltiplas formas, que frequentemente lhe passam despercebidas por causa duma visão meramente produtiva e utilitarista da existência. O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência (CV, 34).

A dimensão do amor universal de Deus, sobretudo, numa linha de serviço, da mensagem cristã do perdão, da construção de um mundo fraterno e do bem comum, iluminada pelos textos bíblicos que falam de gestos maiores de amor e fraternidade (Mt 7, 11; Mt 5, 43-48; Mt 18, 21-22 Jo 13, 14), fundamentam a visão cristã da fraternidade: «toda a vida vem de Deus; Ele é a origem de tudo quanto existe e, por isso, somos realmente todos irmãos, porque Deus é o Pai de todos os seres humanos sem exceção alguma».¹⁵⁵

Uma das riquezas da fé cristã são os textos bíblicos e estes devem ser valorizados na educação. A sua linguagem é incisiva, quer a nível espiritual, quer a nível psicológico. São ícones muito ricos que ilustram as vicissitudes da vida humana nas suas múltiplas facetas. Retratam a vida de pessoas ou de grupos que assumem atitudes positivas ou negativas em relação a Deus e com o próximo. Vão à raiz da vida humana porque ilustram o cenário vivo dos acontecimentos relacionais da pessoa com Deus quando se sente interpelada por Ele e com os outros: atitudes de simpatia e de amor, de aliança, de perdão, de festa ou de rejeição, de incompreensão, de conflito e de luta.

São possibilidades infinitas para identificar-se e vibrar com os protagonistas, para reviver a própria experiência e elaborá-la, através da representação simbólica que estes textos do Evangelho nos oferecem. Trata-se de vivências e experiências que permitem à pessoa interiorizar os valores, identificar-se com eles, e alimentar-se da seiva do amor que deriva das relações benéficas com as pessoas. Estas são experiências que dão segurança porque levam a construir o sentido de pertença a uma família humana, a uma casa comum, a uma comunidade, alimentam a fraternidade.

¹⁵⁴ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Conta Comigo*, 98.

¹⁵⁵ Cf. Secretariado Nacional da Educação, 100-101.

Na linha da identificação das atitudes que promovem a dignidade da vida humana e a fraternidade, parece-nos que o Manual deveria enquadrar a parábola do bom samaritano, um ícone que no segundo capítulo da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* nos interroga e nos ajuda a refletir nas ameaças antigas e novas à vida humana. Sempre houve e há pessoas, comunidades e sociedades, que em nome da “sua fraternidade” marginalizaram, humilharam e agrediram homens e mulheres que não satisfaziam os seus ideais de fraternidade. Para chamar alguns de irmãos, ofenderam e mataram os não considerados irmãos.

Confrontando as fragilidades, ameaças à fraternidade e as crueldades contra a vida humana e a natureza, com a parábola do bom samaritano percebemos facilmente a ética que a parábola nos transmite. Surge espontaneamente a questão: se o Samaritano agarrasse na nossa mão, que nos diria e para onde nos levaria?

Mais do que escutar o samaritano (parece homem de poucas palavras), precisamos nós professores de EMRC e alunos de contemplar a cena descrita por Jesus, lembrando que um ícone não é o reflexo do que já vivemos e somos, mas algo que nos manifesta o Outro, o que ainda não somos, a distância de conversão do olhar e de atitudes que temos de percorrer e que nos põe face a um olhar que penetra em nós e nos permite chegar ao verdadeiro rosto do próximo.

O gesto do samaritano ao se aproximar do homem caído revela que ele se sentiu afetado pelo ferido e responsável pelo seu desamparo. A urgência de estender a mão a um necessitado faz-lhe adiar todos os seus projetos e interromper o seu itinerário. A inquietação pela vida ameaçada do outro predomina sobre os seus próprios planos e faz emergir o melhor da sua humanidade: um eu desembaraçado de si mesmo.

Nesta perspetiva, o Papa Francisco afirma: «como o viandante ocasional da história, é preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído. Alimentemos o que é bom e coloquemo-nos ao serviço do bem» (FT, 77).

Parece-nos que este é o âmago da Unidade: construir a fraternidade. É dentro da pausa não importa se estamos em “primeira linha”, ou se nos dedicamos a fazer as sandálias com que outros possam caminhar, ou a esmagar a azeitona e a pisar o vinho que derramarão nas suas feridas, que os professores de EMRC com a sua prática educativa podem fazer a personalização da experiência vital e religiosa na vida das crianças e dos jovens, através da capacidade de manter relações de amizade e de ajuda em vista de um crescimento interior contínuo, que faça nascer, por sua vez, o desejo de nunca interromper o diálogo rico de fé e de humanidade.

A personalização da experiência vital e religiosa exprime-se ainda na capacidade de dar sentido e significado à vida, de descobrir e afirmar em todos os momentos da vida: Deus ama-me; exprime-se na capacidade de viver como “filhos de Deus”, no tomar consciência da paternidade de Deus, na capacidade de perdão, na vivência da fraternidade e dos valores do Evangelho.

Na dimensão do bem comum e cuidado do outro,¹⁵⁶ o Manual apresenta várias personalidades que arriscaram a própria vida e se entregaram ao outro, ao jeito de uma vida samaritana, para construir um mundo melhor, lutando pelo sonho da não-violência e do respeito da vida humana nas suas várias dimensões. Há luz da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, no capítulo que fala do “caminho samaritano”, para uma cidadania universal, que ultrapasse as sombras da fraternidade negada, pedem-se percursos educativos adequados.

No tempo atípico que vivemos devido à pandemia provocada pela COVID19 os gestos do bom samaritano dizem-nos que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro» (FT, 66).

As crianças e os jovens pedem-nos, a nós adultos e educadores, que tomemos a peito a sua vida, que os ajudemos a descobrir os seus anseios mais autênticos e profundos, que os encorajemos a sonhar em grande, não só com palavras, mas com a nossa vida, mesmo quando o caminho for íngreme, a olhar para o alto, para horizontes que tenham um sabor de infinito e a fraternidade.

4. Prática letiva: os desafios do ensino à distância

Após a nossa reflexão sobre a UL4 que inicialmente aconteceu no regime presencial e no segundo período, durante algum tempo no regime à distância, apresentamos as planificações elaboradas na PES, seguidas dos relatórios de aula. Devido à extensão dos materiais construídos para as aulas, não os apresentamos neste trabalho, encontram-se no Portefólio que será anexado ao Relatório Final.

Evidenciamos que esta Unidade Letiva é bastante extensa. As planificações elaboradas tiveram em conta os conteúdos do manual do aluno, mas também a complexidade dos mesmos. Algumas temáticas foram tratadas em mais do que uma aula. A turma era heterogénea e, embo-

¹⁵⁶ Cf. Secretariado Nacional da Educação, 117-125.

ra, a maioria dos alunos se mantivesse interessados e motivados, nem todos estavam ao mesmo nível de compreensão dos conteúdos.

Um outro aspeto a evidenciar prende-se com a necessidade de passar para o “Ensino à Distância”. O encerramento das escolas devido ao agravamento da pandemia provocada pela Sars- Covid -19 trouxe grandes mudanças para alunos e professores. Além do alargamento do calendário escolar, exigiu uma grande adaptação no modelo de ensino. O tempo das aulas online era mais reduzido, entre 30 a 35 minutos, as dificuldades técnicas devido a falhas de Internet nos domicílios dos alunos, a dispersão de alguns alunos por falta de condições e de espaços reservados, para participarem na aula sem interferências de ruídos, foram condicionantes significativas nos processos de aprendizagem.

Um aspeto positivo a salientar é que todos os alunos à hora da aula estavam prontos a participar. Tal como no ensino presencial a maioria dos alunos eram participativos, criando alguma dificuldade em gerir a participação de todos. Podemos dizer que aconteceram excelentes participações.

A primeira aula online foi indicadora para ajustar alguns aspetos nas programações seguintes, a referir: adequação das planificações, a extensão do suporte visual ou outras atividades.

No “Ensino à Distância” a aula online, como já referimos, tinha menos tempo síncrono em relação ao tempo utilizado na sala de aula, por este motivo, as dimensões que mais ficaram comprometidas foram a interatividade e a proximidade. Foi um tempo de muitas aprendizagens! A criatividade ajudou muito na lecionação online. O recurso a ferramentas digitais, como: Wordwall, vídeos, jogos online criados para as aulas, Learningapps, Canva, Educaplay, Caça palavras online, entre outros.

O enquadramento da lecionação da UL4 no “Ensino à Distância” foi, sem dúvida, um tempo de grandes desafios! Além dos aspetos anteriormente mencionados, foi uma oportunidade para refletir sobre dois aspetos pedagógicos importantes na dimensão educativa: a relação interpessoal entre os alunos, entre a comunidade educativa e a confiança na relação educativa.

Podemos dizer que foi tempo de construir com arte e paixão educativa um caminho de proximidade, utilizando as possibilidades que o “Ensino à Distância” proporcionou, de modo a não interromper a realização das aulas e o contato com os alunos.

A individualização de estratégias para promover aprendizagens foi um processo permeado de inseguranças em relação à eficácia das estratégias quando as falhas contínuas na Internet obrigavam a alterar o que se tinha planificado.

Neste sentido, flexibilidade e interatividade foram o húmus, para que acontecesse relação de proximidade com cada aluno, para que o processo de aprendizagem não ficasse tão comprometido.

Enquanto professora de EMRC, uma das aprendizagens que retiramos da experiência de lecionação online foi que nesta modalidade de ensino a seleção das estratégias deve ser cuidada, os conteúdos devem ser claros e incisivos. As dinâmicas devem ser simples e despojadas de elementos que perturbem a eficácia da mensagem que se pretende transmitir.

As dificuldades de conectividade, o processamento deficitário dos computadores dos alunos, assim como, o fraco acompanhamento familiar, exigiram muita capacidade de gestão de todos os contratempos que surgiam durante as aulas online.

Do ponto de vista profissional, todas estas situações ajudaram a testar e a compreender melhor os limites pessoais, meteram à prova a capacidade de resiliência nas situações críticas durante o período online e a tornar efetiva a convicção que na obra educativa o caminho se vai fazendo com pequenos passos.

Quanto à avaliação dos alunos relativa à unidade em questão, o professor cooperante foi do parecer que não se reuniam as condições para se proceder à avaliação. Esta decisão prende-se com o tempo prolongado do Ensino à Distância. Como se pode verificar na planificação da última aula os alunos realizaram uma ficha de trabalho com alguns conteúdos relativos à Unidade Letiva. Apesar de não se ter realizado a avaliação somos do parecer que os objetivos da UL4 foram bem-sucedidos.¹⁵⁷

4.1. Lição 1 da UL 4: “Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano”

A primeira aula da “Unidade Letiva 4: construir a fraternidade” centrou-se no objetivo: «1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano». Após o acolhimento a aula decorreu conforme a planificação apresentada anteriormente. Os alunos entraram na sala bem-dispostos

¹⁵⁷ Apresentamos de seguida as planificações relativas à UL4 – Construir a fraternidade. Dois aspetos a considerar: as planificações referem-se às aulas presenciais e às aulas online. Os anexos relativos a dinâmicas usadas nas aulas quer presenciais, quer online podem ser consultadas no Portefólio da Prática de Ensino Supervisionado.

e de forma ordenada. Os cinquenta minutos da aula foram suficientes para o desenvolvimento da planificação

Como iniciamos um novo período escolar após a interrupção do Natal, antes de começar a aula estabeleceu-se um breve tempo de acolhimento e diálogo com os alunos. Mostramos interesse em ouvir os que se quiseram expressar sobre a vivência em família do tempo natalício.

Posteriormente, foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já apresentado no quadro. Fez-se uma breve síntese da aula anterior e introduziu-se a nova Unidade, explicando à turma, em traços largos, os aspetos mais importantes da mesma e o motivo da sua antecipação.

Para o desenvolvimento da aula, foi elaborado um PowerPoint sobre o significado da fraternidade, fazendo referência aos conteúdos do Manual do Aluno. A aprendizagem essencial escolhida – descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso - ajudou os alunos a compreender que a fraternidade é o laço de união entre todos os homens. Neste sentido, foi lido e aprofundado o extrato do texto do Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2014 onde se afirma que a fraternidade é uma dimensão essencial do homem, enquanto ser relacional. O texto iluminou de forma clara as metas e os objetivos preconizados na planificação.

Para consolidar os conteúdos lecionados, os alunos elaboraram o cartão intitulado: *Com as tuas mãos constrói a fraternidade*. Do lado esquerdo estão escritas algumas atitudes que ajudam a construir fraternidade. No centro, entre as duas mãos, está um retângulo, onde os alunos devem escrever as atitudes que elegem para serem construtores de fraternidade (Cf. Anexo 20 do Portefólio). Refere-se ainda, que os alunos facilmente chegaram à síntese da temática: todos podemos ser construtores de fraternidade. Espontaneamente expressaram atitudes e comportamentos que harmonizam a relação humana.

A aula decorreu sem interrupções da parte dos alunos. A planificação foi seguida sem rigidez, a turma mostrou-se participativa, embora, inicialmente se tenha notado alguma irrequitude em alguns alunos, situação logo controlada pelo professor cooperante. Tivemos a preocupação em usar termos compreensíveis a todos os alunos e, sempre que nos apercebemos haver dúvidas, explicamos o sentido das palavras. Progressivamente, foi-se chegando ao âmago da lição – somos todos irmãos, porque Deus é o Pai de todos os seres humanos – possibilitando à turma uma experiência de fraternidade no modo como prestaram atenção uns aos outros, sem se

atropelarem nas intervenções. Parece-nos poder afirmar que os objetivos da aula foram alcançados.

Evidencia-se como aspeto positivo o entusiasmo da turma na execução da atividade proposta. São alunos que ainda valorizam muito atividades de pintura e recorte. Apesar de termos usado mais o método expositivo, os alunos tiveram oportunidade de intervir e dar a sua opinião acerca da temática. Dado o tempo atípico que estamos a viver, a impossibilidade de fazer trabalhos de grupo e outras atividades mais interativas, como já se referiu, a turma manteve-se cooperante.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir fraternidade		Data: 05/01/2021			
Sumário: Significado de fraternidade. Aprendizagens essenciais: Descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso.	Acolhimento e sumário	(5')	Caderno Diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - saber dar a vez; - Motivação. - Empenho. - Empenho. - Realização da tarefa.
			PowerPoint: <i>Significado da fraternidade.</i> Leitura do texto sobre a fraternidade. (MA92)	(10')	PPT (An. 19) Computador Projetor	
			Diálogo com os alunos: Reconhecer que a fraternidade é uma dimensão importante para as relações humanas, para a convivência e harmonia social.	(5')	Manual	
			Atividade: Elaboração do cartão da fraternidade.	(20')	Cartão para cada aluno (An. 20)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: Todo o ser humano deve ser respeitado na sua diferença.						

Quadro 3: Planificação da Aula 1 da Unidade Letiva 4¹⁵⁸

Os objetivos foram alcançados. Os alunos compreenderam a importância de reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano na convivência humana e social. O PowerPoint elaborado para a aula era simples. Os alunos chegaram com facilidade à síntese da aula. No início da aula, dois alunos estavam a perturbar o ambiente, por isso, tivemos de intervir para que a situação ficasse resolvida. A turma mostrou sempre interesse, e que se manteve todo o tempo, predisposta a escutar ativamente.

¹⁵⁸ Os anexos das planificações das aulas podem ser consultados no Portefólio relativo à Prática do Ensino Supervisionado.

Usou-se uma linguagem acessível para os alunos entenderem a temática da aula. O suporte visual também cumpriu os objetivos, estava apelativo, com os conteúdos essenciais e os alunos mostraram gostar da atividade proposta. Tal é um incentivo para mantermos a exigência e a qualidade nas atividades futuras, pois a turma está disposta a corresponder.

4.2. Lição 2 da UL 4: “A fraternidade e o seu alcance social e religioso”

A lição tem como tema: *todos somos irmãos*. Para a temática em questão, a meta “reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade cristã” e o objetivo “reconhecer a igual dignidade do ser humano”, ajudaram a elaborar o vídeo utilizado na aula e permitiram uma sequência na transmissão dos conteúdos.

No início da aula, após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já apresentado no quadro. Fez-se uma breve síntese da aula anterior.

Os alunos recordavam bem os conteúdos e, com espontaneidade, verbalizavam algum aspeto que mais lhes tinha toca.

Para o desenvolvimento da aula foi elaborado um vídeo com textos retirados do Manual do Aluno, evidenciando, particularmente, a nossa origem comum, os laços sociais e o respeito pelo semelhante.

Para consolidar os conteúdos lecionados, os alunos fizeram uma ficha de trabalho. (Cf. Anexo 22 do Portefólio). A turma esteve concentrada durante o tempo da elaboração do trabalho e verificou-se que os alunos apreenderam bem os conteúdos quando se fez a correção da mesma. Todos os alunos deram respostas corretas às questões.

Refere-se ainda que os alunos facilmente chegaram à síntese da temática: todo o ser humano deve ser respeitado na sua diferença. Alguns alunos expressaram situações concretas em que eles respeitaram a diferença e procuraram criar laços de união e amizade.

Os alunos do 5º B que integram a disciplina de EMRC, encontram-se em isolamento profilático; por esta razão, não estiveram presentes na aula. Desta ausência, podemos aferir que os alunos da turma D, embora participativos e interessados, não têm tanta iniciativa como os alunos da outra turma. Apesar desta situação, a aula decorreu com normalidade.

Tivemos a preocupação que todos acompanhassem o tema e respondemos às dúvidas que os alunos colocavam. Progressivamente, foi-se chegando ao âmago da lição – somos todos irmãos, temos uma origem comum e todos somos dotados de razão e consciência – possibili-

tando à turma uma reflexão sobre o comportamento humano e o modo como este pode promover relações interpessoais positivas ou ferir o próximo.

A planificação foi seguida com um ritmo um pouco diferente. Foi necessário motivar continuamente os alunos e mantê-los interessados nos cinquenta minutos de aula.

5º Ano		Unidade Letiva 4: Construir fraternidade			Data: 12/01/2021	
Sumário: Todos somos irmãos. Ficha de trabalho individual Aprendizagens essenciais: Descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- Todos somos seres humanos. - Somos irmãos e pessoas iguais em dignidade.	Acolhimento e sumário	(5')	Caderno diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - saber dar a vez; - Motivação. - Empenho. - Realização da tarefa
			Vídeo: <i>Todos somos irmãos</i> Leitura do texto sobre dignidade humana (Ma 96)	(10')	Vídeo (An. 21) Computador Projetor	
				(5')	Manual	
			Diálogo com os alunos: Compreender o sentido de sermos irmãos: <i>temos uma origem comum.</i>	(5')		
			Atividade: Elaboração de uma ficha de trabalho individual	(20')	Ficha para cada aluno (An. 22)	
		Síntese	(5')			
Síntese da aula: Todo o ser humano deve ser respeitado na sua diferença.						

Quadro 4: Planificação da Aula 2 da Unidade Letiva 4

Apesar da turma reduzida e as características dos alunos presentes na aula, podemos dizer que os objetivos da aula foram alcançados. Os alunos valorizaram o vídeo, estavam muito atentos e responsáveis na elaboração da ficha de trabalho.

4.3. Lição 3 da UL 4: “Somos iguais em dignidade”

Todos os alunos estavam presentes. Após o tempo de ausência na escola, os alunos apresentaram-se com alguma inquietude, porém, participativos.

A lição tem como tema: *Somos iguais em dignidade*. Para a temática em questão a meta “reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade cristã” e o objetivo “reconhecer a igual dignidade do ser humano”, ajudaram, como na lição anterior, a elaborar o vídeo utilizado na aula e permitiram uma sequência na transmissão dos conteúdos.

Todos os alunos estavam presentes. Após o tempo de ausência na escola, os alunos apresentaram-se com alguma irrequietude, porém, participativos.

5º Ano		Unidade Letiva 4: Construir fraternidade			Data: 19/01/2021	
Sumário: Somos iguais em dignidade. Vídeo e atividade individual Aprendizagens essenciais: Descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- Todos somos seres humanos. - Somos irmãos e pessoas iguais em dignidade.	Acolhimento e sumário. Correção da ficha de trabalho Individual.	(10')	Caderno diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - saber dar a vez; - Motivação. - Empenho. - Empenho. - Realização da tarefa
			Vídeo: <i>Todos somos iguais em dignidade</i> .	(10')	Vídeo (An. 21) Computador Projetor	
			Leitura do texto sobre o dever de solidariedade (MA99)	(5')	Manual	
			Diálogo com os alunos: Compreender o sentido de sermos iguais em dignidade. Reconhecer que todos somos habitantes da casa comum, o planeta.	(5')		
			Atividade Individual: Reconhecer sinais de fraternidade.	(20')	Atividade para cada aluno. (An. 24)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: A fraternidade implica respeito pela dignidade de cada pessoa.						

Quadro 5: Planificação da Aula 3 da Unidade Letiva 4

No início da aula, após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já projetado. Esta foi uma novidade introduzida, para facilitar maior visibilidade a todos os alunos, uma vez que na sala, nem todos os alunos estão numa posição confortável devido à falta de espaço.

Para o desenvolvimento da aula, foi elaborado um vídeo com textos retirados do Manual do Aluno, evidenciando que todos somos irmãos, pessoas iguais em dignidade e que todos somos habitantes de uma casa comum, o Planeta (Cf. Anexo 23 do Portefólio).

Para consolidar os conteúdos lecionados, os alunos fizeram uma atividade intitulada: *Coração fraterno em construção...* Num coração em “construção”, os alunos escreveram as atitudes que ajudam a construir um coração que respeita e reconhece a dignidade dos outros. (Cf. Anexo 24). Foi interessante o modo como cada um se “encontrou” com atividade. A maioria dos alunos elegeu atitudes fundamentais para a construção de um coração solidário, respeitador dos direitos humanos e da casa comum.

A leitura e explicação do texto do Papa Paulo VI, apresentado no Manual, permitiram que os alunos compreendessem a importância e o valor da solidariedade, da partilha, como sinais de fraternidade e de respeito pela dignidade de cada um.

Os alunos apreciaram o vídeo elaborado para a temática em questão e a atividade: *reconhecer os sinais de fraternidade* foi bem conseguida. Notava-se o empenho dos alunos na realização da tarefa. O cerne da lição situa-se nas duas dimensões: dignidade e respeito pela casa comum.

Os alunos fizeram com facilidade a síntese da aula: a fraternidade implica respeito pela dignidade de cada pessoa e ainda exemplificaram o modo como podem respeitar a casa comum que habitamos. Do modo como decorreu a aula, ousamos dizer que os objetivos foram alcançados, nomeadamente, os alunos demonstraram com as suas intervenções, reconhecer a importância da igual dignidade de todo o ser humano.

4.4. Lição 4 da UL 4: O amor universal de Deus

Esta foi a primeira aula de Ensino à distância através da plataforma Teams. Antes da aula, as professoras estagiárias reuniram-se com o professor cooperante, para acertar os procedimentos a adotar nas aulas à distância. Um primeiro procedimento refere-se ao tempo das aulas: passam a ter a duração de trinta a trinta e cinco minutos.

A planificação deve ser enviada atempadamente ao professor cooperante, assim como os materiais a projetar e os que devem ser disponibilizados no Teams, para que os alunos possam ter acesso e executar as tarefas. A planificação desta aula já obedece a estes procedimentos.

O professor cooperante fez a chamada como é habitual no ensino presencial. Apenas faltaram dois alunos, os restantes estavam presentes. No início da aula, após o acolhimento, o professor cooperante passou um pequeno vídeo sobre as regras de etiqueta nas aulas online. Os alunos apreciaram e, durante a aula, percebeu-se que interiorizaram bem as regras.

A lição tem como tema: *o amor universal de Deus*. Para a temática em questão, a meta “identificar os valores evangélicos” e o objetivo “valorizar a comum filiação divina”, ajudaram a elaborar o PowerPoint utilizado na aula (Cf. Anexo 25 do Portefólio).

Sendo a nossa primeira aula à distância, com todos os inconvenientes das falhas de Internet nas habitações dos alunos, conseguiu-se que estivessem ativos através da leitura dos slides. A leitura e explicação dos textos bíblicos facilitaram o aprofundamento dos conteúdos previstos para a aula: Deus, como Pai, ama a todas as pessoas. Para consolidar os conteúdos lecionados ficou disponível na plataforma Teams um *Quiz* sobre os textos bíblicos: Mateus 7, 11; João 13, 14; Mateus 5, 43-48 (Cf. Anexo 28 do Portefólio).

A aula correu bem, apesar de alguns alunos terem dificuldade em entrar na plataforma Teams. Um aspeto positivo a salientar é a presença do adulto a acompanhar o aluno durante a aula, uma presença que facilita o comportamento adequado e supervisiona o que o professor não consegue à distância.

O suporte visual criado para a transmissão dos conteúdos ajudou na compreensão do tema em questão. Os alunos compreenderam o essencial da mensagem chegando facilmente à síntese da aula: Deus ama a todos por igual. Devemos aprender a amar como Ele nos ama. Quando se fez a síntese, alguns alunos exemplificaram o que significa para eles amar a todos por igual. O âmago da lição situa-se nas duas dimensões: O amor universal de Deus expresso no texto de Jo 13, 14 – lava-pés, o amor feito serviço ao próximo; e a exigência do discipulado: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem – Mt 5, 43-48.

Apesar dos inconvenientes causados pela falha da Internet, estes não diminuíram a qualidade da aula. Os alunos estavam atentos e participativos. O PowerPoint estava bem conseguido, com linguagem clara e harmoniosa. O professor cooperante sugeriu que não se deixassem muitas atividades para os alunos fazerem após a aula, uma vez que estão sobrecarregados com outros trabalhos.

5° Ano	Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade	Data: 09/02/2021 ¹⁵⁹				
Sumário: Regras de etiqueta nas aulas online. O amor universal de Deus. Aprendizagens essenciais: Descrever o que é a fraternidade e o seu alcance social e religioso.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	2. Valorizar a comum filiação divina	- Deus, como Pai, ama a todas as pessoas.	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - Saber dar a vez; - Respeitar as normas do E@D - Empenho. - Realização da tarefa.
			Vídeo sobre as regras de etiqueta nas aulas online.	(10')	Computador	
			Apresentação em PowerPoint: <i>O amor universal de Deus.</i> Breve diálogo com os alunos: Deus é Pai. Depende de cada um de nós acolher o amor de Deus.	(10')	PPT (An. 25) Computador	
			Atividade Individual: <i>Quiz</i> sobre os textos bíblicos Mt 7, 11. Jo 13, 14. Mt 5, 43-48.	(5')	Atividade para disponibilizar aos alunos. (An. 26)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: Deus ama a todos por igual. Devemos aprender a amar como Ele nos ama.						

Quadro 6: Planificação da Aula 4 da Unidade Letiva 4

4.5. Lição 5 da UL 4: As primeiras comunidades cristãs

Antes de iniciar a aula com os alunos, reunimos na plataforma Teams com o professor cooperante para acertar alguns aspetos da planificação previamente enviada. Após a reunião, os alunos começaram a entrar e, quando estávamos todos online, o professor cooperante fez a chamada como é habitual no ensino presencial.

Verificamos que um aluno estava a acompanhar as aulas na escola, os restantes estavam presentes. No início da aula, após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já partilhado na tela. A lição tem como tema: *as primeiras comunidades cristãs*. Para a temática em questão a meta “identificar os valores evangélicos” e o objetivo

¹⁵⁹ Primeira aula de Ensino à Distância.

“reconhecer como modelo de vida e da forma de viver das primeiras comunidades cristãs”, ajudaram a elaborar o PowerPoint utilizado na aula. (Cf. Anexo 27 do Portefólio). O tema não se apresenta fácil, sobretudo, para os alunos sem iniciação no conhecimento da bíblia.

A leitura e explicação do texto dos Actos dos Apóstolos sobre a primeira comunidade cristã, proposto no Manual, proporcionaram um diálogo interessante com os alunos. Pretendia-se que a turma descobrisse a mensagem da comunidade de Jerusalém e o que ela implica na vida do cristão, hoje: proximidade, atenção ao outro, partilha, aprender a viver como irmãos, como filhos do mesmo Pai.

Os alunos chegaram facilmente à síntese: a vida cristã vive-se em comunidade. Para consolidar os conteúdos lecionados, ficou disponível na plataforma Teams um modelo de cubo onde os alunos deviam escrever as palavras que descobriram na sopa de letras relativas à primeira comunidade cristã (Cf. Anexo 28 do Portefólio).

Hoje, além de alguns alunos continuarem com problemas em aceder à Internet, notou-se interferências de televisões e telemóveis em alguns ambientes familiares. Estes ruídos prejudicaram um pouco a atenção dos alunos. Solicitou-se-lhes que desligassem o microfone e só o ligassem quando necessário. Desta forma, conseguiu-se que estivessem menos dispersos.

Um aspeto positivo a salientar: os alunos respeitam-se na leitura. São participativos, embora tenham dificuldade em participar organizadamente. Neste sentido, a utilização de atividades diversificadas, tornam-se úteis na abordagem da matéria, assim como o uso de pedagogias mais relacionais. Um desafio a ter em conta!

O tema não era fácil de abordar, mas o suporte visual (PowerPoint) ajudou os alunos a compreenderem bem os conteúdos. Verificou-se isso na síntese que elaboraram. Compreenderam bem que a vida cristã se vive em comunidade.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir fraternidade				Data: 16/02/2021	
Sumário: As primeiras comunidades cristãs.						
Aprendizagens essenciais: Reconhecer nas primeiras comunidades cristãs um modelo de fraternidade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs	- Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo: Act 2, 42-47	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário Computador	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - Saber dar a vez; - Respeitar as normas do E@D - Empenho. - Realização da tarefa
			Apresentação em PowerPoint: <i>Vida em comunidade dos primeiros cristãos.</i>	(15')	PPT (An. 27) Computador	
			Breve diálogo com os alunos: Descobrir os elementos que alimentam a vida cristã comunitária: Palavra, Eucaristia, relações fraternas e solidárias e oração.	(5')	Imagem do cubo a ser colocada na área documentos no Teams (An. 28)	
			Atividade Individual: Explicação da atividade a realizar em casa.	(5')		
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: Compreender que a vida cristã vive-se em comunidade.						

Quadro 7: Planificação da Aula 5 da Unidade Letiva 4

4.6. Lição 6 da UL 4: As fragilidades e ameaças à fraternidade

Antes de iniciar a aula com os alunos, reunimos na plataforma Teams com o professor cooperante para acertar alguns aspetos da planificação previamente enviada. Após a reunião, os alunos começaram a entrar e, quando estávamos todos online, o professor cooperante fez a chamada como é habitual no ensino presencial. Verificamos que um aluno continua a acompanhar as aulas na escola, os restantes estavam presentes.

Hoje, tivemos vários percalços para iniciar as aulas. Além das intermitências contínuas da Internet, a professora Maria do Rosário, devido a falhas na plataforma não conseguiu entrar atempadamente na aula. Para não atrasar, iniciamos sem a sua presença. No início da aula, após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já partilhado na tela.

A lição tem como tema: *As fragilidades e ameaças à fraternidade*. Para a temática em questão a meta “identificar os valores evangélicos” e o objetivo “verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade”, ajudaram a elaborar o PowerPoint utilizado na aula. (Cf. Anexo 29 do Portefólio). O tema deve ser tratado com muito cuidado e realismo. São temáticas emocionalmente fortes. Alguns alunos já experienciaram situações de ameaças à fraternidade e aos direitos humanos.

O PowerPoint elaborado e os vídeos sobre o Bom Samaritano e o bater do coração atraíram a atenção dos alunos apesar das condições da Internet não serem as melhores. (Cf. Anexos 30 e 31 do Portefólio). Os alunos fizeram comentários pertinentes e colocaram questões importantes: o que é a misericórdia? Porque existe o sofrimento?

Foi elaborado um jogo para eles fazerem em casa quando tivessem oportunidade. Tem como finalidade ajudar a consolidar os conteúdos lecionados. O jogo está dividido em duas partes: uma primeira refere-se ao que ajuda a construir a fraternidade, a outra parte, descobrir as ameaças à fraternidade (Cf. Anexo 32 do Portefólio).

As falhas na Internet causaram em mim algum desconforto em relação aos alunos, sobretudo, quando não se conseguia com alguma rapidez fazer a partilha dos documentos. No entanto, evidencia-se que os alunos se mostraram pacientes e respeitaram os pedidos do professor cooperante para saírem da plataforma e voltarem a entrar, de forma a minimizar os bloqueios constantes.

Os objetivos pensados foram cumpridos, as estratégias resultaram, embora me tenha deparado com a necessidade de ter aprofundado o vídeo do bom samaritano apresentando e explicando o texto bíblico.

O aspeto positivo a salientar é que os alunos apreenderam que o conflito pode ser transformado em oportunidade de proximidade e de melhorar a qualidade de vida do outro. Depende de cada um evitar atitudes que ameacem a fraternidade.

Parece-nos que a aula foi bem conduzida, os alunos estão habituados a aulas mais expositivas e, normalmente, estão bem durante as exposições. Os instrumentos visuais foram bem

conseguidos e ajudaram a consolidar os conteúdos previstos. Apesar dos alunos acusarem cansaço das aulas online, tem-se notado que estão interessados, as aulas são leves e os conteúdos aprofundados de forma adequada à turma.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir fraternidade				Data: 23/02/2021	
Sumário: As fragilidades e ameaças à fraternidade. Aprendizagens essenciais: Identificar fragilidades e ameaças à fraternidade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	4. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade.	<ul style="list-style-type: none"> - O mal, fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: - Mentir; - Pensar mal do outro; - ... 	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário Computador	Observação dos alunos nos seguintes níveis: <ul style="list-style-type: none"> - atenção; - escuta; - participação; - Saber dar a vez; - Respeitar as normas do E@D - Empenho. - Realização da tarefa.
			Apresentação em PowerPoint: <i>As fragilidades e ameaças à fragilidade.</i> Vídeo: <i>Bom samaritano.</i> Vídeo: <i>O bater do coração</i> Breve diálogo com os alunos: identificar na vida quotidiana as fragilidades e ameaças à fraternidade.	(15')	PPT (An. 29) Computador Vídeo (An. 30) Vídeo (An. 31)	
			Jogo: Explicação do jogo a realizar em casa: <i>O que ajuda a construir a fraternidade; O que ameaça a fraternidade.</i>	(5')	Link do jogo (An. 32)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: Depende de cada um evitar atitudes que ameaçam a fraternidade.						

Quadro 8: Planificação da Aula 6 da Unidade Letiva 4

4.7. Lição 7 da UL 4: A importância do perdão na relação com os outros

Antes de iniciar a aula com os alunos, reunimos na plataforma Teams com o professor cooperante para acertar alguns aspetos da planificação previamente enviada. Após a reunião, os alunos começaram a entrar e, quando estávamos todos online, o professor cooperante fez a chamada como é habitual no ensino presencial. Verificamos que um aluno continua a acompanhar as aulas na escola, os restantes estavam presentes. Hoje, voltaram a acontecer alguns problemas técnicos de acesso à plataforma Teams. Depois de várias tentativas, conseguimos estar todos online. No início da aula, após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já partilhado na tela. A lição tem como tema: *A importância do perdão na relação com os outros*. Para a temática em questão a meta “identificar os valores evangélicos” e o objetivo “Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão”, ajudaram a elaborar o PowerPoint utilizado na aula. (Cf. Anexo 33 do Portefólio). A mensagem cristã sobre o perdão foi iluminada pelos textos bíblicos de Lc 6, 36-38 - «não julgueis e não sereis julgados; ser misericordioso como o Pai é misericordioso» e Mt. 18, 21-22 «perdoar até setenta vezes sete». Foi elaborado um jogo interativo no programa learningapps, intitulado: *perdoar 70x7 é...* foi realizado na aula e disponibilizado na plataforma Teams, para os alunos voltarem a jogar, se assim o desejassem (Cf. Anexo 34 do Portefólio).

O aspeto positivo a salientar é que os alunos conseguiram bem a síntese da aula: dar e receber perdão são duas atitudes que ajudam na relação com os outros e alguns ainda acrescentaram que perdoar é uma atitude corajosa. Apesar dos percalços técnicos, a aula atingiu os objetivos propostos, os alunos estiveram bem na primeira parte da aula; depois no momento de realizar o jogo, como referido anteriormente, não me foi possível avaliar o grau de participação e interesse dos alunos.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir fraternidade				Data: 02/03/2021	
Sumário: A importância do perdão na relação com os outros. Aprendizagens essenciais: Promover o valor do perdão nas relações interpessoais.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	5. Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão.	A mensagem cristã sobre o perdão: - Lc 6, 36-38. - Mt 18, 21-22.	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário Computador	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - Saber dar a vez; - Respeitar as normas do E@D - Empenho. - Realização da tarefa
			Apresentação em PowerPoint: <i>A importância do perdão na relação com os outros.</i> Breve diálogo com os alunos: Todos devemos fazer crescer em nós a atitude do perdão, para criar verdadeiras relações de fraternidade.	(10')	PPT (An.33) Computador	
			Jogo learnin-gapps: <i>Perdoar 70x7 é...</i>	(10')	Link do jogo (An. 34)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: Dar e receber perdão são duas atitudes que ajudam na relação com os outros.						

Quadro 9: Planificação da Aula 7 da Unidade Letiva 4

4.8. Lição 8 da UL 4: Construir um mundo fraterno.

Antes de iniciar a aula com os alunos, reunimos na plataforma Teams com o professor cooperante para acertar alguns aspetos da planificação previamente enviada. Hoje, os alunos demoraram um pouco mais a entrar na plataforma. A aula anterior com o professor de música não correu bem e acabaram por ficar mais tempo para resolverem as questões de comportamento. O professor cooperante fez a chamada; estavam todos presentes. Após o acolhimento, os alunos foram convidados a escrever no caderno diário o sumário já partilhado na tela.

A lição tem como tema: *Construir um mundo mais fraterno*. Para a temática em questão, a meta “promover o bem comum e o cuidado do outro” e o objetivo “promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno”, ajudaram a elaborar o suporte visual utilizado na aula (Cf. Anexo 35 do Portefólio).

O tema da lição de hoje é central nesta Unidade Letiva. A questão do mal e o domínio sobre ele liberta-nos do que nos faz menos humanos, compromete-nos na tarefa de contribuir

para alterar as situações negativas nas relações que estabelecemos e na realidade em que estamos inseridos.

Outra dimensão é o reconhecimento pessoal do erro, condição indispensável para a construção da paz e da concórdia. É importante sublinhar que estas dimensões são fundamentais para os cristãos. Aceitar a paz de Cristo pressupõe um trabalho interior através da revisão de vida e do esforço pessoal na construção da fraternidade.

Ser capaz de pedir perdão e de perdoar são perspetivas da mesma realidade, são expressão de um coração pacificado, reconciliado com Deus e com os outros. Foi elaborado um jogo interativo no programa Wordwall intitulado: *construir um mundo fraterno é...* com a finalidade de ajudar a interiorizar os conceitos da aula (Cf. Anexo 36 do Portefólio).

Os problemas sentidos na aula precedente, como já foi referido, fizeram-se sentir na aula de EMRC. Nota-se que os alunos acusam cansaço das aulas online, verbalizam que preferiam estar em sala de aula. Estavam menos predispostos para a participação.

A síntese, que os alunos fizeram da aula, denotou esse cansaço, não foi tão rica quanto as que foram feitas nas aulas anteriores. Como não houve tempo real para fazer o jogo na aula, deixou-se o convite de o fazerem noutra momento. Ficou disponível na plataforma.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir fraternidade				Data: 09/03/2021	
Sumário: Construir um mundo fraterno. Realização de um jogo. Aprendizagens essenciais: Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: - Aceitar os erros (revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão. - Aceitar os outros, apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta;
			Apresentação- programa canva: <i>Construir um mundo fraterno</i> . Breve diálogo com os alunos: A concórdia mais do que uma expressão exterior é uma atitude interior. Sempre que reconhecemos os nossos erros e os dos outros somos construtores de fraternidade.	(10')	Computador. Link do programa (An. 35) Computador	
			Jogo Wordwall: <i>Construir um mundo mais fraterno é...</i>	(10')	Link do jogo (An. 36)	- Empenho na realização da tarefa.
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: A revisão de vida e a concórdia compromete-nos na construção da fraternidade.						

Quadro 10: Planificação da Aula 8 da Unidade Letiva 4

4.9. Lição 9 da UL 4: O bem comum e o cuidado do outro

Devido a problemas com a plataforma Teams, o professor cooperante não conseguiu adicionar o nome das professoras estagiárias para a leção da aula. Após várias tentativas, decidiu-se que o professor cooperante avançaria com a planificação e daria a aula ao 5º ano. Como esta e os recursos elaborados tinham sido enviados antecipadamente ao professor, não se registaram outras dificuldades.

A lição tem como tema: *O bem comum e o cuidado do outro...* Para a temática em questão a meta “Estabelecer um diálogo entre fê e cultura” e o objetivo “comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro”, foram importantes na elaboração do vídeo utilizado a aula. (Cf. Anexo 37 do Portefólio).

5º Ano		Unidade Letiva 4: Construir fraternidade			Data: 16/03/2021	
Sumário: O bem comum e o cuidado do outro. Aprendizagens essenciais: Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	A regra de ouro, Lc 6, 31: “O que quiserdes que os outros façam, fazei-lho vós também”. Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário Computador	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - atenção; - escuta; - participação; - Respeitar as normas do E@D - Empenho na realização da tarefa.
			Vídeo: <i>O bem comum e o cuidado do outro.</i> Breve diálogo com os alunos: Todos somos chamados a cuidar dos outros e a respeitar o bem comum. Conheçamos pessoas que o fizeram com coragem. Podemos dar o nosso contributo sendo portadores da Boa Nova do Amor.	(10')	Vídeo (An. 37) Computador	
			Jogo Educaplay: <i>Quem é o personagem?</i>	(10')	Link do jogo (An. 38)	
			Síntese	(5')		
Síntese da aula: O cuidado do outro e o bem comum constrói-se com pequenos gestos.						

Quadro 11: Planificação da Aula 9 da Unidade Letiva 4

É um tema complexo para ser tratado com alunos desta faixa etária, porém, ligado ao tema da aula anterior, eles compreendem bem que a regra de ouro para o cristão é a procura do Bem e do bem do outro. O texto de Mt 7, 12 - «o que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles...» é um bom indicador para a compreensão do significado do bem comum e o cuidado do outro. As várias figuras apresentadas no Manual são exemplos de construção do bem comum, do cuidado do outro de uma forma desinteressada, generosa e até pagando com a própria vida as consequências deste ideal. Foi elaborado um pequeno jogo interativo no programa Educaplay: *Quem é o personagem?* Com a finalidade dos alunos identificarem através de conceitos-chaves os personagens que os viveram em primeira pessoa (Cf. Anexo 38 do Portefólio)

4.10. Lição 10 da UL 4: Assumir o valor da fraternidade

Hoje fomos para a escola mais cedo do que o habitual, pois estava a decorrer a semana da disciplina, com secções de vídeos, oferta de pulseiras e de marcadores, a fim de motivar os alunos para a inscrição na disciplina. Tal atividade foi o culminar do projeto de intervenção na escola iniciado no mês de Abril. Estivemos presentes numa secção e quando chegou a hora das aulas, fomos para a sala tendo a aula decorrido sem a presença do professor José António pelo facto de se encontrar nesta ação sobre a disciplina. A aula de hoje iniciou com é habitual com o registo do sumário nos cadernos. Sendo a última aula desta unidade letiva, teve como objetivo levar os alunos a perceberem como podem ser solidários e fraternos no dia-a-dia.

A turma realizou uma ficha de trabalho relativa à Unidade Letiva. Terminada a ficha procedeu-se à correção da mesma. Verificamos que todos os alunos acertaram nas respostas e compreenderam bem os objetivos da Unidade.

Outra atividade prevista na aula era a realização de um cartão de identidade onde escreveram, para além da identidade, quando e de que forma é que foram fraternos. Realizaram com empenho a atividade proposta. Ficaram mais conscientes de que a fraternidade nos ajuda a ser felizes e a reconhecer que somos todos irmãos.

5º Ano	Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade					Data: 04/05/2021
Sumário: Ficha de trabalho. Realização de um cartão de identidade: <i>construtor fraterno</i> . Aprendizagens essenciais: Assumir o valor da fraternidade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Duração	Recursos	Avaliação formativa
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	Reconhecer o valor da fraternidade.	Como ser fraterno na escola, em casa e com os amigos	Acolhimento e sumário.	(5')	Caderno diário	Observação dos alunos nos seguintes níveis: - Empenho. - atenção; - escuta; - Empenho na realização da tarefa
			Realização de uma ficha de trabalho. Diálogo com os alunos: Como ser fraterno nos ambientes onde nos encontramos e nos grupos a que pertencemos	(35')	Ficha para cada aluno (An. 48)	
			Atividade: Realização de um cartão de identidade: <i>construtor fraterno</i> .	(10')	Cartão para cada aluno (An. 49)	
Síntese: A fraternidade ajuda-nos a ser felizes e a reconhecer que somos todos irmãos.						

Quadro 12: Planificação da 10 Aula da Unidade Letiva 4

5. Síntese sobre o percurso pedagógico da PES

Chegados a este momento, analisando a globalidade de todo o processo de lecionação, respondendo à realidade da escola e dos alunos, neste tempo atípico que vivemos, parece-nos poder dizer que se cumpriram os objetivos propostos.

No desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada (PES), assegurou-se uma articulação entre as orientações decorrentes da investigação nos domínios da aprendizagem cooperativa e da pedagogia da autonomia e as práticas implementadas nas aulas da turma envolvida na Prática de Ensino supervisionada. Todas as atividades realizadas foram objeto de reflexão e de avaliação com o professor cooperante e as duas professoras estagiárias, evitando-se diretrizes excessivas ou demasiado fechadas, respeitando o ritmo e autonomia dos alunos.

As metodologias construídas tiveram sempre como finalidade o bom desenvolvimento da Unidade. Sentiu-se que a prática pedagógica supervisionada foi bem conduzida. Os tempos de reflexão e avaliação permitiram adequar vez por vez as metodologias e estratégias para corresponder às características da turma. Logo que percebemos o modo de funcionar da turma, os requisitos de segurança devido à COVID 19, estabelecemos que os alunos ocupariam sempre os mesmos lugares. Desta forma, criamos rotinas no posicionamento dos alunos na sala de aula o que facilitou uma participação ordenada. Pôs-se em prática o que Arends refere em relação «a utilização do espaço físico de forma apropriada».¹⁶⁰

A metodologia seguida mostrou-se ajustada, na medida em que foi possível articular uma dimensão de prática letiva com as abordagens teóricas, facilitando a integração de orientações diversas e a reflexão crítica sobre as mesmas, adaptando a ação e os processos de ensino e aprendizagem.

Os materiais criados e adaptados, os vídeos, as fichas de trabalho, os recursos digitais o Manual, o diálogo e as diferentes atividades, permitiram uma aprendizagem significativa para os alunos. Nas fichas de avaliação ou de consolidação de conteúdos e aprendizagens, tivemos em conta o que diz Arends em relação à avaliação: «a avaliação é medição, é comparação, mas sobretudo é acompanhamento de um processo que produz mudança e crescimento»¹⁶¹. «Na certeza que observar o desempenho é a melhor forma de avaliar».¹⁶²

¹⁶⁰ Cf. Arends, 423.

¹⁶¹ Cf. Arends, 210-211.

¹⁶² Cf. Arends, 305

Durante a lecionação, usamos mais o método expositivo, exigindo uma boa preparação prévia, dado que se deve ser perspicaz no momento certo. Na lecionação da disciplina de EMRC, o modelo cooperativo há-de deverá estar sempre presente, pois motiva mais e mantém os alunos despertados para a aprendizagem. Dado o contexto da pandemia, não foi possível aplicá-lo na totalidade.

Um outro aspeto que gostaríamos de referir foi a excelente sintonia entre a comunidade educativa, o professor cooperante, as professoras estagiárias e os alunos. O trabalho em equipa dá sempre bons resultados. O professor José António testemunha uma boa relação com os alunos e comunidade educativa. Um bom exemplo de professor de EMRC.

A Unidade letiva lecionada foi um bom ponto de reflexão sobre o tema da fraternidade nas dimensões já referidas na introdução à Unidade. Além disso, ajudou a perceber que se pode fundamentar um percurso educativo que ajude as pessoas a descobrir e a experienciar a condição da filiação divina e a descobrir o que implica viver a fraternidade, a nível pessoal e social.

Nesta linha, numa possível revisão do Manual do aluno, seria pertinente referir a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobretudo, “o caminho samaritano” para uma educação à fraternidade e amizade social. Este caminho, enriquecido com o ícone do Bom Samaritano, interpela-nos a rever a nossa vida e as nossas estruturas, a nossa forma de nos relacionarmos com os outros.

Neste sentido, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre o ícone do Bom Samaritano deixamos um exemplo de fraternidade que acolhe todos, personificada no homem estrangeiro, e uma interpelação: de que parte estamos?

A ética do Samaritano é certamente uma base sólida para uma cultura da proximidade e da misericórdia, mas torna-se menos visível como fundamento de uma ética da fraternidade, falta-lhe a dimensão da reciprocidade. A fraternidade não se resume apenas às ações da pessoa, mas é, sobretudo, um verbo conjugado no plural: «amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo 15, 12-17).

A parábola não fala de irmãos de sangue (nem pródigo, nem mais velho), mas também, não está directamente a evidenciar qualquer forma de ação recíproca: existe uma vítima, dois indivíduos que passam ao lado e, um terceiro, o Samaritano que se inclina e cuida da vítima. Entre os protagonistas da parábola não existe uma interação recíproca explícita, pode-se entrever na cena final no diálogo entre o Samaritano e o estalajadeiro: «trata bem dele e, o que gastes a mais, pagar-to-ei quando voltar» (Lc 10, 25-37).

Nesta linha a *Fratelli Tutti* apresenta o Bom Samaritano como exemplo de fraternidade que desafia a libertar-se da mesquinhez que muitas vezes aprisiona o nosso quotidiano:

Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, os seus legítimos desejos e o seu próprio modo de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres (FT, 234).

O Manual do aluno referindo-se às fragilidades e ameaças à fraternidade diz: «muitas manifestações do mal no mundo poderiam ser evitadas, se o comportamento das pessoas fosse mais correto»¹⁶³. Parece-nos um bom ponto de partida para aprofundar mais esta temática da UL4. O Papa Francisco escolhe como pedra angular do seu discurso sobre a fraternidade o ícone do Bom Samaritano.

Esta parábola é essencial para testemunhar na sociedade atual o que significa a proximidade evangélica e o cuidado pelo outro, sobretudo, o mais fragilizado. Na perícopa torna-se próximo aquele que pela sua cultura e religião teria menos dever de se aproximar do homem ferido.

O Samaritano torna-se próximo porque assim o decidiu por si próprio quando se encontrou diante de uma situação inesperada, reconheceu no homem ferido uma vítima e decidiu escolher a proximidade. Vem a propósito o que atrás referimos sobre a ética da fraternidade e a dimensão da reciprocidade, colocando-nos a questão: de que lado estamos? O Papa Francisco ajuda-nos a responder à questão quando afirma:

Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano (FT, 67); Já não há distinção entre habitante da Judeia e habitante da Samaria, não há sacerdote nem comerciante; existem simplesmente dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo (FT,70).

O Papa Francisco recorda-nos com estas palavras que a fraternidade nasce da proximidade evangélica, da atitude de cuidado e de gratuidade em relação ao próximo. A fraternidade é universal e não há verdadeira fraternidade sem a participação social, sem a participação e de todos.

O documento sobre a fraternidade humana¹⁶⁴ a este propósito, alerta para a importância do papel das religiões e da educação na formação das jovens gerações:

¹⁶³ Conta Comigo: *Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica 5.º ano do Ensino Básico*, 104.

¹⁶⁴ Este documento refere-se à viagem apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos de 3 a 5 de fevereiro de 2019. O Papa Francisco e Ahmad Al-Tayyeb fizeram em conjunto uma declaração sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum. «Refere-se no documento que a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Evidencia a necessidade de convidar todas as pessoas,

Atestamos a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de reanimar nos corações das novas gerações, através de uma educação sadia e da adesão aos valores morais e aos justos ensinamentos religiosos, para enfrentarem as tendências individualistas, egoístas, conflituais, o radicalismo e o extremismo cego em todas as suas formas e manifestações.¹⁶⁵

O âmbito religioso, é sem dúvida um aspeto significativo para compreender a visão da educação e do modo de a aplicar. Não se educa sozinho. Somos todos chamados a unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contraposições e reconstruir o tecido de relações para uma humanidade mais fraterna. Nesta perspectiva o Pacto Educativo Global-Instrumentum Laboris falando sobre a fraternidade afirma:

Inseri-la nos processos educativos, significa reconhecê-la como dado antropológico fundamental, a partir do qual se podem enxertar todas as principais e positivas “gramáticas” da relação: o encontro, a solidariedade, a misericórdia, a generosidade, mas também o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as variadas formas da reciprocidade.¹⁶⁶

A fraternidade aprende-se num clima fraterno; a necessidade de educar para uma saudável convivência, privilegiando as relações com o outro, valorizando a Palavra de Deus na construção da fraternidade, é o caminho para a aprendizagem dos valores indispensáveis na educação para a fraternidade: escuta, respeito, proximidade, cuidado, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal, a responsabilidade, o respeito pela diferença.

O processo de construção e reconstrução do sistema de valores é contínuo e pode ter lugar ao longo da vida. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco referindo-se à necessidade de intervir em todos os processos da vida pessoal e social, afirma:

Sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (EG, 87).

A adolescência representa uma etapa na qual a pessoa se abre a um horizonte mais amplo. É o tempo dos sonhos; deseja-se um mundo melhor, mais humano e mais fraterno; fazem-se próprios os grandes ideais. Os adolescentes possuem uma carga forte de energia que requer

que trazem no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a unirem-se e trabalharem em conjunto, de modo a deixarem como legado às novas gerações um rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos» (Cf. Papa Francisco, Ahmad Al-Tayyeb, *Fraternidade humana. Em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum*, (Paulinas, 2019), 5.

¹⁶⁵ Papa Francisco, Ahmad Al-Tayyeb, *Fraternidade humana*, 10.

¹⁶⁶ Cf. Papa Francisco, «Pacto Educativo Global – Instrumentum Laboris», acedido a 23 de junho de 2023, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>

ser potenciada e investida em projetos concretos. Acompanhá-los no desenvolvimento e na concretização dos seus próprios ideais e projetos, é fundamental para fazer do itinerário educativo uma experiência que dê sentido e ilumine toda a sua vida. Os adolescentes são com frequência o “motor” que leva a nós adultos, a iniciar um processo de mudança, a implicarmo-nos num novo projeto numa cidade ou numa pequena comunidade.

Neste sentido se coloca a finalidade da disciplina de EMRC. O seu objetivo principal é a formação da pessoa em vista ao seu desenvolvimento integral, educando-a a ser pessoa ativa e responsável na sociedade. Neste pressuposto colocam-se todas as metas e objetivos preconizados no programa de EMRC. Para a lecionação os conteúdos escolhidos¹⁶⁷ foram os que se apresentaram no programa de EMRC.

De acordo com Arends «os professores devem escolher o conteúdo com base em ideias elementares e estruturas de conhecimento de um campo específico, tendo como referência os conhecimentos e competências anteriores dos alunos».¹⁶⁸

No que se refere à gestão do programa, ousamos dizer que se fez uma análise e aplicação suficientemente boa dos *domínios de aprendizagem, metas curriculares e objetivos programáticos, dos conteúdos*. Contribuíram para a autonomia nas planificações e na lecionação. Não foram consideradas “receitas”, mas usadas no seu contexto teórico e acompanhadas de princípios estratégicos para a sua aplicação no contexto e destinatários concretos. Os relatórios evidenciam alguns exemplos desta adaptabilidade e personalização das práticas. Para poder planificar adequadamente, foi importante conhecer a realidade da escola onde decorreu a PES. De facto, na medida em que conhecemos com maior objetividade a realidade, os pontos de referência e a situação dos alunos, com maior facilidade se pode planificar.¹⁶⁹

Neste sentido e, em jeito de síntese, são pertinentes as palavras do Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si*: «a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza» (LS, 215). Urge um conceito de educação que dê as mãos aos diversos tipos de experiências de vida e processos de aprendizagem, de modo a permitir aos jovens, individualmente e na interação social, desenvolver a sua personalidade.

¹⁶⁷ «Uma tarefa de planificação importante para os professores continuará a ser a escolha do conteúdo mais adequado a partir das várias áreas de estudo para um grupo específico de alunos» (Cf. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 102).

¹⁶⁸ Cf. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 107.

¹⁶⁹ Cf. M. Zabalza, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, (Porto ASA, 1987), 113.

CAPITULO 4

Reflexão para uma tipologia de intervenção pedagógica

Na quarta parte do trabalho, pretende-se elaborar uma proposta de intervenção pedagógica sobre os desafios do ícone do Bom Samaritano à fraternidade. A consciência de sermos irmãos porque somos filhos é o terreno bom onde cresce a ideia de fraternidade em relação aos outros. O comportamento do Bom Samaritano é um desafio a sair de si próprio e a prestar atenção ao outro; convida a gestos de abertura, acolhimento e a colocar-se de forma empática no lugar do outro.

No primeiro momento fazemos o enquadramento teórico percorrendo o documento que orienta o Programa de EMRC e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, nomeadamente, em relação à UL4 – Construir a fraternidade.

Por último uma proposta de intervenção baseada na perícópe do Bom Samaritano com a finalidade de ajudar à reflexão dos conceitos de cuidado, serviço, proximidade e fraternidade. A cada um de nós, Professor de EMRC e aluno, Jesus repete o que disse ao doutor da Lei: «vai e faz o mesmo» (Lc 10, 37). Todos somos chamados a percorrer o mesmo caminho do Bom Samaritano, imagem de Jesus que se fez servo.

1. Enquadramento Teórico

Guilherme de Oliveira Martins afirma que «o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações. Isto mesmo obriga a colocar a educação durante toda a vida no coração da sociedade».¹⁷⁰

Neste sentido, o trabalho do Professor de EMRC no acompanhamento espiritual do aluno oferece um modo evolutivo e pedagógico capaz de o ajudar a descobrir as suas potencialidades, a integrá-las e a valorizá-las, de modo que progressivamente vá construindo o seu projeto de vida. Juan Ambrosio a este respeito diz:

A nossa presença e trabalho na escola têm por missão última contribuir para *um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico* [...] Claro que esta missão - que, repito, é tão atual nos nossos dias - é feita a partir de uma perspetiva concreta e determinada [...] mas isso não nos pode impedir de perceber que neste desenvolvimento social e humano integral

¹⁷⁰ Cf. Martins, Guilherme d'Oliveira. *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Editado por Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e ciência, 2018.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

reside algo de muito fundamental para o nosso trabalho de professores de EMRC. Aliás, é o próprio Evangelho de Jesus Cristo, em quem acreditamos, que a isso nos impele. Estamos e queremos estar presentes na escola, de modo a promover um pleno desenvolvimento humano para o qual é necessário intervir no sentido da construção de uma sociedade mais equilibrada e de um futuro mais sustentável.¹⁷¹

A harmonia entre esta visão antropológica cristã e teológica permite conjugar os valores do evangelho com as instâncias socioculturais, a clareza dos fins com as instâncias educativas. A escola que se orienta neste sentido é uma «escola para a pessoa e das pessoas».¹⁷²

D. António Francisco dos Santos referindo-se ao perfil do professor de EMRC, assim se exprime:

Contém, em si, a ousadia do sonho que não é fruto do desejo humano, mas da esperança fundada na antecipação do sentido definitivo. E nenhuma outra disciplina permite contribuir com esta nota tão escassa no sistema educativo que deveria ser um formador de homens e não apenas um forjador de profissões.¹⁷³

Na faixa etária do 5.º ano de escolaridade, o aluno encontra-se num período, em que a sociabilidade assume um papel fundamental, na medida em que as relações da criança com os outros são máximas. A criança é capaz de interiorizar mais facilmente as normas do grupo do que as provenientes dos pais, uma vez que a sua afetividade entra progressivamente na emancipação do mundo familiar, como expressão da autoconsciência e a afirmação do seu Eu, ou seja, a família permanece importante, mas os amigos ganham maior relevância.

Nesta linha o Programa de EMRC no que concerne à caracterização psicológica dos alunos quanto às dimensões pedagógicas, lê-se:

Através da orientação e exemplo de adultos e pares, torna-se um participante competente no mundo e na cultura circundantes: aprender o uso do corpo, mente e objetos materiais, as ferramentas práticas do mundo adulto. Desenvolver um sentido de trabalho e recompensa duradouros.¹⁷⁴

¹⁷¹ Cf. Juan Ambrósio. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição de 2014». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação* 31-32 (2015): 65.

¹⁷² «A escola, de fato, tem como objetivo formar a pessoa de forma integral, intervindo com os instrumentos de ensino e aprendizagem, proporcionando uma formação para o pensamento crítico, para os valores determinantes, para as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e modelos de vida. Mas, sobretudo, envolvendo-a na dinâmica das relações interpessoais que constituem e vivificam a comunidade escolar» (Cf. Congregazione per l'Educazione Cattolica. «Educare insieme nella scuola cattolica. Missione condivisa di persone consacrate e fedeli laici». Roma: Tipografia Vaticana, 2007, n.º 13).

¹⁷³ António Francisco dos Santos, «O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional, edição de 2012». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação* 21-22 (2012): 18.

¹⁷⁴ *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014, 166.

Para uma exposição mais clara e objetiva sobre o que ficou dito anteriormente, apresentamos a tabela explicativa da caracterização psicológica dos alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico quanto às dimensões pedagógicas da experiência humana, da reflexão religiosa e da interpretação ético - moral:

Quadro 13: Caracterização das dimensões pedagógicas¹⁷⁵

Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da interpretação Ético - moral
<p>Crescente consciência de si e da diferenciação entre capacidades e fragilidades, associadas a emoções de orgulho e vergonha. Perceção de que os outros interpretam os acontecimentos e podem desconstruí-los e de que o comportamento pode esconder sentimentos e intenções. Mantem-se a importância referencial da família, mas os pais são cada vez menos deificados e onnipotentes. Os colegas e vizinhos proporcionam companhia, pontos de vista e experiências intelectuais e emocionalmente relevantes.</p> <p>A liderança dos grupos de amigos é errática e autoritária. Ainda não há uma diferenciação clara entre jogo competitivo e aprendizagem escolar.</p>	<p>Ultrapassa as limitações do pensamento intuitivo. Tenta reproduzir explicações lógicas: falha por falta de experiência. Mensagens entendidas literalmente, mesmo as mais simbólicas.</p> <p>Interpretação antropomórfica. Entendem a missão de Cristo.</p> <p>Apreciação mais espiritual do facto religioso, mas com algumas noções ainda mágicas.</p>	<p>Sensibilidade para a convenção social. Só segue as regras quando são do seu interesse. Na partilha, é justo o que é igual. Se bem que considera que os pontos de vista podem ser diferentes, o acento fixa-se no próprio ponto de vista.</p> <p>Empatia alargada aos desconhecidos.</p> <p>Cooperação e compromissos crescentes.</p> <p>Vergonha e culpa face ao erro moral.</p> <p>Desejo crescente de ajudar como objetivo pessoal.</p>

A educação é um bem relacional de grande importância, uma realidade ancorada na relação humana, ponto de partida de todo o percurso evolutivo. Um percurso que não exclui os valores que fundamentam o futuro da pessoa adulta nem a relação com o educador. Falamos de uma realidade complexa, porque tocamos neste percurso em fatores pessoais, individuais, ambientais e, na experiência educativa nas suas dimensões pedagógicas, espirituais, pastorais e comunicativas.

2. Planificação de uma proposta de intervenção pedagógica

Depois da reflexão anterior, tendo em conta as características dos alunos do 5º ano do Ensino Básico e os pressupostos atrás referidos, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, para a «Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade», sobre o ícone do Bom Samari-

¹⁷⁵ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 166.

tano, para aprofundar os conteúdos referidos no Manual do aluno, sobre as fragilidades e ameaças à fraternidade.

Privilegiamos a Meta Q. Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Pretendemos que o aluno tome consciência que se deve comprometer na construção de um mundo fraterno, promovendo o bem comum e o cuidado do outro. A síntese será a expressão das aprendizagens adquiridas nas aulas precedentes e as que aprenderam na aula em questão. A aula foi planificada para dois momentos: num primeiro momento, além do acolhimento e do sumário, os alunos deverão realizar uma dinâmica: o guardanapo. Esta dinâmica permite analisar as atitudes que temos em relação aos outros, permitindo, também, desenvolver atitudes de atenção aos outros e atitudes positivas para os compreender melhor.

No segundo momento os alunos são convidados a realizar uma *Caça ao Tesouro* sobre a parábola do Bom Samaritano. A atividade é precedida pela leitura da perícopes, de seguida, a turma é dividida em dois grupos. Os grupos são convidados a percorrer o percurso previamente assinalado pelo professor e responder aos desafios de cada etapa.

Metas	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
Q. Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	«Vai e faz o mesmo» (Lc 10, 37) - O próximo é Jesus presente no que precisa de: - Ajuda, - Cuidado, - Proximidade, - ...	Sumário	Caderno diário	5m	Verificar se os alunos registam o sumário.
		Jogo do guardanapo	Pacotes de guardanapos de cor: - Vermelho; - Branco; - Azul.	10m	- Participação; - Empenho; - Respeito.
		Leitura da Parábola (Lc 10, 25-37) Caça ao Tesouro Bom Samaritano - Divisão dos grupos; - Explicação das regras; - Realização do jogo.	Bíblia - Cartões com as perguntas; - Caixas para colocar os cartões ao longo do percurso; - Caixa com as soluções e as folhas para avaliação da atividade.	35m	- Atenção; - Colaboração; - Cumprir as regras; - Motivação; - Partilha.

Quadro 14: Planificação da proposta de intervenção pedagógica

No final do percurso, o professor, preenche a tabela de pontuação das respostas e fará com os alunos uma avaliação da atividade e, conjuntamente elaboram a síntese das aprendizagens. Cada aluno recebe no final um frasquinho com a parábola do Bom Samaritano. No rótulo tem a frase: «Vai e faz o mesmo» (Lc 10, 37).

1.1. Proposta de intervenção pedagógica: os jogos

A) O guardanapo

Temos três pacotes de guardanapos de papel com cores diferentes: vermelhos, brancos e azuis. Os alunos são convidados a sentarem-se em círculo. Colocam-se os três pacotes de guardanapos abertos no centro do círculo formado pelos participantes. A dinâmica do jogo consiste em que haja um voluntário que se levante e pegue, sem dizer nada, um guardanapo de cada cor e os ofereça a três colegas (um guardanapo por colega), de acordo com o significado da cor. O guardanapo vermelho significa que o dador está a dizer ao outro que necessita ou quer a sua amizade; o guardanapo branco significa que lhe pede ajuda; o guardanapo azul significa que quer estar disponível para o ajudar.

Depois de distribuir os guardanapos pelos três colegas, volta para o seu lugar para que outro aluno repita a dinâmica. O professor deve orientar os alunos de modo que não demorem muito tempo a realizar a dinâmica. No final do jogo, reserva-se um tempo para o diálogo. Cada aluno, se assim o desejar, exprimirá os sentimentos que experienciou ao verificar que tem mais guardanapos de uma cor e poucos de outras.

O objetivo do jogo permite auto avaliar as atitudes que se tomam perante o outro, perante o grupo e como lidamos com as dificuldades de bloqueio na relação com os pares, com o próximo.

B) Caça ao tesouro

O professor divide a turma por grupos de seis elementos. Cada grupo elege um aluno para assinalar as respostas aos desafios. De seguida, o professor faz a explicação da atividade – *Caça ao Tesouro* – ao longo da qual, os alunos, terão desafios para resolver. O professor alerta que o mais importante é cumprir bem os desafios e a colaboração entre todos.

Ao aluno responsável são entregues os ícones¹⁷⁶ de orientação do percurso e a folha com as questões relativas a cada desafio para assinalar as respostas que o grupo dá. Para res-

¹⁷⁶ O primeiro ícone diz «*Caça ao Tesouro* - 1.ª pista». O primeiro cartão corresponde às questões a responder e assim sucessivamente.

ponder a cada desafio, os alunos encontrarão ao longo do percurso, dentro de uma caixa que está escondida, um cartão com as perguntas.


Chegados ao final do percurso, o professor verifica com cada grupo as respostas, preenche a tabela de pontuação e faz a síntese das aprendizagens sobre a parábola do Bom Samaritano e as implicações que tem na vida de cada um de nós.

De seguida, o professor distribui a cada grupo as folhas de avaliação da atividade. Depois de todos realizarem a avaliação o professor recolhe as folhas e diz ao grupo que nas próximas aulas continuarão a descobrir mais elementos que os ajudarão a compreender as implicações da fraternidade na vida pessoal, familiar, de grupo e na sociedade. Para terminar o professor convida cada aluno a retirar da «caixa do tesouro» o frasco com a parábola do Bom Samaritano.

1.2. Materiais realizados para a atividade


a) Cartões da Caça ao Tesouro

1. Um homem estava a viajar. Ia de onde para onde?




- a) De Naim para Sicar.
- b) De Jerusalém para Jericó.
- c) De Jericó para Emaús.

2. O que aconteceu ao homem no caminho?




- a) Foi assaltado.
- b) Caiu e partiu uma perna.
- c) Foi mordido por um bicho.

3. Como é que este homem foi encontrado?




- a) Aos gritos
- b) No chão, com muitas feridas
- c) Com as mãos ligadas

4. Quem foi a primeira pessoa a ver o homem ferido?




- a) Um enfermeiro
- b) Um administrador
- c) Um sacerdote

5. Que atitude teve o sacerdote ao ver o homem ferido?




- a) Curou as feridas
- b) Encheu-se de compaixão
- c) Olhou e seguiu adiante

6. Quem foi a segunda pessoa a ver o homem ferido?




- a) Levita
- b) Profeta
- c) Discípulo

7. O que fez a segunda pessoa quando viu o homem ferido?




- a) Curou-o
- b) Ligou-lhe as feridas
- c) Viu, não fez nada e seguiu o seu caminho

8. Quem era a terceira pessoa que viu o homem ferido?




- a) Um doutor da lei
- b) Um professor
- c) Um samaritano

9. **Que fez a terceira pessoa que viu o homem ferido?**




a) Ligou as feridas e levou-o a uma estalagem
b) Passou adiante sem fazer nada
c) Esperou que alguém o ajudasse a levar a uma estalagem

10. **As feridas foram curadas com:**




a) Azeite e vinagre
b) Azeite e vinho
c) Vinho e vinagre

11. **Quanto custou o primeiro pagamento da estalagem?**




a) Um denário
b) Três denários
c) Dois denários

12. **Quem fez o pagamento na estalagem?**




a) O sacerdote
b) O samaritano
c) O doutor da lei

13. **Quem disse que pagava todas as despesas?**




a) O samaritano
b) O doutor da lei
c) O dono da estalagem

14. **Quem perguntou a Jesus: «Quem é o meu próximo?»**




a) Um escriba
b) Um samaritano
c) Um Apostolo

15. **O que respondeu Jesus à pergunta sobre o próximo?**




a) Que o próximo é um vizinho
b) Que o próximo é a família
c) Que o próximo é todo aquele que precisa de ajuda.

16. **Para explicar quem é o próximo, qual foi a parábola que Jesus contou:**




a) Administrador infiel
b) Bom samaritano
c) Dos talentos

17. **Qual foi o próximo do homem ferido?**



a) Foi o Samaritano
b) Foi o Levita
c) Foi o Sacerdote

18. **Qual é a mensagem da parábola?**



a) Devemos ajudar todos os que precisam da nossa ajuda
b) Ficar indiferente quando precisam de nós.
c) Ajudar apenas quando ajudam a nós.

b) Folhas para assinalar as respostas da caça ao tesouro



Respostas	
Cartão 1 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 6 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 2 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 7 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 3 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 8 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 4 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 9 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 5 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 10 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 11 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 15 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 12 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 16 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 13 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 17 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>
Cartão 14 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>	Cartão 18 a) <input type="checkbox"/> b) <input type="checkbox"/> c) <input type="checkbox"/>

c) Soluções das respostas à Caça ao Tesoura



Soluções	
1. Resposta b)	10. Resposta b)
2. Resposta a)	11. Resposta c)
3. Resposta b)	12. Resposta b)
4. Resposta c)	13. Resposta a)
5. Resposta c)	14. Resposta a)
6. Resposta a)	15. Resposta c)
7. Resposta c)	16. Resposta b)
8. Resposta c)	17. Resposta a)
9. Resposta a)	18. Resposta a)

d) Tabela geral de Pontuação

Tabela para correção das respostas às questões do jogo Caça ao Tesouro.		
		<p>Caça ao Tesouro Tabela Geral de Pontuação* (0-1)</p>
<p>Resposta certa vale um ponto. A resposta errada num cartão é cotada com zero.</p>		
Cartões	Grupo 1 - Pontuação	Grupo 2 - Pontuação
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
Total		

e) Sinalética para orientar o percurso da caça ao tesouro (frente e verso)



f) Desafio:



g) Tabela de avaliação

Avaliação de Grupo			
Avaliar – Saber Melhorar: viver o momento de avaliação como parte essencial para reforçar a colaboração, o empenho, a responsabilidade e o crescimento nas aprendizagens em grupo.			
Para avaliar	Positivo (Pontuação 5)	Melhorar (Pontuação 3)	Não sei (Pontuação 0)
As decisões de resposta foram partilhadas por todos?			
Todos deram a sua opinião?			
Todos escutaram a opinião uns dos outros?			
O grupo respeitou a opinião de cada um?			
Fomos capazes de trabalhar em grupo?			
Houve empenho, responsabilidade e colaboração no grupo?			
O grupo respeitou as regras do jogo?			
O que aprendemos?			
Que emoções identificamos?			

Conclusão

Ao terminarmos o Relatório, podemos dizer, que é o culminar de um percurso muito enriquecedor e oportunidade única de reflexão, confronto, que nos ajuda a crescer e amadurecer como profissionais da educação neste campo da EMRC.

Fazendo a retrospectiva de todo o percurso, estamos convencidos que foi uma excelente possibilidade para cimentar melhores práticas pedagógicas, de modo particular, no que respeita à planificação, à avaliação, à utilização de estratégias e práticas pedagógicas mais adequadas ao perfil dos alunos às finalidades desta disciplina.

Escrevemos na introdução que a nossa investigação se diferencia por explorar uma dimensão mais teórica e por procurar oferecer uma perspetiva mais sistemática que ainda não foi desbravada, sobretudo, na dimensão do serviço. Efetivamente confrontamo-nos com a abrangência do estudo o que dificultou uma maior profundidade. A nossa preocupação foi a releitura do tema, aproximando-o da educação.

Neste sentido, pretende-se estudar os fundamentos desta pedagogia do serviço na Bíblia. Por causa da profundidade que gostaríamos de alcançar neste exercício de clarificação e definição do conceito de «serviço», o nosso trabalho assumiu uma forte dimensão de análise linguística e, em alguns momentos, etimológica.

No primeiro capítulo o conceito de serviço e assume múltiplos significados na Bíblia: temos no Antigo Testamento o profeta, aquele que personifica o serviço como algo afirmativo, criativo e de denúncia. Encontramos o serviço ligado ao culto, como o serviço do altar. O Servo de Iahweh que expia os pecados pelo seu serviço (sofrimento).

O significado neotestamentário do termo *diakoneô* vem testificar a inversão de todas as hierarquias. O sentido pleno do termo *diakoneô* encontra-se na pessoa de Jesus e do seu evangelho: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de todos» (Mc 10, 45). No NT o termo *diakoneô* designa, igualmente, o amor e o serviço ao próximo.

Hoje falamos de serviço como ajudar, mas no tempo bíblico anterior a Jesus e no tempo de Jesus era algo mais trabalho; significava trabalho duro realizado numa relação muitas vezes opressiva e de submissão. Relaciona-se assim com a escravatura: aquele que serve é o escravo. A realidade da escravatura não é algo secundário no pensamento teológico, porque a realidade da redenção e da salvação vai beber daí todo o seu imaginário, pois redimir significa objetivamente pagar o preço necessário para libertar o escravo, tornando-o pessoa livre.

Outro significado que aparece é a relação de serviço em contexto ritual ou litúrgico. Aqui é Deus e não um homem que se serve e não se trata de um trabalho braçal, mas ritual, levítico ou até sacerdotal. O primeiro significado é expresso no Hebraico pela raiz ‘*bd* e o segundo é pela raiz *šrt*, no Hebraico; no NT o primeiro é mais correspondente com *doúleo* e o segundo com *latreuô*. Deus ao fazer-se não só homem, mas servo, vai inverter os papéis de hierarquia. Nesta linha, o subordinado passa a ter poder. Só com esta iniciativa de Deus se fazer servo se pode reconfigurar profundamente a lógica da submissão. Desta forma, o «serviço» significa libertar dos paradigmas de servidão.

A radicalidade de Jesus: se concretizarmos esta lógica «disruptiva» do serviço como recusa do poder e caminho para Deus, já não somos servos, mas amigos, e até já não somos servos (como Filho Pródigo) mas filhos e irmãos. É importante que os alunos percebam que no tempo de Jesus o serviço não é apenas ajuda, mas a experiência de considerar o outro como igual ou mesmo superior a si, mesmo que esteja numa situação vulnerável, de necessidade. É importante que percebam estes paradigmas de outras culturas antigas, que já não existem, nas quais nos impérios os servos ou escravos exprimiam esta lógica muito dura de submissão e de opressão. Hoje o serviço já não tem esta dureza, mas deve ser executado com a total humildade e com a doçura da fraternidade que Jesus comunicou.

A EMRC é uma disciplina promotora da fraternidade. Tem um importante contributo a dar no processo de aquisição de competências dos alunos¹⁷⁷. Para que o professor a qualifique como educativa, é necessário que este se coloque num processo de crescimento contínuo, a partir do papel que lhe compete, não somente o de educar, mas sobretudo o de se educar.

O grande desafio, que situação juvenil atual lança à escola e às comunidades educativas, diz respeito à nova compreensão da presença do adulto como educador, como pessoa capaz de trabalhar em cooperação, que seja ponto de referência credível, guia que encoraja e acompanha.

Nesta linha, a experiência de estágio numa “zona periférica” como é Chelas, motivou-nos a olhar para a Pedagogia Educativa Salesiana como um bom instrumento de atualização

¹⁷⁷ Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015): 29-61.

dos princípios de São João Bosco com crianças vulneráveis e necessitadas de excelência educativa.

São João Bosco assumiu uma pedagogia de vida, um estilo educativo que tinha como horizonte responder aos apelos do seu tempo, procurando viver o Evangelho de uma forma diferente e nova para o seu tempo. Apaixonado pela educação dos jovens foi capaz de inventar respostas originais perante os desafios e as necessidades emergentes do contexto em que vivia.

A sua proposta educativa é de uma vivência em comunidade, em família. João Bosco insistia com os seus jovens para que se tornassem «honestos cidadãos e bons cristãos». A simplicidade desta fórmula esconde o esforço que exige o compromisso constante na educação das crianças e jovens. Está ancorada no «espírito de família», na responsabilização e autonomização do jovem pelo serviço, no sistema preventivo. Para João Bosco a qualidade da relação educativa vai determinar a qualidade do crescimento integral da criança e do jovem.

Como proposta de formação global, pelos princípios da razão, religião e amor, adapta-se a todo o contexto social e diferentes confissões religiosas. A visão preventiva, enraizada no realismo cristão, sustentada pelo otimismo evangelico, interpela a pessoa interiormente. Estimula a criança e o jovem a assumir a própria vida com responsabilidade e a comprometer-se na construção da fraternidade e do bem comum.

Para a reflexão sobre a Pedagogia do serviço revelou-se particularmente interessante a obra de J.M. Puig, R. Batlle, C. Bosch e J. Palos, onde se constata que é uma proposta complexa e inovadora. No entanto, como já se expôs no segundo capítulo, desafia a cruzar o saber com o fazer em relação ao outro, torna possível a construção de uma comunidade que serve, incluindo a escola. Neste sentido, a escola sai de si, envolvendo-se em projetos concretos, fomentando a motivação dos alunos na construção da cidadania, envolvendo-os no compromisso com a comunidade humana em vista do bem comum, do cuidado do outro e da fraternidade.

Por último a proposta de intervenção baseada na perícopes do Bom Samaritano tem como finalidade ajudar à reflexão dos conceitos de cuidado, serviço, proximidade e fraternidade. A Unida Letiva 4: Construir a fraternidade está bem estruturada, no entanto, a dimensão samaritana do cuidado do outro tem pouca expressividade. Numa possível revisão do Manual do aluno seria interessante incluir esta dimensão na temática da fraternidade.

No ícone do Samaritano do evangelho compreendemos que o amor de Deus se exprime na relação entre pessoas, na proximidade, na fraternidade e no cuidado do outro. Após o estudo sobre o sentido bíblico do serviço, da reflexão sobre a pedagogia salesiana e sobre a pedagogia do serviço, ousamos dizer que a lecionação desta unidade sobre a fraternidade, será certamente, mais enriquecida com as dimensões educativas que cada uma oferece.

A experiência pedagógica-espiritual de São João Bosco é uma forma de educar que privilegia o bem integral dos jovens, o acompanhamento, promove a capacidade crítica, a maturidade humana e espiritual, a participação ativa na sociedade.

A pedagogia salesiana dispõe-se a educar promovendo a cultura para que a inserção das novas gerações nos diversos contextos socioculturais, orientada pela fé e pela adesão aos valores evangélicos, ajude a promover a cultura da vida e a agir como cidadãos responsáveis.

Nesta linha, usando a metáfora da casa, para São João Bosco, a pedagogia do serviço, seria uma casa aberta aos desafios da educação integral, uma casa aberta para o encontro, para a construção da paz, para o acolhimento do outro, para a construção de um mundo mais fraterno.

Concluindo, o professor de EMRC, enquanto cristão empenhado deve ser esta «casa aberta», ao jeito samaritano, para educar aos valores, despertando nos educandos a capacidade de amar, acompanhá-los na difícil tarefa de construir a própria personalidade de modo positivo e projetual. A visão cristã da vida favorece o encontro com Jesus, exprime-se na partilha solidária, e educa pessoas capazes de habitar o mundo tornando-o mais humano.

Bibliografia

- Agneray, Paul, Jean François Baudoz, Jean-Marie Carrière, Roselyne Dupont Roc, Marie Thérèse Perrot e Christophe Raimbault. «*Diakónia El servicio en la Biblia*», *Cuadernos Bíblicos* 159 (2013): 1- 68.
- Ambrósio, Juan. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição de 2014». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação* 31-32 (2015): 63-81.
- Arends, R. *Aprender a Ensinar*, Lisboa, McGraw- Hill, 1995.
- Battle, Roser. «Aprendizaje-servicio. Compromiso social en acción». *Santillana Educación* (2020): 1-21.
- Bergoglio, J.M. *Educar para uma esperança ativa. Mensagem aos educadores*, Paulinas, 2015.
- Bergoglio, J.M. *O verdadeiro poder é servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*. Nascente, 2013.
- Carvalho, Cristina Sá. «Pedagogia do Serviço — uma perspetiva de planificação e de implementação». *Pastoral Catequética* 41 (2018): 49-130.
- Carrón, J. *Educazione, comunicazione di sé – Un contributo al «patto educativo» voluto da papa Francesco*. Traduzido por Maria Inácia Ramos Ascensão. Lucerna, 2020.
- Carreira das Neves, Joaquim. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- Cavaglià, Piera. «La relación educativa en don Bosco: Un tesoro. Educación y futuro». *Revista de investigación aplicada y experiencias educativas*, n.º 28 (abril 2013): 83-100.
- Cecchetti, Elcio, Neuzair Peiter Cordeiro. «Educação para a fraternidade: contribuições do Ensino Religioso não confessional». *Revista Encontros Teológicos* 36, n.3 (2021): 564-578.
- Chinello, M. Antonia, Enrica Ottone, Piera Ruffinato. *Educare è prevenire. Proposte per educatori*. Roma: LAS, 2015.

Coenen, Lothar, Erich Beyreuther e Hans Bietenhard. «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.4: 212-216. Salamanca, 1984.

_____ «*Diccionario teológico del Nuevo Testamento*». Ed. Sígueme, vol.2: 270. Salamanca, 1990.

Congregazione per l'Educazione Cattolica. «Educare insieme nella scuola cattolica. Missione condivisa di persone consacrate e fedeli laici»: Roma: Tipografia Vaticana, 2007.

Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização. *As Parábolas da Misericórdia. Jubileu da Misericórdia 2015-2016*: Paulus Editora, 2015.

Cordeiro, J. *Os diáconos na Igreja. Fontes e documentos*, Fátima, Secretariado Nacional da Liturgia, 2020.

Corrêa d'Almeida, Bernardo, *A vida numa palavra. Uma nova leitura do Evangelho de S. João*. Porto: Universidade Católica Editora, 2012.

Dos Santos, António Francisco. «O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional, edição de 2012». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação* 21-22 (2012): 9-19.

Figueiredo, Ilda. *Educar para a cidadania*. Porto: Edições ASA, 2001.

G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. X. Verlag W. Kohlhammer GmbH, 1999.

Herranz Marco Mariano. *San Pablo en sus Cartas. Ediciones Encuentro*, 2011.

Jenni Ernst, Claus Westermann. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, SL, 1985.

Joseph Ratzinger. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2007.

Leon-Dufour, Xavier. *Lectura del Evangelio de Juan, III*. Salamanca: Sígueme, 1995.

March. W. Eugene. *Os grandes temas da Bíblia*, Vol. I. Apelação: Paulus Editora, 2010.

Mesters, Carlos. «El siervo de Yahvé. La sufrida resistencia de los pobres, espejo de la justicia de Dios». *Concilium: Revista Internacional de Teología*, nº 299 (2003): 45-83.

Pagola, José Antonio, *Grupos de Jesus*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

Papa Francisco, Ahmad Al-Tayyeb, *Fraternidade humana. Em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum*. Prior Velho: Paulinas, 2019.

Puig, J.M., R. Batle, C. Bosch e J. Palos. *Aprendizaje servicio. Educar para la ciudadanía*. Madrid: Ediciones Octaedro, S.L., 2007.

Romano Penna, Giacomo Perego e Gianfranco Ravasi. *Temi teologici della Bibbia*. San Paolo, 2010.

Ruffinatto, P. *La relazione educativa: orientamenti ed esperienze nell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*. Roma: LAS, 2003.

Sá Carvalho, Cristina. «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015): 29-61.

Savagnone Giuseppe, Alfio Briguglia. *Il coraggio di educare*, Leumann. Torino: Elledici, 2010.

Schürmann, H. *El destino de Jesús: su vida e su muerte*. Salamanca: Sígueme, 2003.

Spólnik, Maria, «La questione antropologica interpela il Sistema Preventivo oggi», *Rivista di Scienze dell'Educazione*, n. 1(2013): 92-120.

Magistério da Igreja

PAPA BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. Lisboa: Paulos, 2009.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Lisboa, Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato SÌ*. Lisboa, Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Christus Vivit*. Lisboa: Paulus, 2019.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*. Lisboa, Paulinas, 2013.

EMRC e Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho do Ministério da Educação. Diário da República: Série I, n.º 129, 2918–2928.

<https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>

Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho do Ministério da Educação. Diário da República: Série I, n.º 129, 2928–2943.

Ministério da Educação. *Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica*:

5.o Ano, 2.o ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação, 2018.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/emrc_1c_2a.pdf

Martins, Guilherme d`Oliveira. *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Editado por Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e ciência, 2018.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014. Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.

———. *Conta Comigo: Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica 5.o ano do Ensino Básico*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Documentos da Internet

Anghinoni, Antonella. «*Va' dai miei Fratelli: La fraternità nel Nuovo Testamento*», acessido a 19 de abril de 2022, <https://docplayer.it/55765435-Va-dai-miei-fratelli.html>

Cervantes, Ochoa, A. Pérez Galván e L. M. «El aprendizaje servicio, una estrategia para impulsar la participación y mejorar la convivencia escolar». *Psicoperspectivas*18, n.1 (2019): 1-13.

<http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue1-fulltext-1478>

Da Silva Dias, Tiago Cosmo. «*A parábola do pai misericordioso. Uma releitura de Lc 15, 11-32 à luz do contexto histórico – cultural da Palestina no tempo de Jesus*», acessido a 24 de abril de 2022,

<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1417>

De Freitas Salgado, Samuel. «*Dois filhos, dois mundos, um pai e uma mesa. Exegese de Lucas 15, 11-32*», acessido a 24 de abril de 2022.

http://www.revistaancora.com.br/revista_5/Filho%20pr%C3%83%C2%B3digo%205%20ed%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o.pdf

De Oliveira, Flávio Martinez. «*Lucas 15,11-32: O que é dissipado e o que nunca está perdido no Jovem*». Estudos Bíblicos 28 (110). São Paulo: 64-79. Acedido a 24 de abril de 2022.

<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/399>

Ferreira, Joel António. «*A Prática do Amor em João 13: a nova comunidade cristã*». Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas 25.3 (2015): 353-360. Acedido a 25 de abril de 2022.

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4194>

Furco, Andrew. «El aprendizaje-servicio: un enfoque equilibrado de la educación experiencial». *Revista Educación Global* (2011): 64-70.

Giovanni Paolo II, *Iuvenum Patris. Lettera nel centenario della morte di san Giovanni Bosco*, Acedido a 30 de maio de 2022.

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1988/documents/hf_jpii_let_19880131_iuvenum-patris_it.html n° 15.

Lebedenco, Ricardo. «*O princípio do servir na perspectiva bíblica e histórica*», *Revista Batista Pioneira* 9, n.1 (2020): 139-182, acedido a 2 de março de 2022.

<http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/373>

Mastantuono, Antonio. «*Una certa idea di fraternità*», acedido a 19 de abril de 2022,

http://www.impegnoeducativo.it/2014/wp-content/uploads/2016/09/Una-certa-idea-difraternit%C3%A0_2_2013.pdf

Neves Silva, Rosemary Francisca. «*O Servo de YHWH: Uma análise de Isaías 42,1-4*», *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia* 15, n. 2 (2017): 268-278, acedido a 2 de março de 2022,

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6102/3393>

Papa Francisco. «*Pacto Educativo Global – Instrumentum Laboris*». (2019): 1-19. Acedido a 23 de junho 2022.

<https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>

Perondi Ildo, Fabrizio Zandonadi Catenassi. «*A compaixão do pai no centro do enredo da parábola do filho perdido e reencontrado (Lc 15, 11-32)*». *Teoliteraria-Revista de Literaturas e Teologias* 11, n. 25 (2021): 106-131. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2021v25p106-131>

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Dinis. Acedido a 8 de janeiro 2021.

<https://aa59a12b-540c-4dd2-b810>

7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab_8cb50741b6d74c9c90e7babb41f5d282.pdf

Ruffinato, Piera. «Fidelidade ao “espírito de S. João Bosco”. Chave interpretativa da metodologia educativa das Filhas de Maria Auxiliadora», acedido a 5 de junho de 2022.

[https://centrostudifma.pfse-auxilium.org/it/pdf/csfma/piera-ruffinato-la-](https://centrostudifma.pfse-auxilium.org/it/pdf/csfma/piera-ruffinato-la-fedelt%C3%A0-allo-spirito-di-don-bosco.pdf?GENEREDOCUMENTO_ID=18)

[fedelt%C3%A0-allo-spirito-di-don-bosco.pdf?GENEREDOCUMENTO_ID=18](https://centrostudifma.pfse-auxilium.org/it/pdf/csfma/piera-ruffinato-la-fedelt%C3%A0-allo-spirito-di-don-bosco.pdf?GENEREDOCUMENTO_ID=18)

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Volume 3, Tradução de J. Dias Ferreira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1923-1924.

Vaz, A. do S. «Lectio divina da parábola do pai misericordioso». *Didaskalia*, 35, n.1-2, (2005): 201-224. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2005.1691>

Documentos consultados

Almendra, L. «Quem é o meu próximo». *Communio*, XXVI (2009): 145-156.

Alves, H. «Jesus Cristo à luz do “servo do Senhor”». *Communio*, XVIII (2001): 101-115.

Braido, Pietro. «Il sistema preventivo in un decalogo per educatori». *Ricerche storiche salesiane* 4, nº1 (1985): 131-148.

De Lima Teixeira, Patrícia Espíndola. «Pacto Educativo Global: a oportunidade de (re) construção do diálogo com as novas gerações». *Revista de Educação ANEC* 49, nº 162 (2020): 45-60.

De Oliveira, Lidiane Lacerda. «Diálogos educativos para a transformação social. O Contexto das Políticas Públicas e a Área da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global II». *Sinergias* (junho 2021): 5-187.

Gallardo, Rafael Mendía. «El Aprendizaje-Servicio como una estrategia inclusiva para superar las barreras al aprendizaje ya la participación». *Revista de Educación Inclusiva* 5, nº1 (2017): 71-88.

García-Martín, X., Bär-Kwast, B., Gijón-Casares, M., Puig-Rovira, J.M., & Rubio-Serrano, L. (2021). El mapa de los valores del aprendizaje-servicio. *Alteridad*, 16(1), 12-22. <https://doi.org/10.17163/alt.v16n1.2021.01>.

- Garrido, Armisen, Cristina Imaz Chacón, Carlos Prieto Dávila e Lucía Vallecillo Graziatti. «Ciudadanía Global Y Aprendizaje-Servicio». *Comillas Journal of International Relations*, n.º 19 (dezembro 2020): 100-106.
<https://doi.org/10.14422/cir.i19.v2020.008>.
- Junior, Dorival de Freitas. «Escritos de João Bosco aos educadores: sistema preventivo versus sistema repressivo». *Revista Ciências da Educação* 28, n.º 35 (outubro 2016): 81-97.
- Mialhe, Jorge Luís e Renato Kraide Soffner. «Ensaio sobre os fundamentos pedagógicos do método educativo de João Melchior Bosco (Dom Bosco)». *Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB* 26, n.º 57 (2021): 59-80.
<https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i57.1512>.
- Mota, Guadalupe Corrêa. «Pacto Educativo Global: espaço-tempo para construir a fraternidade universal». *Revista de Educação ANEC* 44, n.º 165 (setembro- dezembro 2021): 2-260. <https://doi.org/10.22560/reanec.v52i165.335>
- Nájera, Pedro María Uruñuela. «Aprendizaje-servicio: una metodología para el desarrollo de la convivencia». *Revista AMAzônica* 6, n.º1 (junho 2011): 35-61.
- Papa Francisco. «Pacto Educativo Global: Instrumentum Laboris». (2019): 1-18.
- Pelegrine, Viviane Guimarães. «O amor e a educação no sistema preventivo de Dom Bosco». *Revista Eletrônica de Educação* 1, n.º2 (Janeiro – Junho 2008): 1-22.
- Rojas, Héctor Lamas. «La pedagogía de la alternância». *Revista de Investigación Apuntes Psicológicos* 1, n.º2 (2016): 59-70.
- Rovira, Josep Maria Puig, et al. «Aprendizaje-servicio y Educación para la Ciudadanía». *Revista de educación*, n.º 1 (2011): 45-67.
- Ruiz, Bejarano, Aurora María. «Sinergias universidad y escuela infantil: aprendizaje-servicio y el compromiso con los derechos de la infância». *Revista Iberoamericana de educación* 76 (Janeiro- abril 2018): 57-78.
- Ruiz, Mora Édgar Javier. «La pedagogía salesiana: un espacio posibilitador de humanismo cristiano». (2015), acedido 14 de junho 2022.
<https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/16976>
- Súa, Francisco Niño. «Acercamiento al Pacto Educativo Global». *Revista Albertus Magnus* 12, n.º1 (2021): 7.

Vázquez, Toledo, Liesa Orús, Lozano Roy. «Recreos cooperativos e inclusivos através de la metodología de aprendizaje-servicio». *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado* 20, nº1 (2017): 173-185.

<https://doi.org/10.6018/reifop/20.1.213181>